

blake pierce



se ela soubesse

um enigma kate wise—livro 1

blake pierce



se ela soubesse

um enigma kate wise—livro 1



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais
lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade
poderá enfim evoluir a um
novo nível."**



se ela soubesse

(um enigma da série kate wise - livro 1)

bl a k e p i e r c e

Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho), da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas THE MAKING OF RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

[SEM PISTAS](#) (da série Riley Paige—Livro 1), [ANTES QUE ELE MATE](#) (da série Mackenzie White – Livro 1), e [RAZÃO PARA MATAR](#) (da série Avery Black – Livro 1) e [UM RASTRO DE MORTE](#) (Um Mistério de Keri Locke--Livro 1) estão disponíveis com o download grátis no Amazon!

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

Direitos Autorais © 2018 por Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto conforme o permitido sob as Leis Americanas de Direitos Autorais (EUA Copyright Act, de 1976), nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um sistema de banco de dados ou de recuperação, sem a prévia autorização do autor. Este e-book é licenciado apenas para seu prazer pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou distribuído para outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, adquira uma cópia adicional para cada destinatário. Se você está lendo este livro e não o comprou, ou ele não foi comprado apenas para o seu uso, então, por favor, devolva o livro e compre a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho duro deste autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais, eventos e incidentes são um produto da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência. Imagem da capa Copyright Elena Belskaya, usada sob licença da Shutterstock.com.

LIVROS ESCRITOS POR BLAKE PIERCE

SÉRIE DE ENIGMAS KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro nº1)

SE ELA VISSE (Livro nº2)

SÉRIE OS PRIMÓDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

ESPERANDO (Livro #2)

SÉRIE DE MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

SÉRIE DE ENIGMAS MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro nº1)

ANTES QUE ELE VEJA (Livro nº2)

ANTES QUE COBICE (Livro nº3)

ANTES QUE ELE LEVE (Livro nº4)

ANTES QUE ELE PRECISE (Livro nº5)

ANTES QUE ELE SINTA (Livro nº6)

ANTES QUE ELE PEQUE (Livro nº7)

ANTES QUE ELE CAÇA (Livro nº8)

ANTES QUE ELE ATAQUE (Livro nº9)

SÉRIE DE ENIGMAS AVERY BLACK

MOTIVO PARA MATAR (Livro nº1)

MOTIVO PARA CORRER (Livro nº2)

MOTIVO PARA SE ESCONDER (Livro nº3)

MOTIVO PARA TEMER (Livro nº4)

MOTIVO PARA SALVAR (Livro nº5)

MOTIVO PARA SE APAVORAR (Livro nº6)

SÉRIE DE ENIGMAS KERI LOCKE

UM RASTRO DE MORTE (Livro nº1)

UM RASTRO DE HOMICÍDIO (Livro nº2)

UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro nº3)

UM RASTRO DE CRIME (Livro nº4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro nº5)

SUMÁRIO

[PREFÁCIO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)

[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPÍTULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTE E NOVE

PREFÁCIO

Ele não viu ninguém que lhe observasse enquanto se esgueirava pela tranquila rua suburbana à noite. Era uma hora da madrugada e era o tipo de vizinhança onde as pessoas iam para a cama cedo, uma noite agitada consistia em muitas taças de vinho enquanto se assistia ao *The Bachelor*.

Era o tipo de lugar que ele desprezava.

Eles pagavam taxas de associação de propriedade, pegavam as fezes de seus cães em pequenos sacos de plástico para não desagradar seus vizinhos, e seus filhos certamente praticavam esportes não apenas nos campeonatos do ensino médio, mas em campeonatos privados do condado. O mundo era um *mar de rosas* para eles. Eles se sentiam seguros. Claro, eles trancavam suas portas e ligavam os alarmes, contudo, eles se sentiam seguros.

Isso estava prestes a mudar.

Ele andou até um gramado. Certamente ela estaria em casa agora. Seu marido estava viajando a negócios em Dallas. Ele sabia qual janela era a janela do quarto dela. E ele também sabia que o alarme de segurança nos fundos da casa não funcionava quando chovia.

Ele se mexeu e sentiu a presença da faca, enfiada na parte de baixo das costas, entre o elástico da cueca e o jeans. Ele ficou na lateral da casa, abriu a garrafa de água que levava e, quando chegou aos fundos da casa, parou. Havia a luz verde brilhante saindo da pequena caixa do alarme de segurança. Ele sabia que, se tentasse destruí-la, o alarme dispararia. Ele sabia que, se tentasse abrir uma porta ou abri-la, o alarme dispararia.

Mas ele também sabia que o alarme estragava na chuva. Acontecia por causa da umidade, mesmo esse tipo de sistema sendo cem por cento impermeável. Com isso em mente, ele levantou a garrafa de água e a derramou.

Ele viu quando a pequena luz verde piscou, ficou fraca.

Com um sorriso, ele entrou na pequena parte do quintal. Ele subiu as escadas da varanda dos fundos. Usar a faca para forçar a porta de tela foi fácil; fez muito pouco barulho na quietude daquela noite.

Ele foi até a cadeira de vime no canto, levantou a almofada e encontrou a chave embaixo. Ele pegou-a com a mão enluvada, foi até a porta dos fundos, enfiou a chave, girou a fechadura e entrou.

Uma pequena lâmpada estava acesa no corredor estreito que saía da cozinha. Ele seguiu este corredor até uma escada e começou a subi-la.

A ansiedade rodopiou em suas entranhas. Ele estava ficando excitado - não de uma maneira sexual, mas da maneira como ele costumava ficar quando entrava em uma montanha-russa, a antecipação excitando-o enquanto ele subia, latejando na mais alta subida de trilhos.

Ele segurou a faca, ainda em sua mão, por ter aberto a porta de tela. Do topo da escada, ele levou um momento para apreciar a sensação de estar lá. Respirou sentindo a limpeza daquela casa de classe alta e isso o deixou um pouco enjoado. Era exageradamente familiar, um ambiente exageradamente distante da realidade dele.

Ele odiava isso.

Segurando a faca, ele foi até o quarto no final do corredor. Lá estava ela, deitada na cama.

Ela estava dormindo de lado, os joelhos levemente flexionados. Ela estava vestindo uma camiseta e shorts de corrida, nada muito chamativo, sendo que seu marido tinha ido embora.

Ele caminhou até a cama e a observou dormir por um tempo. Ele se perguntou sobre a natureza da vida. Sobre o quão frágil ela era.

Ele, então, levantou a faca e a abaixou quase casualmente, como se estivesse simplesmente pintando ou golpeando uma mosca.

Ela gritou, mas apenas por um momento - antes de ele abaixar a faca de novo. E de novo.

CAPÍTULO UM

Entre as muitas lições de vida importantes que seu primeiro ano de aposentadoria completa havia ensinado a Kate Wise, a mais importante era essa: sem um plano sólido a aposentadoria poderia ficar entediante bem rapidamente.

Ela ouviu histórias de mulheres que haviam se aposentado e escolheram atividades diferentes. Algumas abriram pequenas lojas online no Etsy. Algumas se envolveram com pintura e crochê. Outras testaram a mão escrevendo um romance. Kate achava que todas estas atividades eram boas para se passar o tempo, mas nenhuma delas tinha apelo para ela.

Para alguém que havia passado mais de trinta anos da vida com uma arma presa ao seu lado, achar maneiras de ficar felizmente preocupada era difícil. Fazer tricô não iria substituir a emoção de uma perseguição a pé de um assassino. Jardinagem não iria recriar o pico de adrenalina de invadir uma residência sem antes saber o que esperava do outro lado da porta.

Como nada que ela tentasse parecia sequer chegar perto de atingir a alegria que havia sentido como agente do FBI. Ela parou de procurar após alguns meses. A única coisa que quase chegou perto eram as suas idas ao *stand* de tiro, que ela fazia duas vezes na semana. Ela iria mais vezes se ela não temesse que os membros mais jovens no *stand* pudessem começar a achar que ela não era nada além de uma agente aposentada que estava tentando recapturar um momento no tempo quando ela havia sido grandiosa.

Era um medo razoável. Afinal, ela presumia que isso era exatamente o que ela estava fazendo.

Era uma terça-feira logo depois das duas da tarde, quando esse fato a acertou como uma bala entre os olhos. Ela havia acabado de voltar do *stand* de tiro e estava colocando sua pistola M1911 de volta na sua cômoda na cabeceira da cama, quando seu coração pareceu parar do nada.

Trinta e um anos. Ela passou trinta e um anos com o departamento. Ela foi parte de mais de uma centena de batidas e havia trabalhado como parte de uma força tarefa especial para casos de alto escalão em vinte e seis ocasiões. Ela era reconhecida por sua velocidade, seu pensamento ágil e aguçado e uma atitude de não dar a mínima no geral.

Ela também era conhecida por sua indumentária, algo que ainda a incomodava um pouco mesmo aos cinquenta e cinco anos. Quando ela se

tornou uma agente aos vinte e três anos, não demorou muito para ela receber apelidos grosseiros como Pernas e Barbie — nomes que provavelmente fariam os homens serem despedidos hoje em dia, mas que na época quando ela era mais jovem, eram comuns para agentes mulheres.

Kate havia quebrado alguns narizes no FBI, porque agentes pegaram na sua bunda. Ela havia jogado um agente de um elevador em movimento quando ele sussurrou algo obsceno em seu ouvido atrás dela.

Embora os apelidos tenham ficado com ela até quase os quarenta anos, os assédios e olhares maliciosos não. Depois que a história se espalhou, seus colegas homens aprenderam a respeitá-la e a olhar além do seu corpo — um corpo, ela sabia com algum nível de orgulho, que sempre foi bem cuidado e que a maioria dos homens consideraria um dez.

Mas agora, aos cinquenta e cinco anos, ela se viu perdendo até os apelidos. Ela não achou que a aposentadoria seria assim tão difícil. O *stand* de tiro era legal, mas era apenas um fantasma sussurrando o que seu passado havia sido. Ela tentou enterrar seu anseio pelo passado lendo. Ela havia decidido que ela iria ler sobre armas em particular; ela lia inúmeros livros sobre a história do uso de armas, como eram fabricadas, a preferência de generais por certos armamentos e coisas do tipo. Era por isso que agora ela usava uma M1911, por causa da sua rica história envolvendo uma variedade de guerras americanas, um modelo mais antigo dela foi usado já na Primeira Guerra Mundial.

Ela tentou ler livros de ficção, mas não conseguiu entrar nessa — embora ela realmente gostasse muito dos livros relacionados a crimes virtuais. Quando ela revisitou livros que ela adorou nos seus anos mais jovens, não encontrou qualquer coisa interessante nas vidas dos personagens falsos. E, como ela não queria se tornar a triste senhora recentemente aposentada que passava todo o tempo na biblioteca local, ela comprou todos os livros que ela leu no último ano pela Amazon. Ela tinha mais de uma centena deles empilhados em caixas no porão. Ela percebeu que algum dia teria que construir algumas estantes de livros e transformar o lugar em um local adequado para leitura.

Não era como se ela tivesse muito mais a fazer.

Embalada pela ideia de que ela havia passado o último ano de sua vida sem fazer muita coisa, Kate Wise se sentou lentamente em sua cama. Ela ficou ali por vários minutos sem se mover. Ela olhou para a mesa do outro lado do quarto e viu os álbuns de fotos sobre ela. Havia apenas uma única

foto de família. Na imagem, seu último marido, Michael, tinha seus braços ao redor da filha deles enquanto Kate sorria ao seu lado. Uma foto da praia que foi mal tirada, mas que sempre aquecia seu coração.

Todas as outras fotos naqueles álbuns, no entanto, eram do trabalho: capturas dos bastidores, fotos das festas de aniversário internas do departamento, ela em seus anos mais jovens nadando, no stand de tiro, na pista de corrida e por aí vai.

Ela viveu o último ano de sua vida da mesma maneira que um interiorano que nunca sai da sua cidadezinha faria. Sempre convivendo com qualquer um que fingia escutar sobre todos os *touchdowns* que ela pontuou a trinta anos jogando futebol americano no ensino médio.

Ela não era melhor que isso.

Com um leve tremor, Kate se levantou e foi até os álbuns de fotografias na sua mesa. Devagar e quase metodicamente, ela olhou todos os três. Ela viu imagens dela mais jovem, evoluindo pelos anos até que cada foto tirada estivesse em um celular. Ela viu a si própria e pessoas que ela havia conhecido pessoas que morreram logo ao seu lado em casos e começou a perceber que, embora esses momentos tenham sido instrumentais para o seu desenvolvimento, eles não a definiram completamente.

As matérias de jornais que ela havia reunido e guardado na contracapa do seu álbum contava mais da história. Ela era o assunto em destaque em todas elas. No título se lia **AGENTE DO SEGUNDO ANO APANHA ASSASSINO A SOLTA; AGENTE É A ÚNICA SOBREVIVENTE EM TROCA DE TIROS QUE ABATEU 11. E então aquela que realmente começou a incitar as lendas: APÓS 13 VÍTIMAS, ASSASSINO DO LUAR FINALMENTE É ABATIDO PELA AGENTE KATE WISE.**

Segundo todos os padrões de saúde razoáveis, ela tinha pelo menos mais vinte anos de vida — quarenta se ela conseguisse se segurar e lutar contra a morte de alguma maneira. Mesmo se ela ultrapassasse a média e dissesse que ela tinha trinta anos sobrando, batendo as botas aos oitenta e cinco... trinta anos era bastante tempo.

Ela poderia fazer muita coisa em trinta anos, ela supunha. Por cerca de dez desses anos, ela poderia talvez até ter alguns bons anos antes que a idade realmente começasse a entrar e começar a tirar sua boa saúde.

A pergunta, é claro, era o que ela poderia achar para fazer com esses anos.

E, apesar de ter uma reputação como uma das agentes mais inteligentes a passar pelo FBI na última década, ela não sabia por onde começar.

Além do stand de tiro e seu hábito quase obsessivo por leitura, Kate também conseguiu gerar o hábito de se encontrar com três outras mulheres toda semana para tomar café. As quatro delas zombavam de si mesmas, alegando que formavam o clube mais triste de todos os tempos: quatro mulheres recém-aposentadas sem ideia do que fazer com seus dias quase completamente livres.

No dia seguinte a sua revelação, Kate dirigiu até a cafeteria escolhida por elas. Era um pequeno negócio familiar no qual não somente o café era melhor que o mingau super precificado do Starbucks, mas também não era lotado de *millennials* e donas de casa. Ela entrou e antes que fosse até o balcão para fazer seu pedido, viu a mesa de costume nos fundos. Duas das três outras mulheres já estavam por lá acenando para ela.

Kate pegou sua bebida de amêndoas e juntou-se às suas amigas na mesa. Ela se sentou ao lado de Jane Patterson, uma mulher de cinquenta e sete anos que estava aposentada a sete meses de ir e voltar entre empresas como especialista de uma firma de telecomunicações governamental. Em frente a ela estava Clarissa James, a pouco mais de um ano como aposentada desde quando atuava em meio horário como instrutora de criminologia do FBI. A quarta integrante do pequeno e triste grupo, recém-aposentada de cinquenta e cinco anos chamada Debbie Meade, ainda não havia aparecido.

Estranho, Kate pensou. Deb normalmente é a primeira a chegar aqui.

No momento em que ela se sentou, Jane e Clarissa pareceram ficar tensas. Isso era particularmente estranho, porque não era nada parecido com Clarissa ser qualquer outra coisa além de animada. Diferentemente de Kate, Clarissa passou a adorar a aposentadoria rapidamente. Kate supunha que ajudava o fato de Clarissa ser casada com um homem cerca de dez anos mais novo que ela e que competia em campeonatos de natação no seu tempo livre.

"O que há com vocês garotas?" perguntou Kate. "Vocês sabem que eu venho aqui para ficar motivada com a aposentadoria, certo? Vocês duas parecem bem tristes."

Jane e Clarissa compartilharam um olhar que Kate havia visto inúmeras vezes antes. Durante sua época como agente, ela o viu em salas de estar, salas de interrogatório e salas de espera de hospitais. Era um olhar que traduzia uma única simples questão sem dizer uma palavra: Quem vai contar para ela?

"O que foi?" ela perguntou.

De repente, ela ficou bem ciente da ausência de Deb.

"É a Deb," disse Jane, confirmando seu medo.

"Bem, não a Deb exatamente," acrescentou Clarissa. "É a filha dela, Julie. Você já a conheceu?"

"Uma vez, eu acho," disse Kate. "O que aconteceu?"

"Ela faleceu," disse Clarissa. "Assassinato. Até agora, eles não têm ideia de quem cometeu."

"Meu deus," disse Kate, genuinamente entristecida pela sua amiga. Deb era sua conhecida a cerca de quinze anos, quando se encontraram em Quantico. Kate havia trabalhado como instrutora assistente para uma nova leva de agentes de campo e Deb estava trabalhando com uns gênios da computação em algum tipo de novo sistema de segurança. Elas se deram bem logo de início e se tornaram amigas rapidamente.

O fato de que Deb não ter ligado ou mandado mensagem para ela com a notícia antes de qualquer outra pessoa mostrava como amizades mudavam rapidamente com o passar dos anos.

"Quando aconteceu?" perguntou Kate.

"Ontem," disse Jane. "Ela me mandou mensagem esta manhã contando."

"Eles não tem nenhum suspeito?" perguntou Kate.

Jane deu de ombros. "Ela apenas disse que não sabiam quem foi. Sem pistas, sem indícios, nada."

Kate instantaneamente se sentiu entrar no modo agente. Ela percebeu que devia ser o mesmo que um atleta treinado sentia depois de estar longe dos campos por muito tempo. Ela podia não ter um gramado ou uma multidão a adorando para lembrá-la de como seus dias de glória haviam sido, mas ela tinha uma mente aguçada para resolver crimes.

"Não vá para lá," disse Clarissa, colocando seu melhor sorriso.

"Onde?"

"Não seja a Agente Wise logo agora," disse Clarissa. "Neste instante, apenas seja amiga dela. Eu posso ver essas engrenagens girando na sua

cabeça. Jesus, moça. Você não tem uma filha grávida? Você não está prestes a ser avó?"

"Que jeito de me chutar quando já estou caída," Kate disse com um sorriso. Ela deixou o comentário passar e então perguntou: "A filha da Deb... ela tinha namorado?"

"Não faço ideia," disse Jane.

Um silêncio constrangedor pairou sobre a mesa. Durante aproximadamente um ano de encontro do pequeno grupo de amigas recém-aposentadas, as conversas havia sido quase sempre leves. Esse era o primeiro tópico pesado e não encaixava com a rotina dela. Kate, é claro, estava acostumada com isso. Seu tempo na academia a ensinou a como lidar com essas situações.

Mas Clarissa estava certa. Ao ouvir as notícias, Kate escorregou facilmente para o modo agente. Ela sabia que ela deveria ter pensado primeiramente como amiga — pensado sobre a perda e sobre o estado emocional de Deb. Mas a agente nela era forte demais, os instintos ainda estavam ali no primeiro plano depois de terem estado no armário por um ano.

"Então o que podemos fazer para reconfortá-la?" perguntou Jane.

"Eu estava pensando em um *Meal Train*," disse Clarissa. "Eu conheço algumas outras senhoras que podem embarcar também. Só para ter certeza de que ela não precisa cozinhar para a família nas próximas semanas enquanto lida com tudo isso."

Pelos próximos dez minutos, as três mulheres planejaram a maneira mais efetiva de organizar um *Meal Train* para sua amiga de luto.

Mas para Kate, a conversa permaneceu na superfície. Sua mente estava em outro lugar, tentando escavar fatos escondidos e idiosincrasias de Deb e da sua família, procurando um caso onde talvez nem existisse um.

Ou talvez possa, pensou Kate. E eu acho que só há um jeito de descobrir.

CAPÍTULO DOIS

Depois da aposentadoria, Kate se mudou de volta para Richmond, Virginia. Ela cresceu na pequena cidade de Amelia, a cerca de quarenta e cinco minutos de distância de Richmond, mas foi para a universidade cúspide do centro. Ela passou seus anos de graduação na VCU, originalmente querendo se tornar uma *major* em artes de todas as coisas. Passados três anos, ela descobriu que tinha coração para justiça criminal em um dos seus cursos eletivos em psicologia. Foi uma via sinuosa que a levou até Quantico e os trinta anos seguidos da sua ilustre carreira.

Agora, ela dirigia por uma daquelas familiares ruas de Richmond. Ela esteve na casa de Debbie Mead apenas uma vez anteriormente, mas sabia exatamente onde estava localizada. Ela conhecia o local, porque invejava as redondezas, uma daquelas construções antigas nas ruas logo ao lado do centro da cidade que eram contornadas com árvores ao invés de postes de luz e prédios altos.

No momento, a rua de Deb estava inundada com folhas caídas dos elmos que pairavam sobre a rua. Ela teve que estacionar a três casas de distância, porque a família e os amigos já haviam começado a preencher os espaços em frente à casa de Deb.

Ela andou pela calçada, tentando se convencer de que isso era uma má ideia. Sim, ela planejou entrar na casa somente como uma amiga — mesmo que Jane e Clarissa tivesse decidido esperar um pouco até o final da tarde para dar um espaço para Deb. Mas havia algo mais profundo ali também. Ela estava procurando por alguma coisa para fazer nesses últimos meses, uma forma melhor e com mais significado de preencher seu tempo. Frequentemente ela sonhava em pegar de alguma forma um trabalho freelance para o FBI, talvez simplesmente tarefas de pesquisa.

Mesmo as menores referências ao trabalho deixavam-na excitada. Por exemplo, ela foi convocada para testemunhar em uma audiência de condicional na próxima semana. Ela não estava ansiosa para encontrar o criminoso novamente, mas simplesmente ser capaz de sondar seu trabalho novamente por um breve momento era bem vindo.

Mas isso seria na próxima semana — e neste instante parecia uma eternidade de distância.

Ela olhou para a varanda da frente de Debbie Meade. Ela sabia o porquê de ela realmente estar ali. Ela desejava encontrar algumas respostas para

perguntas que estavam relampeando em sua cabeça. Isso a fez se sentir egoísta, como se ela estivesse usando a perda da sua amiga como uma desculpa para pisar de volta nas águas as quais ela não sentia por mais de um ano. A situação envolvia uma amiga, o que a tornava traiçoeira. Mas a antiga agente nela esperava que pudesse envolver algo mais. A amiga nela, porém, pensava que poderia ser arriscado. E por fim, todas essas partes nela cogitavam se talvez ela simplesmente devesse parar de fantasiar sobre seu retorno ao trabalho.

Talvez isso seja exatamente o que eu estou fazendo, pensou Kate enquanto ela subia as escadas até a residência dos Meade. E honestamente, ela não estava bem certa sobre como se sentir sobre isso.

Ela bateu suavemente na porta e foi atendida logo em seguida por uma senhora idosa que Kate não conhecia.

"Você está com a família?" perguntou a mulher.

"Não," Kate respondeu. "Só uma amiga bem próxima."

A mulher a escrutinizou por um momento antes de permitir sua entrada. Kate adentrou a casa e desceu o corredor, passando por uma área de convivência que estava cheia de pessoas pesadas ao redor de uma única pessoa em uma poltrona. A pessoa na poltrona era Debbie Meade. Kate reconheceu o homem de pé ao lado de Debbie conversando com outro homem como o marido dela, Jim.

Ela entrou desconfortavelmente na sala e foi diretamente até Deb. Sem dar tempo suficiente para Deb se levantar, Kate se inclinou e a abraçou.

"Sinto muito, Deb," ela disse.

Deb estava claramente exausta de chorar, conseguindo apenas abaixar a cabeça no ombro de Kate. "Obrigada por vir," Deb sussurrou em seu ouvido. "Você acha que poderia se juntar comigo na cozinha em alguns minutos?"

"Claro."

Kate desatou o abraço e deu pequenos acenos de reconhecimento para as outras poucas faces na sala que ela conseguia reconhecer. Sentindo-se deslocada, Kate foi até o fim do corredor que dava na cozinha. Não havia ninguém lá, mas havia alguns pratos e copos de onde pessoas estiveram há pouco tempo. Havia algumas tortas sobre o balcão ao lado de rolinhos de presunto e outros petiscos. Kate começou a limpeza, indo até a cozinha para começar a lavar os pratos.

Alguns momentos depois, Jim Meade foi até a cozinha. "Você não precisa fazer isso," ele disse.

Kate se virou para ele e viu que parecia cansado e indescritivelmente triste. "Eu sei," ela disse. "Eu vim para dar apoio. Pareceu que as coisas estavam bem tensas na sala de estar quando eu entrei, então estou apoiando lavando a louça."

Ele assentiu com a cabeça, parecendo que poderia cochilar bem ali. "Uma das nossas amigas disse que viu uma mulher entrar alguns minutos atrás. Fico feliz que seja você, Kate."

Kate viu outra pessoa vindo em direção à cozinha atrás dele, parecendo igualmente cansada e sem consolo. Os olhos de Deb Meade estavam inchados e vermelhos de tanto chorar. O cabelo dela estava bagunçado e quando ela olhou para Kate para tentar sorrir, o sorriso pareceu despencar imediatamente de seu rosto.

Kate largou o prato que estava lavando, secou as mãos rapidamente em uma toalha de mão ao lado do pia e foi até sua amiga. Kate nunca foi muito de contato físico, mas ela sabia quando um abraço era necessário. Ela esperava que Deb começasse a chorar no meio do abraço, mas não, apesar do seu peso apoiado.

Provavelmente ela chorou tudo o que tinha por agora, pensou Kate.

"Eu fiquei sabendo essa manhã," disse Kate. "Eu sinto muito, Deb. Ambos vocês," ela disse, repousando os olhos em Jim.

Jim assentiu sua apreciação e então olhou para o corredor. Quando ele viu que mais ninguém estava espreitando, o leve murmurinho das companhias ainda estava na sala de estar, ele se aproximou de Kate quando Deb rompeu o abraço.

"Kate, precisamos perguntar algo a você," Jim disse quase sussurrando.

"E, por favor," Deb disse segurando sua mão. "Deixe-nos terminar antes de nos abater." Kate sentiu um leve tremor na pegada de Deb e seu coração desmanchou.

"Claro," disse Kate. Seus olhos suplicantes e o peso geral da sua tristeza se sustentavam sobre a cabeça dela como uma bigorna que estava prestes a cair a qualquer momento.

"A polícia não faz ideia de quem fez isso," disse Deb. De repente, sua exaustão transformou-se em algo que se parecia mais com raiva. "Baseado em algumas coisas que nós dissemos e algumas mensagens que encontraram no celular de Julie, a polícia prendeu o ex-namorado dela

imediatamente. Mas eles o seguraram por menos de três horas e então o soltaram. Simples assim. Mas, Kate... eu sei que foi ele. Tem que ser ele."

Kate havia visto essa abordagem em múltiplas vezes antes durante seu período como agente. Famílias em luto queria justiça imediatamente. Eles olhavam além da lógica e de uma investigação sólida para ter certeza que algum tipo de vingança fosse feita o mais rápido possível. E se os resultados não fossem ligeiros, a família assumia incompetência por parte da polícia ou do FBI.

"Deb... se eles o liberaram tão rapidamente, deve haver alguma evidência bem forte. Afinal... faz quanto tempo que eles namoraram?"

"Treze anos. Mas ele continuava tentando manter contato com ela por anos, mesmo depois que ela se casou. Ela teve que conseguir uma ordem de restrição uma vez."

"Ainda sim... a polícia deve ter um bom álibi para liberá-lo tão rapidamente."

"Bem, se houve, eles não estão me contando," disse Deb.

"Deb... olha," disse Kate, dando um aperto reconfortante na mão de Deb. "A perda é muito recente. Espere alguns dias e você vai começar a pensar racionalmente. Eu vi isso centenas de vezes."

Deb balançou a cabeça. "Eu tenho certeza, Kate. Eles namoraram por três anos e eu não confiei nele uma única vez. Temos certeza de que ele a agrediu pelo menos em duas ocasiões, mas Julie nunca se pronunciou sobre isso. Ele era temperamental. Até ele lhe diria isso."

"Tenho certeza de que a polícia está —"

"É o que nós queremos," Deb interrompeu. "Eu quero que você investigue isso. Eu quero que você se envolva no caso."

"Deb, eu estou aposentada. Você sabe disso."

"Sei. E também sei como você sente falta disso. Kate... o homem que matou minha filha não recebeu nada além de um susto e um tempinho em uma sala de interrogatório. E agora ele está em casa, sentando-se confortavelmente enquanto eu tenho que planejar como enterrar minha filha. Não está certo, Kate. Por favor... você vai dar uma olhada? Eu sei que você não pode fazer isso oficialmente, mas... qualquer coisa que você possa fazer... Eu agradeceria."

Havia tanta mágoa nos olhos de Deb que Kate poderia senti-la passando entre eles. Tudo nela estava dizendo para continuar firme — não deixar qualquer falsa esperança penetrar no luto de Deb. Mas ao mesmo tempo,

Deb estava certa. Ela sentia falta do trabalho. E mesmo que o que estivesse sendo proposto fossem algumas ligações básicas para o DP de Richmond ou mesmo para seus antigos colegas no FBI, seria algo.

Certamente seria melhor que olhar para trás obsessivamente para sua carreira com viagens solitárias para o stand de tiro.

"Aqui vai o que eu posso fazer," disse Kate. "Quando eu me aposentei, perdi toda minha vantagem. Certamente, eu recebo ligações para dar minha opinião aqui e ali, mas não tenho autoridade. Mais que isso, esse caso estaria completamente fora da minha jurisdição mesmo se eu ainda estivesse na ativa. Mas eu vou fazer algumas ligações para meus contatos antigos e me certificar que a evidência que eles encontraram para liberá-lo era forte. Honestamente, Deb, é o melhor que eu posso fazer."

A gratidão ficou evidente em ambos Deb e Jim logo em seguida. Deb a abraçou novamente e, dessa vez, ela chorou. "Obrigada."

"Sem problemas," disse Kate. "Mas eu realmente não posso prometer nada."

"Nós sabemos," disse Jim. "Mas pelo menos agora nós sabemos que alguém competente está intercedendo por nós."

Kate não estava confortável com a ideia de que eles estavam olhando para ela como uma força interna para assisti-los, nem que eles estivessem assumindo que a polícia não estava do lado deles. Novamente, ela sabia que era tudo devido à perda e como isso estava os cegando na busca por respostas. Então, por enquanto, ela deixou passar.

Ela pensou sobre o quão cansada ela estava perto do fim da sua carreira — não realmente cansada fisicamente, mas emocionalmente esgotada. Ela sempre amou o trabalho, mas de quantas vezes ela havia chegado ao fim de um caso e pensado: Cara, estou cansada dessa merda...

Acontecera cada vez com mais frequência nos últimos anos.

Mas este momento não era sobre ela.

Ela manteve sua amiga por perto, intrigada com o fato de que, não importa o quanto às pessoas tentem colocar seus passados para trás — seja relacionamentos ou carreiras — eles sempre conseguiam se arrastar para perto.

CAPÍTULO TRÊS

Kate não perdeu tempo. Voltou para casa e sentou-se por um momento à sua mesa em seu pequeno escritório. Ela olhou para fora pela janela para o pequeno quintal. A luz do sol entrou pela janela, projetando um retângulo de luz no piso de madeira. O chão, como a maioria do resto da casa, mostrava as cicatrizes e feridas da sua construção em 1920. Localizada na área de Carytown em Richmond, Kate frequentemente se sentia fora de lugar. Carytown era uma pequena parte da cidade que estava na moda e ela sabia que iria acabar se mudando para outro lugar bem em breve. Ela tinha dinheiro suficiente para comprar uma casa em quase qualquer lugar que quisesse, mas a simples ideia de se mudar a deixava exausta.

Era esse tipo de falta de motivação que havia tornado a aposentadoria tão difícil para ela. Isso e também uma recusa em largar as memórias de quem ela havia sido enquanto esteve no FBI durante esses trinta anos. Quando esses dois sentimentos se colidiam, muitas vezes ela se sentia desmotivada e sem direção.

Mas agora havia o pedido de Deb e Jim Meade. Sim, era um pedido equivocado, mas Kate não via nada errada com apenas fazer algumas ligações. Se não desse em nada, ela poderia simplesmente ligar de volta para Deb para falar que ela deu seu melhor.

Seu primeiro telefonema foi para o vice-comissário da Polícia do Estado da Virgínia, um homem chamado Clarence Greene. Ela havia trabalhado em estreita colaboração com ele em vários casos durante a última década de sua carreira e eles compartilhavam um respeito mútuo um pelo outro. Ela esperava que o ano que tinha passado não houvesse obliterado totalmente com essa relação. Sabendo que Clarence nunca esteve em seu escritório, ela escolheu pular seu telefone fixo e ligar diretamente para seu telefone celular.

Apenas quando ela pensou que a ligação não seria atendida, ela foi recebida com uma voz familiar. Por um momento, Kate sentiu como se nunca tivesse saído do trabalho.

"Agente Wise," disse Clarence. "Como diabos você está?"

"Bem," ela disse. "Você?"

"O mesmo de sempre. Mas tenho que admitir... eu pensei estava terminado com ver seu número aparecer no meu celular."

"É, sobre isso," disse Kate. "Eu odeio vir a você com algo assim depois de mais de um ano de silêncio, mas eu tenho uma amiga que acaba de perder uma filha. Eu dei minha palavra a ela de que eu daria olhada na investigação."

"Então o que você quer de mim?" Clarence perguntou.

"Bem, o principal suspeito era o ex-namorado da filha dela. Parece que ele foi preso e depois solto em cerca de três horas. Naturalmente, os pais estão se perguntando por quê."

"Ah," disse Clarence. "Olha... Wise, eu realmente não posso divulgar isso para você. E, com todo respeito, você deveria saber isso."

"Não estou tentando interferir com o caso," disse Kate. "Eu só estava imaginando porque nenhum motivo real para deixar o único suspeito ir foi dado aos pais. Ela é uma mãe de luto procurando por respostas e —"

"Mais uma vez, deixe-me para-la aí," disse Clarence. "Como você bem sabe, eu lido com mães enlutadas e pai e viúvas bem regularmente. Só porque você conhece uma pessoalmente no momento não significa que eu posso quebrar o protocolo e olhar para o outro lado."

"De tão perto que você trabalhou comigo, você sabe que eu tenho a melhor das intenções."

"Ah, tenho certeza de que você tem. Mas a última coisa que eu preciso é de uma agente aposentada do FBI olhando um caso corrente, não importa o quão impessoal isso pareça. Você tem que entender isso, certo?"

O pior de tudo era que ela realmente entendia. Ainda assim, ela tinha que tentar uma última vez. "Eu consideraria um favor pessoal."

"Tenho certeza que sim," disse Clarence, um pouco condescendente. "Mas a resposta é não, Agente Wise. Agora, se você me der licença, estou prestes a ir para o tribunal para conversar com uma daquelas viúvas em luto das quais lhe falei. Desculpe-me não pode ajudá-la."

Ele terminou a ligação sem se despedir, deixando Kate encarando aquele pequeno quadrado de luz se deslocando lentamente no chão de madeira. Ela pensou sobre sua próxima jogada, notando que o vice-comissário Greene acabara de revelar que estava prestes a ir ao tribunal. Ela supôs que a atitude inteligente seria tomar a sua recusa em ajudá-la como uma derrota. Mas a falta de vontade dele em ajudar apenas deixava seu desejo de continuar pesquisando mais forte.

Sempre me disseram que eu tinha um traço de teimosia como agente, ela pensou enquanto levantava da mesa. É bom ver que algumas coisas não

mudaram.

Meia hora depois, Kate estava estacionando seu carro no estacionamento adjacente à Terceira Delegacia de Polícia. Baseado em onde o assassinato de Julie Mead — nome de casada Julie Hicks — ocorreu, Kate sabia que seria a melhor fonte de informação. O único problema era que além do Vice Comissário Greene, ela realmente não conhecia ninguém mais no departamento, menos ainda na Terceira Delegacia.

Ela entrou no escritório com confiança. Ela sabia que havia algumas coisas sobre a sua situação atual que agente observador notaria. Primeiramente, ela não tinha sua arma ao lado. Ela havia considerado carregar sua arma pessoal, mas devido ao que ela estava tramando, percebeu que poderia causar mais problemas do que era necessário se ela fosse pega sendo desonesta.

E desonestidade era realmente algo que ela não poderia bancar. Aposentada ou não, sua reputação estava na linha — uma reputação que ela construiu com grande carinho por mais de trinta anos. Ela precisaria caminhar por uma linha fina nos próximos minutos, algo que ela apreciava. Ela não esteve ansiosa assim no ano inteiro que passou aposentada.

Ela se aproximou do balcão de informações, uma área bem iluminada separada da sala central por uma vidraça. Uma mulher de uniforme estava na mesa, estampando algo em um distintivo quando Kate se aproximou. Ela olhou para cima para Kate com uma expressão que parecia que um sorriso não a havia agraciado há dias.

"O que posso fazer por você?" perguntou a recepcionista.

"Sou uma agente aposentada do FBI, procurando por alguma informação sobre um assassinato recente. Eu estava com esperanças de conseguir o nome dos oficiais responsáveis pelo caso."

"Você tem uma identificação?" a mulher perguntou.

Kate tirou sua licença de motorista e a deslizou pela abertura na vidraça. A mulher olhou para ela por um segundo inteiro e então a deslizou de volta. "Vou precisar da sua identificação do FBI."

"Bem, como eu disse, estou aposentada."

"E quem enviou você? Eu vou precisar o nome completo dele e das informações de contato e então vão precisar uma requisição para dar a

informação para você."

"Eu realmente estava esperando pular todas essas burocracias."

"Então não posso te ajudar," disse a mulher.

Kate cogitou sobre o quão longe ela poderia ir. Se ela pressionasse demais, alguém certamente notificaria Clarence Greene e isso poderia ser ruim. Ela vasculhou sua mente, tentando pensar em outro curso de ação. Ela conseguiu aparecer com apenas uma e era muito mais arriscada do que a que ela estava tentando no momento.

Com um suspiro Kate deu um curto, "Bem, obrigado mesmo assim."

Ela girou nos calcanhares e voltou pelo escritório. Ela estava um pouco envergonhada. Que diabos ela estava pensando? Mesmo se ela ainda tivesse sua ID do FBI, seria ilícito a DP de Richmond fornecer qualquer informação sem aprovação de um supervisor em DC.

Era além de humilhante andar de volta para seu carro com um sentimento tão absoluto — o de ser uma civil comum.

Mas uma civil que odeia receber um não como resposta.

Ela tirou o celular e discou para Deb Meade. Quando Deb atendeu, ela ainda soava cansada e distante.

"Desculpe incomodá-la, Deb," ela disse. "Mas você tem o nome e endereço do ex-namorado?"

Enfim, Deb tinha ambos.

CAPÍTULO QUATRO

Embora Kate não possuísse sua antiga ID do FBI, ela ainda tinha o único distintivo que ela possuiu. Estava apoiado na prateleira sobre a lareira como uma relíquia de outra época, nem um pouco melhor do que uma fotografia desbotada. Quando ela deixou a Terceira Delegacia de Polícia, ela voltou para casa e o resgatou. Ela pensou longa e intensamente sobre também levar sua arma. Olhou ansiosamente para sua M1911, mas a deixou onde estava no criado mudo. Levá-la para o que ela planejada seria procurar problemas.

Ela decidiu levar as algemas que mantinha em uma caixa de sapatos debaixo da cama com alguns outros tesouros da sua carreira.

Apenas se necessário.

Ela saiu da sua casa em direção para o endereço que Deb lhe dera. Era um lugar em Shockoe Bottom, a vinte minutos dirigindo da sua casa. Ela não ficou nervosa enquanto dirigia, mas ela sentia excitada. Ela sabia que não deveria estar fazendo isso, mas ao mesmo tempo, era bom estar livre a caça novamente — mesmo que em segredo.

Logo quando chegou ao endereço do ex-namorado de Julie Hicks, um cara chamado Brian Neilbolt, Kate pensou sobre o marido dela. Ela surgia na cabeça dela de tempo em tempos, mas algumas vezes ele parecia surgir e se acomodar por um tempo. Isso aconteceu enquanto ela virava na rua de destino. Ela podia vê-lo sacudir a cabeça em frustração.

Kate, você sabe que não deveria estar fazendo isso, ele parecia dizer.

Ela sorriu fracamente. Ela sentia muita falta do marido algumas vezes, um contraste apropriado ao fato de que algumas vezes ela sentia que conseguira superar a morte dele rápido demais.

Ela espanou as teias de aranha daquelas memórias enquanto estacionava o carro em frente do endereço que Deb lhe dera. Era uma casa bastante agradável, dividida em dois apartamentos diferentes com varandas separando as propriedades. Quando ela saiu do carro, logo pode perceber que alguém estava em casa, pois podia ouvir uma conversa alta lá dentro.

Quando subiu os degraus da escada, ela sentiu como se estivesse dando um passo para trás no passado, a cerca de um ano atrás. Ela sentiu-se como uma agente novamente, apesar da falta da arma de fogo na sua cintura. Ainda assim, considerando que ela na verdade uma agente aposentada, ela não fazia ideia do que iria dizer depois que batesse na porta.

Mas ela não deixou isso pará-la. Ela bateu na porta com a mesma autoridade que teria feito há um ano. Enquanto ouvia a conversa alta, decidiu que ficaria com a verdade. Mentir em uma situação na qual ela já não deveria estar fazendo parte, apenas tornaria as coisas piores se ela fosse pega.

O homem que atendeu a porta pegou Kate com a guarda baixa. Ele tinha cerca de uma metro e noventa e era musculoso. Apenas seus ombros já revelavam que ele treinava. Ele poderia se passar facilmente por um lutador de luta livre profissional. A única coisa que traía aquela fachada era a raiva em seus olhos.

"Sim?" ele perguntou. "Quem é você?"

Então, ela fez uma jogada da qual sentia muita falta. Ela mostrou seu distintivo a ele. Ela esperava que a visão dele desse algum peso para contrapor sua apresentação. "Meu nome é Kate Wise. Sou uma agente aposentada do FBI. Eu estava esperando que você pudesse falar comigo por alguns minutos."

"Sobre?" ele perguntou, suas palavras rápidas e mal humoradas.

"Você é Brian Neilbolt?" ela perguntou.

"Sou."

"Então sua ex-namorada era Julie Hicks, certo? Julie Meade anteriormente?"

"Ah, merda, isso de novo? Olha, os malditos policiais já me rebocaram para delegacia e me interrogaram. Agora os federais também?"

"Fique tranquilo, não estou aqui para interrogá-lo. Eu só gostaria de fazer algumas perguntas."

"Parece um interrogatório para mim," ele disse. "Além disso, você disse que está aposentada. Tenho certeza de que isso significa que eu não preciso fazer nada que você pedir."

Ela fingiu ficar magoada com isso, olhando para longe dele. Na verdade, porém, ela estava olhando por cima dos seus ombros massivos para o espaço atrás dele. Ela viu uma maleta e duas mochilas encostadas na parede. Ela também viu uma folha de papel em cima da maleta. O grande logotipo o identificava como uma impressão de um recibo da Orbitz. Aparentemente, Brian Neilbolt estava saindo da cidade por um tempo.

Não é o melhor cenário para quando sua ex-namorada foi assassinada e você foi interrogado e liberado imediatamente pela polícia.

"Para onde você vai?" perguntou Kate.

"Não é da sua conta."

"Com quem você estava falando tão alto no telefone antes de eu bater?"

"Mais uma vez, não é da sua conta. Agora, se você me der licença..."

Ele foi fechar a porta, mas Kate persistiu. Ela deu um passo à frente e enfiou o sapato entre a porta e o portal.

"Sr. Neilbolt, eu só estou pedindo por uns cinco minutos do seu tempo."

Uma onda de fúria passou pelos olhos dele, mas então pareceu reduzir. Ele pendurou sua cabeça e por um momento ela pensou que ele parecia triste. Era similar ao olhar que ela tinha visto nos rostos dos Meade.

"Você disse que é uma agente aposentada, correto?" perguntou Neilbolt.

"Certo," ela confirmou.

"Aposentada," ele disse. "Então cai fora da minha varanda."

Ela continuou resoluta, tornando claro que não tinha intenção de ir a lugar nenhum.

"Eu disse dê o fora da minha varanda!"

Ele balançou a cabeça e estendeu o braço para empurrá-la. Ela sentiu a força das mãos dele quando elas tocaram seu ombro e agiu tão rápido quanto podia. Imediatamente, ela se surpreendeu com o quão rápido seus reflexos e memória muscular bateram.

Enquanto tropeçava para trás, ela envolveu ambos os braços ao redor do braço direito de Neilbolt. Ao mesmo tempo, ela caiu sobre um joelho para seu momento para trás. Então, ela fez seu melhor para jogá-lo por cima do quadril, mas sua massa era demais para suportar. Quando ele percebeu o que ela estava tentando fazer, ele deu uma cotovelada diretamente nas costelas dela.

O fôlego saiu do peito de Kate, mas como ele deu a cotovelada, a alavanca dele foi desbalanceada. Desta vez, quando ela tentou a jogada de quadril, funcionou. E como ela colocou tudo o que tinha, funcionou muito bem.

Neilbolt saiu caindo da varanda. Quando aterrissou, ele bateu nos dois últimos degraus da escada. Ele gritou de dor e tentou ficar de pé logo em seguida. Ele olhou chocado para ela, tentando entender o que havia acontecido. Movido por fúria e surpresa, ele subiu as escadas mancando em direção a ela, claramente atordoado.

Ela o enganou com o joelho direito direto no rosto quando ele se aproximou do último degrau. Quando ele foi desviar, ela pegou a lateral da cabeça dele e novamente ficou de joelhos. Ela forçou a cabeça dele com

força na varanda enquanto os braços e pernas dele procuravam por apoio nas escadas. Então, ela tentou liberar as algemas do interior da jaqueta dela e as aplicou com a destreza e velocidade que apenas trinta anos de experiência podem proporcionar.

Ela se afastou de Brian Neilbolt e olhou abaixo para ele. Ele não estava lutando contra as algemas; ele parecia bastante confuso na verdade.

Kate procurou seu telefone com intenção de ligar para os policiais e percebeu que suas mãos estavam tremendo. Ela estava bombeada, inundada com adrenalina. Ela percebeu que havia um sorriso em seu rosto.

Deus, eu senti falta disso.

Embora o golpe em suas costelas doesse para diabo — muito mais do que teria doído há cinco ou seis anos atrás, com certeza. E as juntas dos joelhos sempre doíam assim depois de uma briga?

Ela permitiu-se um momento para se deleitar com o que tinha feito e, em seguida, conseguiu finalmente fazer uma ligação para a polícia. Enquanto isso, Brian Neilbolt permaneceu grogue aos seus pés, talvez pensando sobre como uma mulher pelo menos vinte anos mais velha que ele tinha conseguido dar uma surra tão facilmente.

CAPÍTULO CINCO

Honestamente, Kate esperava alguma represália com o que ela havia feito, mas nada no grau que ela vivenciou ao chegar à Terceira Delegacia. Ela sabia que algo estava por vir quando ela viu os olhares dos policiais que passavam em meio as suas tarefas de escritório. Alguns dos olhares eram de temor, enquanto outros cheiravam a algum tipo de zombaria.

Kate deixou para lá. Ela ainda estava muito exasperada pelo confronto na varanda de Neilbolt para se importar.

Depois de esperar vários minutos no saguão, um policial com um olhar preocupado se aproximou dela. "Você é a Sra. Wise, correto?" ele perguntou.

"Sou."

Um lampejo de reconhecimento surgiu nos olhos dele. Era um olhar que ela costumava receber todas as vezes que agentes ou policiais que tinham apenas ouvido falar do seu histórico a encontravam pela primeira vez. Ela sentia falta desse olhar.

"O Chefe Budd gostaria de falar com você."

Ela ficou francamente bastante surpresa. Ela esperava conversar com alguém mais no nível do vice-comissário Greene. Embora ele tenha sido um durão no telefone, ela sabia que ele poderia ser persuadido mais eficientemente em encontros cara a cara. O Chefe Randall Budd, porém, era um tipo de cara sem conversa fiada. Ela só o encontrou em uma ocasião alguns anos atrás. Ela mal se lembrava da ocorrência, mas se lembrava de Budd deixar uma impressão de alguém com bastante força de vontade e de ser estritamente profissional.

Mesmo assim, Kate não queria parecer intimidada ou minimamente preocupada. Então ela se levantou e seguiu o policial para fora da área de esperar de volta pelo saguão. Eles passaram por diversas mesas por onde elas receberam mais olhares incertos antes que o policial a conduzisse por um corredor. No meio do corredor eles chegaram até o escritório de Randall Budd. A porta estava aberta, como se eles estivesse esperando por ela por algum tempo.

O policial não tinha nada a dizer; após tê-la entregado à porta de Budd, girou nos calcanhares e virou à esquerda. Kate olhou no escritório e viu o Chefe Budd acenando para ela.

"Entre," ele disse. "Eu não vou mentir. Não estou feliz com você, mas eu não morde. Feche a porta ao entrar, por favor."

Kate entrou e fez o que lhe foi pedido. Então ela olhou para uma das três cadeiras que ficavam do lado oposto da mesa de Budd. A mesa estava ocupada com mais itens pessoais do que itens relacionados a trabalho, fotos da família dele, uma bola de baseball autografada, uma xícara de café personalizada e algum tipo de cápsula de bala sentimental emoldurada.

"Deixe-me iniciar dizendo que eu estou bem ciente do seu histórico," disse Budd. "Mais de cem prisões em sua carreira. Melhor da turma na academia. Medalha de ouro e de prata em oito campeonatos consecutivos de kickboxing em adição ao treinamento padrão do FBI, no qual você também arrasou. Seu nome ficou em destaque onde você estava no comando e a maioria das pessoas aqui na DP do Estado da Virgínia te respeita demais."

"Mas?" disse Kate. Ela não disse isso tentando ser engraçada. Ela estava simplesmente deixando-o saber que ela era mais do que capaz de ser repreendida... embora, honestamente, não achasse que merecesse a maior parte disso.

"Mas apesar de tudo aquilo, você não tem o direito de sair por aí agredindo as pessoas só porque você acha que elas possam estar envolvidas na morte da filha de uma de suas amigas."

"Eu não o visitei com intenção de agredir," disse Kate. "Eu o visitei para fazer algumas perguntas. Quanto ele fez contato físico, eu simplesmente me defendi."

"Ele disse para meus homens que você o jogou para baixo na escada da varanda e bateu a cabeça dele contra o chão dela."

"Eu não posso ser culpada por ser mais forte que ele, posso?" ela perguntou.

Budd olhou atentamente para ela, examinando-a. "Eu não consigo dizer se você está tentando ser engraçada, levando de boa ou se realmente essa é a sua atitude normal."

"Chefe, eu entendo a sua posição e como uma aposentada de cinquenta e cinco anos dando uma surra em alguém que seus agentes questionaram brevemente e então liberando pode te causar uma dor de cabeça. Mas, por favor, entenda... eu só visitei Brian Neilbolt, porque minha amiga me pediu. E, honestamente, quando eu o conheci um pouco mais, eu pensei que isso pudesse ser uma má ideia."

"Então você simplesmente assumiu que meus homens não fizeram um trabalho adequado?" perguntou Budd.

"Eu não disse tal coisa."

Budd revirou os olhos e suspirou. "Olha, eu não estou tentando discutir isso. Sinceramente, o que eu mais amaria seria que você sáísse do meu escritório em alguns minutos e uma vez que terminarmos de falar sobre esse assunto, está acabado. Eu preciso que você entenda, porém, que você cruzou uma linha e caso venha a forçar algo assim de novo, talvez eu tenha que prendê-la."

Havia várias coisas que Kate gostaria de dizer em resposta. Mas ela percebeu que se Budd estava desejando suprimir a discussão, então ela também. Ela sabia que ele estaria completamente dentro dos seus poderes se quisesse marretá-la se ele quisesse então ela decidiu ser o mais civilizada possível.

"Eu entendo," ela respondeu.

Budd pareceu pensar em algo por um momento antes de cruzar seus dedos sobre a mesa, como se tentasse se centrar. "E só para você saber, estamos certos de que Brian Neilbolt não matou Julie Hicks. Nós o temos nas câmeras de segurança do lado de fora de um bar na noite que ela foi morta. Ele entrou por volta das dez e não saiu até depois da meia noite. E aí nós temos um rastro de mensagens de texto entre ele e uma garota que continuaram de uma às três da manhã. Ele confere. Ele não é o cara."

"Ele estava com mochilas e malas prontas," destacou Kate. "Como se ele estivesse tentando sair da cidade com pressa."

"No próximo conjunto de mensagens, ele e a garota conversaram sobre visitar Atlantic City. Eles deveriam partir nesta tarde."

"Entendo." Assentiu Kate. Ela não se sentia envergonhada por sim, mas ela começou a se arrepender de ter agido tão agressivamente na varanda de Neilbolt.

"Tem mais uma coisa," disse Budd. "E novamente, você tem que ver as coisas da minha posição. Eu não tive escolha a não ser entrar em contato com seus antigos supervisores no FBI. É o protocolo. Certamente você sabe disso."

Ela realmente sabia disso, mas honestamente, não havia pensado a respeito. Uma leve, porém atormentadora, irritação começou a florescer nas suas entranhas.

"Eu sei," ela disse.

“Eu falei com o Diretor Assistente Duran. Ele não ficou feliz e ele quer conversar com você.”

Kate revirou os olhos e assentiu. “Certo, eu vou ligar para ele e informá-lo sobre a suas instruções.”

“Não, você não entendeu,” disse Budd. “Eles querem conversar com você em DC.”

E com isso a irritação que ela sentia rapidamente se transformou em algo que ela não experimentava há algum tempo: preocupação legítima.

CAPÍTULO SEIS

Seguindo sua reunião com o Chefe Budd, Kate fez as ligações apropriadas para informar seus antigos supervisores que ela havia recebido a requisição para visitá-los. Ela não recebeu qualquer informação pelo telefone e, na verdade, nunca falou com qualquer um na chefia. Isso só a deixou deixar algumas mensagens rudes com dois recepcionistas azarados — um exercício que realmente ajudava a aliviar um pouco do stress.

Ela saiu de Richmond na manhã seguinte às oito da manhã. Ela estava curiosamente mais animada do que nervosa. Ela descobriu que deveria ser parecido com um ex-aluno visitando o campus da universidade depois de um tempo distante. Ela sentiu uma grande falta do FBI pelo último ano ou por aí e estava ansiosa para estar de volta naquele ambiente... mesmo se fosse para ser corrigida.

Ela se distraiu escutando um obscuro podcast baseado em cinema — uma sugestão feita por sua filha. Dentro de cinco minutos do início do podcast ela, os comentadores foram varridos e Kate estava refletindo sobre os últimos anos da sua vida. Pela maior parte, ela não era uma pessoa sentimental, mas por alguma razão que nunca entendera, ela tendia a ficar nostálgica e reflexiva sempre que caía na estrada.

Então, ao invés de focar no podcast, ela pensou na sua filha — sua filha grávida, que daria a luz em cinco semanas. O bebê era uma garota chamada Michelle. O pai do bebê era um homem bom o suficiente mas, por estimativa de Kate, nunca fora bom o suficiente para Melissa Wise. Melissa, chamada de Lisa por Kate desde quando começou a engatinhar, morava em Chesterfield, uma área tecnicamente em Richmond, mas considerada diferente por aqueles que moravam lá. Kate nunca contou a Melissa, mas foi por isso que ela se mudou de volta para Richmond. Não foi inteiramente apenas por causa dos seus laços com a cidade devido a sua experiência na universidade, mas porque foi lá onde sua família estava — onde a sua primeira neta iria crescer.

Uma neta, Kate pensava com frequência. Como Melissa ficou velha assim? Diabos, sobre isso, como eu fiquei velha assim?

E quando ela pensava sobre Melissa e sobre a ainda não nascida Michelle, Kate tipicamente virava seus pensamentos para seu falecido marido. Ele foi assassinado há seis anos, alvejado na nuca enquanto caminhava com o cachorra à noite. Sua carteira e celular foram levados e ela foi chamada para identificar o corpo em menos de duas horas depois de ele ter saído de casa com o cão.

A ferida ainda estava fresca na maior parte do tempo, mas ela a escondia bem. Quando ela se aposentou do FBI, ela procedeu assim com cerca de oito meses antes da data oficial da sua idade de aposentadoria. Mas ela fora incapaz de dedicar seu tempo, atenção e foco por inteiro ao trabalho depois de ter, finalmente, espalhado as cinzas de Michael por um velho campo de baseball abandonado próximo à residência deles em Falls Church.

Talvez fosse esse o porquê de ela ter passado o último ano tão deprimida sobre sair do trabalho. Ela tinha meses antes de ter que fazê-lo legalmente. O que esses meses poderiam ter oferecido a ela? O que mais ela poderia ter feito com a carreira?

Ela sempre pensava sobre essas coisas, mas nunca caiu no lado do arrependimento. Michael merecia pelo menos alguns meses da sua atenção indivisa. Na verdade, ele merecia muito mais que isso, mas ela sabia que mesmo no além, não ele não esperaria que ela escapasse do trabalho por muito tempo. Ele teria sabido que daria algum trabalho para que ela ficasse de luto propriamente — e que esse trabalho significava literalmente trabalhar no FBI por tanto tempo quanto ele fosse emocionalmente capaz após a sua morte.

Ao se aproximar de DC, ela ficou aliviada por não sentir como se estivesse traindo Michael. Ela acreditava pessoalmente que a morte não era o fim, ela não sabia se isso significava se o Paraíso era real ou se reencarnação era possível e, bem francamente, ela estava bem com não saber. Mas ela sabia que onde quer que Michael estivesse, ele estaria feliz por ela estar de volta a DC — mesmo que fosse para ser repreendida severamente.

No máximo, ele estaria rindo às custas dela.

Isso fez Kate sorrir apesar de si. Ela cortou o podcast e se focou na estrada, nos seus próprios pensamento e mesmo se ela se ferrasse, a vida sempre parecia, de alguma forma, ser cíclica em natureza.

Ela não sentiu uma torrente de emoção quando passou pelas portas da frente para o amplo saguão na sede do FBI. Se alguma coisa, ela estava bem ciente que ela não se sentia mais parte do lugar — como uma mulher revisitando sua antiga escola e percebendo que os corredores a deixam triste ao invés de nostálgica.

O senso de familiaridade ajudava, no entanto. Apesar de se sentir deslocada, ela também sentia que ela realmente não esteve longe por muito tempo afinal. Ela atravessou o saguão, se apresentou na recepção e se dirigiu para os elevadores como se ele estivesse acabado de estar ali na semana passada. Mesmo o espaço fechado do elevador era reconfortante enquanto a levava acima para o escritório do Diretor Assistente Duran.

Quando ela saiu do elevador e entrou na área de espera de Duran, ela viu a mesma recepcionista que estivera na mesma mesinha no ano passado. Elas nunca se trataram pelo primeiro nome, mas assim que ela chegou a recepcionista correu para abraçá-la.

“Kate! É tão bom ver você!”

Felizmente, o nome da recepcionista veio à tona no momento certo.

“Você também, Dana,” disse Kate.

“Eu não achei que você fosse ficar tão bem com a aposentadoria,” Dana brincou.

“É, é como um longo cochilo.”

“Bem, pode seguir e entrar,” disse Dana, “Ele está esperando por você.”

Kate bateu na porta fechada do escritório. Ela percebeu que mesmo a resposta um pouco áspera vinda de dentro a tranquilizou.

“Está aberta,” disse a voz do Diretor Assistente Vince Duran.

Kate abriu a porta e entrou. Ela estava completamente preparada para ver Duran e ficou pronta para isso. O que ela não esperava, porém, era que o rosto do seu antigo parceiro. Logan Nash sorriu para ela imediatamente, levantando-se da cadeira em frente à mesa de Duran.

Duran pareceu desviar o olhar por um momento para permitir a reunião. Kate e Logan Nash se encontraram nas cadeiras de visitante em um abraço amigável. Ela havia trabalhado com Logan pelos últimos oito anos da sua carreira. Ele era dez anos mais novo que ela, mas tinha ido bem no caminho para montar uma carreira ilustre para si quando ela saiu.

“É bom ver você, Kate,” ele disse suavemente no ouvido dela quando se abraçaram.

“Você também,” ela disse. O coração dela inchou e vagorosamente, quase provocativamente, ela percebeu que não importava o quanto ela tentasse disfarçar, ela sentia muita falta dessa parte da vida dela no último ano.

Com o abraço se partiu, ambos tomaram seus assentos em frente à mesa desajeitadamente. Durante seu tempo juntos como parceiros, eles haviam sentado nesse mesmo exato lugar inúmeras vezes. Mas nunca por motivos de represália.

Vince Duran respirou fundo longamente e deixou sair como suspiro. Kate ainda não conseguia dizer o quão irritado ele estava.

“Então, sem rodeios,” disse Duran. “Kate, você sabe por que você está aqui. E eu certifiquei ao Chefe Budd que eu cuidaria da situação de maneira bem efetiva. Ele pareceu satisfeito com isso e eu estou razoavelmente certo de que a bagunça toda com você jogando um suspeito da sua varanda vai ser varrida para debaixo do tapete. O que eu gostaria de saber, contudo, é como você foi parar na varanda do pobre homem.”

Ela sabia então que qualquer conversa árida que ela estivesse esperando não iria acontecer. Duran era um monstro de um homem de quase cento e dez quilos e a maioria não era nada além de músculo. Ele passou algum tempo no Afeganistão no início dos seus vinte anos e, embora ela nunca tivesse descoberto como ele foi por lá, os rumores eram extravagantes. Ele havia feito e visto coisas duras e isso frequentemente era visto nas linhas do seu rosto. Mas hoje, ele parecia estar de bom humor. Ele imaginou se era porque ela não estava mais falando com ela como subordinada. Quase parecia que ele estava conversando com uma velha amiga.

Isso facilitou para que ela o contasse sobre o assassinato de Julie Hicks — a filha da sua amiga Deb Meade. Ela percorreu a conversa na casa dos Meade e como eles pareciam ter certeza. Então, ela descreveu novamente a cena na varanda de Neilbolt, explicando como ela havia começado se defendendo e, então, admitiu ter levado as coisas um pouco longe.

Em algumas ocasiões, ela recebeu uma risada leve de Logan, Duran, no entanto, permaneceu quase sempre sem expressão. Quando ela acabou, ela esperou pela reação dele e ficou confuso quando tudo o que ela recebeu dele foi um sacudir de ombros.

“Olhe... no que me diz respeito,” ele disse, “isso é um nem é um problema. Embora você possa ter metido o nariz onde não foi chamada, esse cara não tinha que colocar as mãos em você — especialmente depois de você dizer a ele que é uma antiga FBI. Foi estúpido da parte dele. A única coisa pela qual eu levantaria a sobrancelha é por você ter colocado algemas nele.”

“Como eu disse... eu admiti que fui um pouco pela borda afora.”

“Você?” Logan perguntou com uma surpresa falsa. “Não!”

“O que você sabe sobre o caso?” perguntou Duran.

“Só que ela foi assassinada na casa dela enquanto o marido estava fora a negócios. O ex-namorado era a única pista real e os policiais o liberaram de maneira bem rápida. Mas eu realmente descobri depois que o álibi dele estava OK.”

“Nada além disso?” perguntou Duran.

“Nada que me contaram.”

Duran assentiu e então deu um sorriso cordial. “Então, além de jogar marmanjos das varandas, como vai a aposentadoria?”

“Um inferno,” ela admitiu. “Foi ótimo pelas primeiras poucas semanas, mas ficou velho rápido. Eu sinto falta do meu trabalho. Eu comecei a ler uma quantidade insana de livros de crimes reais. Estou assistindo programas demais sobre crimes no Biography Channel.”

“Você ficaria surpresa com o quão frequentemente nós escutamos isso de agentes nos seus primeiros doze meses após a aposentadoria. Alguns deles ligam implorando por trabalho. Qualquer coisa que tivermos. Mesmo papelada de escutas.”

Kate disse nada, mas assentiu para sinalizar que ela se identificava.

“Mas ainda sim, você não ligou,” disse Duran. “Para ser sincero, eu esperava que você o fizesse. Eu não achei que você pudesse largar tão facilmente. E esse pequeno incidente mostra que eu estou certo.”

“Com todo o respeito,” disse Kate, “você me chamou aqui para me dar uma bronca por isso tudo ou para esfregar meu nariz no fato de eu não poder superar meu antigo emprego?”

“Nenhum dos dois,” disse Duran. “Eu estava olhando nos meus arquivos ontem depois que recebi a ligação de Richmond. Notei que você foi chamada para testemunhar em uma audição de liberdade condicional. Correto?”

“Sim. É para o caso Mueller. Homicídio duplo.”

“É a primeira vez que você foi contatada sobre trabalho desde que você se aposentou?”

“Não,” ela disse bem certa de que ele já sabia a resposta. “Eu tive um assistente de um agente me ligando cerca de dois meses depois de eu ter saído me fazendo perguntas sobre um caso frio que eu trabalhei lá em 2005. Alguns dos caras no registro e a pesquisa também entraram em contato sobre minha metodologia em casos antigos também.”

Duran assentiu e reclinou um pouco na sua cadeira. “Você também deveria saber que nós temos instrutores na academia usando alguns dos seus trabalhos como exemplos para o curso. Você deixou uma marca aqui no FBI, Agente Wise. E honestamente, eu estava mais esperando que você fosse um desses agentes ligando para ver o que você poderia fazer mesmo depois de ter aposentado.”

“Você está dizendo que quer que eu comece a auxiliar em alguns casos, então?” perguntou Kate. Ela fez seu melhor para manter o tom esperançoso fora da sua voz.

“Bem, não é exatamente isso. Nós estávamos pensando em talvez trazer de volta um agente ou dois com um histórico excepcional para trabalhar em casos frios. Nada em longo prazo ou em tempo integral, a propósito. E quando nós discutimos isso, seu nome foi o único que continuava surgindo unânime. Agora, antes que você fique muito animada, saiba que não é uma coisa imediata. Ainda queremos que você relaxe. Tire um tempo de folga. Um tempo de folga de verdade.”

“Eu posso fazer isso,” disse Kate. “Obrigada.”

“Não me agradeça ainda,” disse Duran. “Pode demorar alguns meses. E temo que eu tenha que retirar a oferta se você voltar para casa e começar a bater em homens muito mais novos que você nas varandas deles.”

“Eu acho que posso me controlar,” disse Kate.

Novamente, Logan não conseguiu se conter e deixou escapar uma risada abafada por trás dela.

Duran pareceu tão impressionada quanto ao se por de pé.

“Agora... se você realmente for auxiliar, temo que teremos que visitar algumas das partes menos espetaculares do trabalho.”

Assumindo que ele queria dizer burocracia, Kate suspirou.

“Formulários? Documentos?”

“Ah, não, nada do tipo,” disse Duran. “Eu agendei uma reunião para executar isso. Descobri que seria a melhor maneira de manter todos os

canais atualizados.”

“Ah, odeio reuniões.”

“Ah, eu sei,” disse Duran. “Eu me lembro. Mas ei... que melhor maneira de dar as boas vindas?”

Logan riu atrás dela enquanto se levantavam e seguiram Duran para fora do escritório. Para Kate, tudo isso parecia estranhamente familiar.

Realmente, acabou não sendo uma reunião ruim. Havia apenas três outras pessoas esperando por eles na pequena sala de conferências no fim do corredor. Duas delas eram agentes, um homem e uma mulher. Pelo que Kate conseguia perceber, ela não havia encontrado nenhum dos dois anteriormente. O terceiro era um homem que parecia vagamente familiar; ela estava bem certa de que o último nome dele era Dunn. Quando Duran fechou a porta atrás deles, um dos agentes ficou de pé e estendeu a mão instantaneamente.

“Agente Wise, estou muito contente em conhecê-la,” ele disse.

Ele tomou sua mão desajeitadamente e a apertou. Ao fazê-lo, o agente pareceu perceber que ele fez um pequeno espetáculo.

“Desculpem-me,” ele disse soba respiração ao retornar rapidamente para o seu assento.

“Tudo bem, Agente Rose,” disse Duran enquanto tomava o lugar na cabeceira da mesa. “Você não é o primeiro agente a ser deixando no chão pela presença da quase legendária Agente Wise.” Ele disse isso com um pouco de sarcasmo e um sorriso fino na direção de Kate.

O homem que ela pensou se chamar Dunn destacava-se dos outros dois — ambos agentes claramente mais novos. Ele era algum tipo de supervisor; era claro desde a expressão estoica até o terno delicadamente passado.

“Agente Wise,” disse Duran, “estes dois agentes são a Agente Rose e a Agente DeMarco. Elas são parceiras a cerca de sete meses, mas apenas porque eu e o Diretor Assistente Dunn tivemos problemas em encontrar um lugar para elas. Ambos vem com um conjunto único pontos fortes. E se você acabar por liderar o caso em Richmond, uma delas provavelmente vai ser enviada para trabalhar com você.”

Agente Rose ainda parecia sem jeito, mas recusou quebrar sua concentração. Kate conseguia lembrar a última vez que alguém estivera tão

visivelmente abalado ao conhecê-la. Foi em algum momento próximo ao seu último ano da carreira quando alguém de Quantico acabou trabalhando com ela por um dia no laboratório. Foi humilhante, mas também um pouco decepcionante.

“Eu deveria acrescentar,” disse o Diretor Assistente Dunn, “que o Vice Diretor Duran e eu somos quem moveram esse programa para trazer agentes recém-aposentados de volta. Eu não sei se ele contou para vocês ainda, mas seu nome foi o primeiro a vir à tona.”

“Sim,” concordou Duran, “Não é preciso dizer, nós realmente agradeceríamos se vocês mantivessem isso por baixo dos panos por enquanto. E, é claro, superem as expectativas.”

“Eu darei meu melhor,” disse Kate. Ele estava começando a entender que agora havia um pouco de pressão sendo aplicada. Não que ela se importasse, realmente. Ela normalmente operava melhor sob pressão.

“Excelente,” disse Duran. “Por hora, você quer repassar os detalhes desse caso da maneira que você os vê?”

Kate assentiu e instantaneamente caiu de volta no seu antigo papel. Era como se ela não tivesse perdido um dia, muito menos um ano. Ao informá-los o que estava acontecendo em Richmond e como ela se envolveu, a Agente Rose e a Agente DeMarco mantiveram contato visual direto com ela, talvez a estudando para ver como eles poderiam trabalhar ao lado dela.

Mas ela não deixou que isso a distraísse. Enquanto passava pelos detalhes, ela sentia como se tivesse voltado no tempo.

E era muito superior ao presente que ela vinha vivendo.

CAPÍTULO SETE

Três horas depois, Kate e Logan estavam sentando em uma mesa do lado de fora embaixo de uma marquise em um pequeno restaurante italiano. Logan estava comendo um sanduíche de carne enquanto Kate estava comendo uma salada de macarrão e desfrutando de uma taça de vinho branco. Ela não bebia frequentemente e quase nunca antes das cinco da tarde, mas era uma ocasião especial. Mesmo a mera ideia de uma realidade onde ela pudesse, uma vez mais, se tornar ativa no FBI era causa para celebração.

“Então, em que tipos de casas vocês estão trabalhando agora?” perguntou Kate.

“Todas as coisas que iriam entediá-la, tenho certeza,” ele disse. Mas ela sabia que ele a diria, ele a diria por que ele amava o trabalho tanto quanto ela.

“Tentando pegar alguns estelionatários que vem adulterando caixas eletrônicos principalmente. Estou meio que trabalhando em parceria com alguns outros agentes no que pode ser um circuito de prostituição em Georgetown, mas é só isso.”

“Eca,” disse Kate.

“Falei. Entediante.”

“Então, muito longe desses casos frios que Duran comentou? O que você sabe sobre eles? Por quanto tempo esse pequeno projeto paralelo vem cozinhando?”

“um tempo, eu acho. Eu só fui colocado no meio a duas semanas. Dura e alguns dois outros tipos por trás dos bastidores, estiveram perguntando sobre alguns dos casos que nós trabalhamos que nunca foram solucionados. Não procurando pela metodologia ou algo assim, apenas perguntando por detalhes e velhos arquivos de casos.”

“E eles não deram motivos a vocês?”

“Não. E... espero, por que você parece suspeita? Eu pensei que você pularia de cabeça nessa oportunidade.”

“Ah, eu planejo isso. Mas me faz imaginar se tem algum caso frio em particular no qual eles estejam mais interessados. Alguma coisa deve ter estimulado esse interesse repentino por casos frios. Eu duvido seriamente que seja apenas para que Duran possa encontrar algum jeito de me trazer de volta.”

“Eu não sei,” disse Logan. “Você ficaria surpresa. Sua falta foi sentido por aqui. Alguns dos agentes mais novos ainda falam de você como se fosse algum tipo de personagem mitológico.”

Ela ignorou o elogio, ainda presa no fluxo dos pensamentos. “Além disso, porque ele me chamaria apenas para me trazer de volta, dizendo que ele queria que eu tirasse mais algum tempo de folga antes de começar? Isso me faz imaginar se a razão real por trás disso ainda não está concreta.”

“Bem, você sabe,” disse Logan. “Baseado na maneira na qual você está pensando exageradamente sobre isso tudo, talvez ele esteja certo. Relaxe, Kate. Como ele disse... há toneladas de agentes aposentados que morreria por essa chance. Então, sim, volte para casa. Relaxe. Não faça absolutamente nada.”

“Você me conhece bem o suficiente para saber que não sou assim,” ela disse. Ela deu um gole do vinho, pensando que talvez ele estivesse certo. Talvez ela devesse apenas se regozijar na alegria de voltar para o trabalho... ou algo assim.

“Aposentadoria não muda isso, né?” perguntou Logan.

“Não. Se altera alguma coisa, deixa pior. Eu não consigo ficar quieta. Odeio uma cabeça ociosa. Palavras cruzadas e tricô não vão aliviar isso. Talvez lá no fundo Duran soubesse que eu estou muito jovem para ser colocada para fora do pasto.”

Logan sorriu e balançou a cabeça. “si, mas a grama nesses pastos é bem viçosa e verde.”

“Pois é, e tem cocô de vaca para todo lado.”

Logan suspirou enquanto dava a última mordida no seu almoço. “OK,” ele disse. “Alguns de nós precisam voltar para o trabalho.”

“Golpe baixo,” ela disse, dando o último gole do vinho.

“Então, o que você vai fazer?” ele perguntou. “Voltar para casa?”

Ela honestamente não sabia ainda. Parte dela queria continuar em DC apenas por ficar. Talvez ela fizesse compras ou saísse para seu lugar favorito no National Mall e apenas sentar para refletir. Era certamente um dia maravilhoso para isso.

Mas então, novamente, ela também queria voltar para casa. Embora ela tivesse eliminado em termos de Brian Neilbolt, o fato de que alguém havia matado Julie Meade continuava. E parecia que a polícia estava perdida até agora.

“Não tenho certeza,” ela disse. “Eu posso ficar por aqui na cidade um pouco, mas eu provavelmente voltarei para casa antes que a noite caia.”

“Se você mudar de ideia, me ligue. Foi muito bom ver você, Kate.”

Eles pagaram as contas e saíram da mesa após um breve abraço. Mesmo antes de Kate sair, sua mente parecia ter emperrado em um pensamento em particular, um que havia saído do nada, parecia.

Julie foi assassinada na casa dela, enquanto seu marido estava fora da cidade. Se houve uma invasão de algum tipo, ninguém mencionou para mim. Nem a polícia enquanto eu estava sendo repreendida, nem Debbie ou Jim. Se houvesse alguma invasão, alguém imaginaria que isso teria sido mencionado.

Isso a fez cogitar... o assassino entrou na casa porque ele foi convidado? Ou ele talvez soubesse pelo menos onde a chave reserva ficava escondida?

Essas questões resolveram o assunto. Uma vez que ela deixasse a sua taça de vinho seguir seu curso, ela dirigiria de volta para Richmond. Ela prometera ao Diretor Assistente Duran que ela não daria uma surra em mais ninguém.

Mas ela não disse nada sobre investigar.

É claro, o funeral viria primeiro. Ela daria seus pêsames e varia seu melhor para Deb amanhã. E depois disso, ela voltaria para seu papel — talvez com um pouco mais de animação do que ela poderia admitir.

CAPÍTULO OITO

Na tarde seguinte, Kate estava de pé na fileira de enlutados enquanto a família Meade e seus amigos mais íntimos se reuniam no cemitério. Ela ficou sua pequena turma do café — Clarissa e Jane vestindo preto e parecendo genuinamente entristecidas — que tinham conseguido dar os pêsames para Debbie mais cedo na manhã. Debbie parecia estar indo muito melhor do que estava no dia que pediu a Kate para investigar o assassinato. Ela chorava abertamente e liberou um único gemido de angústia, mas ela ainda estava presente. Jim, por outro lado, parecia um homem despedaçado. Um homem que iria para casa e pensaria longa e intensamente sobre como algumas vezes a vida não era nem um pouco justa.

Kate não podia deixar de pensar na própria filha. Ela sabia que precisaria ligar para Melissa quando o funeral acabasse. Ela não conhecia Julie Meade muito bem, mas baseado nas conversas que ela tivera com Debbie, Kate assumiu que ela tinha mais ou menos a mesma idade de Melissa.

Ela escutou o pastor percorrer passagens bíblicas familiares. Embora seus pensamentos estivessem com Debbie. Eles também estavam levemente obcecados sobre como isso poderia ter acontecido. Ela não veio e frente e perguntou diretamente se houve alguma invasão desde que voltou de DC, mas manteve os ouvidos abertos. Ela notou que nem Jane nem Clarisse também nunca mencionaram uma invasão. E isso era estranho porque Clarissa, de alguma forma, tinha um jeitinho para saber tudo o que acontecia graças ao seu faro para fofoca.

Ela olhou para Debbie e Jim, notando que havia um homem alto ao lado de Jim. Ele era relativamente novo e impetuoso de maneira precisa.

Ela cutucou Jane de leve ao seu lado e perguntou: “O cara alto ao lado de Jim. É o marido de Julie?”

“Sim. O nome dele é Tyler. Eles não eram casados há muito tempo. Menos de um ano, eu acho.”

Ocorreu a Kate que talvez sua pequena trupe de café não se conhecia realmente muito bem afinal. Certamente, elas conheciam sobre os empregos passados, bebidas cafeinadas preferidas e desejos e sonhos para a aposentadoria. Mas elas nunca foram muito mais a fundo. Tem sido um tipo de entendimento silencioso mútuo. Elas raramente falavam sobre suas famílias, mantendo a conversa na superfície, divertida e agradável.

Não havia nada errado com isso, é claro, mas fazia com que Kate soubesse muito pouco sobre a família Meade. Tudo o que ela sabia era que Julie era a única filha... da mesma maneira que Melissa era a sua única filha. E enquanto ela e Melissa não eram intimamente próximas como foram um dia, ainda doía pensar em perdê-la.

Quando a cerimônia acabou e a multidão começou a se dispersar em um emaranhado de abraços e apertos de mãos desajeitados, Kate e seu pequeno grupo de café seguiram o protocolo. Kate, contudo, ficou para trás onde algumas pessoas haviam se escondido para fumar um cigarro. Apesar de Kate não estar fumando (ela achava um hábito desagradável), ela queria ficar fora de vista por um momento. Ela varreu a multidão e encontrou a figura alta de Tyler Hicks. Ele estava falando com um casal de idosos, ambos estavam chorando a largo. Tyler, contudo, parecia estar dando seu melhor para permanecer calmo.

Quando o casal saiu, Kate caminhou em direção a ele. Tyler estava a caminho de uma mulher de meia idade e suas duas crianças, mas Kate chegou a ponto de encontrá-lo primeiro.

“Desculpe-me,” ela disse, se inclinando para frente dele. “Você é o Tyler, certo?”

“Sou,” ele disse. Quando ele se virou para olhá-la, ela poderia ver o luto por todo seu rosto. Ele estava sugado, cansado e parecia estar vazia de tudo. “Eu conheço você?”

“Não, para falar a verdade,” ela disse. “Mas sou uma amiga da mãe da Julie. Meu nome é Kate Wise.”

Um lampejo de reconhecimento surgiu nos olhos dele por um momento. Isso deixou sua face quase viva por uma fração de segundo. “Sim, eu ouvi Debbie mencionar você. Você é uma agente do FBI ou algo assim, certo?”

“Bem, aposentada recentemente. Mas sim, é a essência da coisa.”

“Sinto muito que ela tenha lhe pedido para investigar o que aconteceu com Julie. Eu posso imaginar que foi uma situação constrangedora.”

“Não é preciso se desculpar,” disse Kate. “Eu nem posso imaginar pelo o que ela está passando. Mas olha... eu vou fazer isso rápido. Eu não quero tomar muito do seu tempo. Eu sei que Debbie queria que eu investigasse o ex-namorado e apesar de eu não ter sido capaz de falar com ela sobre isso ainda, ele está limpo;”

“Srta. Wise, você não precisa fazer isso por ela.”

“Eu sei,” ela disse. “Mas eu estava imaginando se você poderia talvez responder algumas perguntas bem rápidas para mim.”

Ele pareceu insultado à primeira vista, mas então se resignou. UM olhar curioso e triste cruzou seu rosto enquanto ele perguntava. “Você acha que há questões que valham a pena serem perguntadas?”

“Talvez.”

“Então sim, eu responderei algumas. Rápido, por favor.”

“Claro. Eu estava pensando se você viu alguma coisa ao redor da casa quando voltou para lá que possa parecer estranha ou fora de lugar. Talvez algo que não parecesse grande coisa considerando o que acabou de acontecer com Julie. Talvez algo que você deixou para dar uma olhada depois, quando as coisas se acalmassem um pouco.”

Ele sacudiu a cabeça lentamente, olhando de volta para o lugar onde sua mulher seria rebaixada no chão dentro de uma hora. “Nada que eu consiga lembrar.”

“Nem mesmo algum sinal de invasão?”

A atenção dele voltou para ela e agora ele parecia um pouco assustado. “Sabe, eu comecei a pensar sobre isso por conta própria,” ele disse. “Todas as portas estavam trancadas quando eu cheguei em casa no dia seguinte. Eu bati a campainha, porque minhas chaves estavam em uma das minhas bolsas e eu não queria caça-las. Mas Julie nunca respondeu. Eu nem mesmo me importei em pensar sobre isso até o dia seguinte, quando eu estava tentando dormir. Alguém entrou facilmente, sem invadir. E então, fechou a porta atrás de si. Então ele sabia como entrar. Mas não isso não faz sentido.”

“E por que não?”

“Porque há um código do sistema de segurança que apenas Julie, eu e nossa faxineira conhecemos. Nós o trocamos a cada dois meses.”

“Alguma suspeita sobre a faxineira ou a família dela?”

“Bem, ela estava beirando os sessenta e nós não conhecemos a família dela. A polícia estava dando uma olhada nisso mais não encontrou coisa alguma.”

“Bem, e você?” perguntou Kate. “Há algum que você possa imaginar que poderia sequer ter considerado fazer isso?”

Ela balançou a cabeça sem pensar muito. “Eu gastei todo momento de pé desde que eu voltei para casa e encontrei o corpo dela tentando pensar em alguém que teria qualquer motivo para mata-la — até mesmo que apenas

estivesse nervoso com ela. E eu continuei sem nada.” Ele parou aqui e então olhou para ela ceticamente. “Você disse que estava aposentada. Então, por que você está tão interessada nesse caso?”

Ela deu a única resposta que seria aceitável. “Eu só queria fazer tudo o que eu pudesse para reconfortar a cabeça de Debbie.”

Ela sabia que havia uma verdade mais profunda ali, no entanto. E era uma verdade egoísta.

Porque ficar apenas um pouco envolvida nesse caso é o mais significativo que eu tenho me sentido desde que eu me aposentei há um ano.

“Bem, eu aprecio a sua ajuda,” disse Tyler. “E se você precisar de mais qualquer coisa de mim, por favor me informe.”

“Eu irei,” ele disse dando um pobre tapinha de simpatia nas costas e o deixou com o sofrimento. A verdade era, contudo, que ela duvida que ela sequer falaria com ele novamente. Ela foi uma agente tempo o suficiente para conhecer um homem devastado e verdadeiramente inocente quando via um. Ela apostaria tudo que tinha no fato de que Tyler Hicks não havia matado a sua esposa. Ela já se sentia terrível por abordá-lo após o funeral da sua esposa. Ela ficaria longe de Tyler desse ponto em diante, se ele puder ser de mais alguma ajuda, deixe que os policiais cuidem disso.

Ela foi até seu carro e saiu na sonolenta fila de tráfego que estava deixando o cemitério. Ela dirigiu de volta para a sua casa em silêncio, seus pensamentos continuamente vagando para Melissa e sua neta que estava por vir.

Seu telefone tocou, obliterando a cadeia de pensamentos. Era um número, não um nome, na tela do celular. Ela respondeu com suspeita, ainda abalada pelo funeral e como a experiência estava fazendo-a pensar longa e intensamente na própria filha.

“Kate Wise?” um homem perguntou do outro lado.

“Sim, é a Kate,” ela disse.

“Aqui é Randall Budd. Como você está?”

“Melancólica,” ela respondeu honestamente, um pouco irritada por estar precisando falar com o Chefe Budd naquele momento em particular.

“Você foi ao funeral hoje?” ele perguntou.

Ela estava bem surpresa de que ele sequer soubesse que Julie seria enterrada hoje. Talvez ele deveria dar um tempo para o cara. “Sim,” ela respondeu. “Acabei de sair de lá faz uns quinze minutos.”

“Bem, veja, eu queria ligar para contar a você que por volta das oito da manhã nós recebemos uma pista anônima. Uma prisão foi feita no caso da morte de Julie Hicks. Ainda estamos com o cara aqui em interrogatório. Algum cara que foi consertar a internet algumas semanas atrás. Ele tinha algum conhecimento particular sobre a família e ele foi preso antes por — segura essa — abuso sexual. Estamos investigando a história e nas contas dele e tudo parece sólido.”

“Quem é?”

Budd suspirou, um som que era como eletricidade estática pelo telefone. “Sr. Wise, você sabe que eu não posso lhe dizer isso.”

“Claro que você pode. Eu não farei nada com a informação além de tentar ajudá-lo.”

“Sim, mas com todo o respeito, eu não pedi pela sua ajuda.”

“Você pode pelo menos me dizer se o suspeito conhecia a vítima pessoalmente?”

O outro lado da linha ficou em silêncio por quase três segundos, finalmente quebrado por um suspiro pesado e a voz de Budd dizendo: “Não.”

Ela quase pressionou mais, mas deixou por isso mesmo. Se ela realmente quisesse saber, tudo o que ela deveria fazer era ligar para Logan. Seria algo baixo de ser fazer, mas a opção estava ali.

“E está parecendo que ele é o cara?”

“Certamente é uma possibilidade,” disse Budd. “Quando tivermos o suficiente para prendê-lo por isso, vamos notificar Debbie e Jim Meade. Então, por favor, mantenha isso para sim por agora. Eu só pensei que eu faria essa cortesia a você... na esperança de que você não vire uma vigilante de novo.”

“Obrigada por isso,” ela disse. “Tenha um bom dia, Chefe.”

Ela desligou com um senso de alívio. Caso fechado. Era uma boa coisa. Agora Debbie e Jim poderiam talvez começar a viver o luto com o encerramento se desenrolando.

Mas então ela pensou sobre o que Tyler Hicks havia dito sobre o código de segurança. E até nas coisas que ele não havia dito. Sobre como alguém teria que saber como entrar sem ser visto. Como alguém teria que conhecer a família bem o suficiente para entrar na casa depois do anoitecer, passar pelas medidas de segurança e portas trancadas.

Quando ela chegou a casa em Carytown, o alívio se foi. No máximo, transformou-se em um tipo de certeza inteiramente nova.

Uma certeza que dizia a ela que quem quer que tenha matado Julie Hicks ainda estava a solta.

CAPÍTULO NOVE

Se havia um aspecto de ser uma agente que Kate odiava, era que algumas vezes ela tinha que aparecer no tribunal para testemunhar ou testificar contra a condicional de algum preso. Contudo, fazendo isso agora, um ano removida do seu trabalho com o prospecto de retornar em um papel menor no futuro, ela achava isso animador.

Ela foi colocada para testificar contra um homem chamado Patrick Ellis. Ela conhecia a história como a palma da mão, mas ainda estava presa em cada palavra quando o juiz recontava o caso para aqueles atendendo a sessão.

“Foi provado para além da dúvida que o Sr. Ellis matou um casal enquanto fazia trilha nas Blue Ridge Mountains em 1993. O casal, os Mueller, foram descobertos três dias após o fatídico passeio. Ambas as cabeças foram esmagadas, a esposa foi morta e sodomizada, eles foram despidos por completo e estripados. Durante o caso inicial. A defesa pressionou com força por uma declaração de insanidade, dada a natureza gratuita dos crimes de Ellis.”

“No fim, mostrou-se que Ellis tinha uma mente saudável, dedicando-se aos assassinatos e não planejando com antecedência. Outras evidências mostraram que os Mueller não foram aleatórios, eles moravam apenas a três ruas dele. Ele até cortou a grama deles uma vez quando os Mueller estavam de férias na Flórida.”

Ele pausou e olhou para a corte, certificando que isso fosse absorvido. Enquanto ele repassava as minúcias e notas de datas passadas, Kate reviveu caso na cabeça. Foi há vinte e cinco anos, mas o caso, como a maioria dos que haviam a levado ao tribunal, parecia tão fresco como aquele que ocorreu na semana passada. Até mesmo Patrick Ellis parecia quase o mesmo com exceção de uma barba maltrapilha e alguns cabelos brancos. Ele a reconheceu mesmo antes que ela fosse convocada para testemunhar. Ele deu um sorriso a ela que era afiado como uma faca.

Uma faca que eu tenho certeza que ele ficaria feliz em enfiar diretamente na minha garganta, ela pensou ao subir para fazer o juramento.

“Antes de começarmos,” o juiz disse uma vez que havia terminado de colocar todas na mesma página, “eu deveria deixar claro para os presentes que a Sr. Kate Wise aposentou-se do FBI um pouco mais de um ano atrás. Ainda assim, eu tenho com boa confiança que todos com os quais ela

trabalhou, incluindo seus superiores, depositam toda confiança e segurança. Tendo dito isso... Sr. Wise, eu assumo que você conheça todas as razões que estão sendo dadas para a condicional do Sr. Patrick Ellis, correto?”

“Conheço.”

“Você poderia dizer essas razões ao tribunal?”

“Claro, vossa excelência. Eu sei que durante o primeiro ano dele na prisão, Ellis se envolveu em três brigas, uma que quase o matou. Eu também sei que durante seu terceiro ano ele começou a tentar conseguir permissão para entrar em contato com amigos e membros da família Mueller sob a justificativa que ele desejava se desculpar. Por último, eu sei que ele vem comparecendo regularmente a capela e estudos da bíblia e que ele, aparentemente, deu sua vida a Cristo. Pelos últimos quatro anos, ele aparentemente vem sendo um detento exemplar e, nas palavras de vários guardas, é a própria definição de homem mudado.”

“Exatamente,” disse o juiz. “Baseado nesses detalhes, qual é a sua opinião da possibilidade de condicional?”

“Bem, Ellis foi condenado originalmente a prisão perpétua. E embora a opção de condicional tenha sido acrescentada naquela sentença, e veementemente lutei contra ela na época. E eu continuarei a luta agora. Eu não posso dizer se Ellis é um homem mudado agora ou não. Mas eu posso dizê-los que as coisas que eu vi na cena do crime quando os corpos foram descobertos foi o trabalho de um homem que regozijou no que havia feito. Eu também posso dizê-los algumas das coisas depravadas que ele disse ao meu parceiro e para mim quando ele estava em interrogatório. Eu sei que há membros da família Mueller aqui hoje, então eu prefiro não mencionar as coisas que Ellis disse em particular. Mas eu o farei se for preciso para ter certeza de que ele nunca veja outro dia de liberdade.”

Ela esgueirou um olhar para Ellis e viu que seu sorriso se fora. Agora ele parecia um homem que estava sendo assombrado por algum fantasma sem nome.

“Você não considera o bom comportamento e modos mudados como um sinal de ter dado a volta?”

“Eu não creio que isso importe,” disse Kate. “Condicional o faria um homem livre. Sim, ele teria testes e restrições em abundância, mas ele ainda estaria livre. Ele teria um vislumbre de uma vida de volta; O casal que eu encontrei estripado na encosta de uma montanha há vinte e cinco anos não

tem essa opção. Então não... eu não acho que a mudança de personalidade do Sr. Ellis um motivo para garantir condicional.”

Ela viu a expressão austera na face do juiz e o silêncio chocado que se sentia pela audiência como uma série de seixos caindo do céu. Sim, no passado ela odiava essa parte do trabalho. Mas voltou a ela bem naturalmente e por mais que ela odiasse admitir, ela se sentia incrível mesmo sob o olhar maligno de Patrick Ellis.

Ela estava a caminho da saída do tribunal vinte minutos depois, diretamente depois que foi decidido que a condicional não seria garantida a Patrick Ellis. As discussões na corte trouxeram de volta imagens muito vívidas dos assassinatos. Era difícil entender que aqueles tipos de cenas fizeram a vida dela em um ponto. Era garantido, os Mueller estavam entre os corpos mais mutilados e abusados que ela havia visto na carreira, mas o número de corpos continuaram a crescer e decidindo o que ela fez de alguma forma.

Foi preciso até a aposentadoria para entender isso. Para cada caso que ela pegou ou decidiu, houve pelo menos um corpo. Ela não ousava contar quantos ela havia visto ou estava próximo na sua carreira. Era daqueles tipos de detalhes e números que, ela pensava, poderiam mandar um agente aposentado à beira da insanidade.

Kate não tinha tempo para considerar o pensamento muito além. Ela ouviu alguém chamando por ela pelas suas costas ao descer os degraus do tribunal. Ela sorriu quando percebeu como estavam se referindo a ela. Não como Sra. Wise.

“Agente Wise!”

Ela parou e se virou para ver quem ainda se referiria a ela como agente. Ela viu três pessoas descendo as escadas para alcançá-la. Uma delas parecia vagamente familiar. Talvez um dos membros da família com parentesco com um dos Mueller.

“Posso ajudá-lo?” ela perguntou.

“Eu sou Paul Mueller,” a face que ela reconheceu disse. “Eu sou o pai de Clark. Clark foi...”

“Sim, eu me lembro,” disse Kate. E ela se lembrava. Embora quando ela pensasse em Clark Mueller, ela via o topo da cabeça dele com uma pedra

encravada e o intestino delgado pendendo de uma fenda em sua barriga.

“Esse é o melhor amigo dele da universidade e sua irmã,” disse Paul Mueller, apontando para os outros dois.

Uma pequena sessão de apresentações foi feita. Era tudo muito surreal para Kate. Era o tipo de situação que ela dava seu melhor para evitar quando era uma agente na ativa. Mas agora ela sentia que devia um pouco da sua atenção a essas pessoas — pessoas que perderam entes queridos muito tempo atrás e encontraram alguma paz e consolação, porque ela conseguiu encontrar a pessoa que tirou uma grande parte da vida deles.

“Só queríamos agradecê-la por continuar envolvida em tudo isso quando você não precisava.”

“O prazer é meu,” ela disse. “Agentes aposentados fazem esse tipo de coisa o tempo todo.”

“Estou certo de que fazem,” disse Paul. “Mas você sempre foi a pessoa envolvida na bagunça que parecia se importar genuinamente. Você queria pegar Ellis com certeza. Mas você tinha um bom coração. Eu me lembro de uma noite quando você animou minha esposa enquanto ela lutava através de lágrimas por quase uma hora para contar uma história sem sentido sobre Clark ter caído de uma árvore quando tinha sete anos de idade. Você a distraiu enquanto todos os outros policiais e agentes na rua a evitavam como a praga. Isso sempre significou o mundo para mim.”

Kate, nunca a melhor em receber elogios, não fazia ideia do que fazer com isso. Ela dividiu simplesmente dá-lo um sorriso caloroso. “Enquanto eu estiver viva, Patrick Ellis não receberá condicional,” ela disse. “Você tem minha palavra nisso.”

Paul deu um abraço nela, assim como o amigo da universidade e a irmã. Eles se separaram e todos continuaram seus caminhos separadamente. Kate se dirigiu para seu carro, tentando sacudir as memórias dos Muelle para fora, isso ficou pregado na cabeça dela como uma farpa. Alguma coisa sobre como Patrick Ellis não ter simplesmente selecionado os Muelle aleatoriamente... que ele os conhecia.

Ela pensou em Julie Hicks e não podia deixar de imaginar.

O pensamento ainda estava com ela quando chegou até seu carro e foi para casa.

CAPÍTULO DEZ

O último relacionamento sério que Kate teve durou três semanas. Não foi além de um único beijo desajeitado e alguns jantares. Depois da morte de Michael, ela disse a si mesma que ela nunca nem sairia com outro homem. Mas a vida havia ficado solitária e ela deu seu melhor. Ela tentou com quatro homens diferentes e cada um deles falhou. Ela foi muito dura com eles, quase procurando um motivo para dar errado. E se ela não pudesse encontrar um motivo, ela se certificava de espantá-los.

Seria mais fácil se ela pudesse dizer a si mesmo que ela estava afastando esses homens inconscientemente, mas não foi o caso de forma alguma. Não, ela fez isso propositalmente em todas as vezes.

Por isso Kate ficou adepta de comer sozinha. Ela não se importava, nem mesmo os olhares de dó dos casais mais novos que algumas vezes olhavam para ela como um aviso do futuro. Havia algo quase libertador em comer sozinha e além disso, era uma ótima maneira de organizar os pensamentos. Ele ia frequentemente a cafés e bares de Martini quando ela era uma agente e precisava de tempo para pensar. Ela nunca gostou do silêncio de um escritório e tentar trabalhar em silêncio em casa era irritante. Mas no meio do barulho das pessoas indo e vindo nos restaurantes, era mais fácil para Kate reunir todos seus pensamentos. Sempre fora. Era uma das pequenas particularidades curiosas que Michael gostava nela — ou pelo menos era o que ele sempre dizia.

Atualmente, ela estava comendo tacos de peixe e arroz com cebolinha e lima. Uma garrafa de Dos Equis repousava ao lado do prato semi cheio. Ela estava sentada em uma pequena mesa próxima aos fundos do restaurante quando o movimento do jantar começou a preencher o lugar nessa noite movimentada de quinta feira. Ela estava comendo os tacos e pensando sobre o caso Meade/Hicks. Ela imaginou o quão possível seria para ela entrar na casa. Ela estava bem certa de que Tyler Hicks iria gostar da ideia, mas ela também sabia que um pedido desses seria de mau gosto no momento. Ela percebeu que precisaria esperar algumas semanas. E se ela tivesse alguma esperança em descobrir se o assassino ainda estava a solta, ela não tinha esse tipo de tempo... especialmente quando os policiais pensavam que eles tinham o cara.

E talvez eles tivessem. Quem sabe?

Seus pensamentos se voltaram para Michael. Desde o seu assassinato, os pensamentos dela normalmente se voltavam na direção dele sempre que ela tinha problema em resolver um caso. O assassino de Michael nunca foi pego, apesar dos seus próprios esforços e incontáveis horas de trabalho de uma meia dúzia de outros agentes. Pelo que Kate podia dizer — e pelo que ela sabia até hoje — o assassino de Michael foi um aleatório. Talvez um furto que deu errado ou apenas um drogado querendo sentir a emoção de um assassinato. Simplesmente não havia evidência suficiente para sugerir outra coisa.

Então o assassinato não resolvido normalmente aparecia na cabeça dela quando parecia que um caso pudesse estar fora do seu alcance. Dessa vez, porém — com Julie Hicks e seus pais preocupados — Kate não estava certa de que estivesse fora do seu alcance. Ela não podia deixar de pensar se ela já teria solucionado o caso se tivesse os recursos do FBI a sua disposição.

Ou, ela pensou enquanto dava um gole da sua cerveja, talvez os policiais estejam certos. Talvez o cara sobre o qual Budd me falou seja o assassino.

No entanto, ela duvidava disso. Ela não ouviu nada de Debbie ou do Chefe Budd. Budd pode não estender outra cortesia para dizê-la que agora eles estavam cem por cento certos e que oficialmente prenderam o suspeito, mas ela estava certa de que Debbie o teria feito. E já que ela não ouviu nada até agora, dez horas depois da ligação de Budd, ela sumiu que isso significava que o suspeito atual não era a jogada que Budd fizera parecer.

Ela terminou os tacos e a cerveja. Ao acertar a conta, passou por uma lista de checagem na cabeça.

Quando eu poderei vez a cena do crime por conta própria?

Onde Tyler foi quando estava viajando e por quê?

A faxineira sequer tinha motivo para dar o código de segurança para outra pessoa?

Quão confiável é o sistema de segurança que os Hicks instalaram?

Se ela ainda fosse uma agente na ativa, essas eram o tipo de perguntas que ela considerava trabalho agitado. Mas como estava agora, era tudo o que ela tinha para seguir. Até então, ela poderia apenas esperar por Budd ou Debbie ligarem para confirmar que de fato encontraram o assassino de Julie.

Mas a cada minuto que passava, Kate esperava menos e menos que ela receberia tal ligação.

Kate andou de volta para sua casa, apenas a seis quarteirões de distância do lugar onde havia aproveitado sua cerveja e os tacos de peixe. A noite acabara de cair por completo e a temperatura era perfeita. Não muito quente mas não muito frio, já que o verão dava o melhor para continuar ali enquanto o inverno chegava para expulsá-lo. Ela concluiu que talvez fecharia a noite com uma taça ou duas de vinho na sacada, ouvido o tráfego e os grilo à distância que parecia pensar que ainda havia algum tipo de floresta restando pelos arredores de Richmond.

Ainda, quando ela chegou até sua casa, ela viu que já havia alguém na varanda. A agente nela cresceu alarmada imediatamente, mas dentro de um segundo ela sabia que não tinha motivo para preocupação. O homem na cadeira de balanço era um amigo. Mais que uma amigo, ela supunha. Dos homens que ela tentou namorar desde que Michael morreu, aquele atualmente na sua cadeira de balanço foi o único que ela havia beijado... o único que passou a noite na sua casa.

Seu nome era Allen Goldman e se tratando de homens, ele era um decente. Ela não era Michael Wise, mas ninguém era. Allen era um ano mais velho que Kate e também estava à beira de se aposentar de um trabalho com publicidade. Mas ele tinha seu próprio negócio paralelo, fazendo publicidade de nicho para editoras independentes. Ele sempre foi bom de conversar, tinha histórias divertidas e Kate estava bem certa de que ele a trataria bem se ela o deixasse. Allen passou por um divórcio cerca de doze anos atrás e raramente falava da sua esposa ou do tempo que passou com ela — o que deixava Kate um pouco desconfortável.

Ele se levantou da cadeira de balanço quando Kate subiu as escadas. Ele parecia um pouco envergonhado, mas também feliz em vê-la.

“Sente-se de volta,” ela disse acenando para que o fizesse. “Há quanto tempo você está aqui?”

Allen olhou para seu relógio e deu de ombros. “Talvez vinte minutos.”

“Por quanto tempo você ficaria?”

“Imagino que meia hora. No máximo uma hora.”

Ela pegou o vaso de plantas vazio do outro lado da porta de frente e o virou de cabeça para baixo ao lado da cadeira de balanço. Empoleirou-se em cima dele, deu um suspiro e tomou a mão de Allen. Ele pareceu apreciar o gesto.

“Então, o que está acontecendo, Allen?” ela perguntou um pouco cética.

Ele tinha uma coisa em aparecer de repente. Ele o fazia porque ela disse a ele no primeiro encontro que ela gostava do elemento surpresa em um homem. A última vez que ele fez isso — cerca de dois meses atrás — ele acabou passando a noite. Eles dormiram juntos e discutiram porque era um má ideia na manhã seguinte. Eles jantaram algumas vezes desde então, mas nada foi o mesmo.

“Eu pensei em vir ver como você está indo,” ele disse. “Nós não conversamos há mais de uma semana.”

“Estou bem,” ela disse. “Apenas... foi um dia estranho. Uma semana estranha na verdade.”

“Você quer conversar sobre isso?”

Ela pensou sobre isso por um momento e descobriu que ela queria falar sobre isso. Ela se surpreendeu quando começou a contar para ele tudo sobre o funeral. Mais que isso, ela compartilhou com ele que Debbie Meade pediu a ela para investigar. Ela terminou sua cota com sua viagem para DC e a oferta em potencial para começar a trabalhar em casos frios.

“Você realmente sentiu falta disso, né?” ele perguntou.

“A maior parte do tempo,” ela disse. “Como você sabia? É óbvio assim?”

Ele sorriu e disse, “Está nas perguntas que você faz. Na maneira que você fala com as pessoas. Você me assustou no nosso primeiro encontro, mas eu rapidamente comecei a gostar disso.”

“É, estou surpresa que eu não tenha te espantado.”

“Falando de encontros,” ele disse, “eu estava esperando levar você em outro em algum momento.”

Ela quase fez uma piada sobre como ele provavelmente queria mais que apenas um encontro se ele estava aparecendo no pé da porta dela. Dado o que aconteceu da última vez que ele apareceu sem avisar, era fácil assumir que ele esperava duplicar aqueles resultados.

“Talvez uma outra hora,” ela disse. “Essa coisa toda com a filha de Debbie... e então o pensamento de talvez pegar algum trabalho antigo novamente...”

“As coisas estão ficando agitadas, hein?”

“Felizmente. Há várias coisas do meu passado surgindo nesses últimos dias. Eu até testemunhei contra esse monstro no tribunal. Um cara que eu coloquei na prisão no anos noventa. Ver a face dele e viver o caso

novamente... foi como atravessar uma porta para o passado. Foi estranho. Mas... eu meio que gostei.”

“Sabe,” disse Allen, “eu não acho que eu me importaria em ficar de carona no seu trabalho.”

“Esse é o problema,” ela disse, beijando-o de leve na bochecha. “Você é muito bom para isso. Você não merece o carona.”

Ele franziu a testa e se levantou novamente da cadeira. Dessa vez, Kate não disse a ele para sentar-se de volta. “Então isso é um não por agora, ou um não para o futuro?”

“Eu não sei,” ela respondeu honestamente. “Vamos simplesmente dizer que é por agora e ver o que acontece depois?”

“Justo,” ele disse indo em direção às escadas.

“E, Allen... ligue-me da próxima vez?”

Ele deu um sorriso e acenou, e então desceu para a calçada.

Kate o observou sumir de vista, morro abaixo até que desaparecesse atrás do meio-fio para a escuridão da noite.

Ele é um cara bom, ela pensou. E ela não tinha ideia se ela estava falando para si ou tentando convencer Michael, onde quer que ele estivesse.

Honestamente, porém, Michael iria querer que ela namorasse novamente. Ele desejaria que ela aproveitasse a vida ao máximo. Então, talvez fosse apenas ela. Talvez fosse ela uma vez mais tentando preencher um buraco na vida com trabalho ao invés de companhia de alguém que se importasse com ela.

Era outra das coisas do passado que pareciam que simplesmente não iria sumir.

CAPÍTULO ONZE

Ele a observava quando ela pegou sua filha de doze anos do ensaio de líder de torcida. Um mês atrás, teria sido treinamento de natação. Mas o verão estava de saindo, então piscina era coisa do passado. Agora, futebol americano estava no horizonte, assim como as pirâmides acrobáticas e pompons. As crianças de hoje... tinham que se envolver em algo. E os pais idiotas estavam mais que felizes em mantê-las apaziguadas.

Ele estava estacionado na parte final do campo de futebol americano. Ele a observava, espremendo os olhos, capaz de delinear a presilha do seu rabo de cavalo enquanto ela saía do carro e conversava com uma das mães enquanto suas filhas batiam papo nas traseiras dos carros. Depois de um momento elas se separaram e ela deu ignição no carro novamente.

Quanto ela virou o carro de volta para a estrada, ele fez o mesmo. Ele estava do outro lado de estacionamento, quase a cinquenta metros de distância. Ele a assistiu entrar na estrada, permitiu dois outros carros entrarem na sua frente e então também saiu para a estrada.

Não era uma perseguição, na verdade não. Todos os carros no mundo poderiam ficar entre eles e ele saberia onde ela estava indo. Era uma quinta-feira. Ela e a filha parariam no Subway no caminho de casa. Ela não tinha certeza de qual sanduíche ela pediria, mas os papéis que ele viu no lixo tinham algum tipo de molho vermelho neles. Talvez um sanduíche de almôndega.

Quando ele passou pelo shopping do Subway dez minutos depois, ele estacionou do outro lado do local. Ele estacionou em uma vaga em frente a um Audi e observou o Subway até que elas saíssem. A filha era bonita, mas ele não tinha uma queda por coisa de criança. Ele achava que talvez pudesse ter uma queda, mas ele descobriu que tinha problemas demais do jeito que estava. O fato de que ele estava a seguindo por grande parte dos últimos três meses era prova disso. Ele a seguia e a estudava e essas eram as coisas que ele sabia sobre ela.

Seu nome era Lacy Thurmond. Trinta e cinco anos de idade. Casada com um homem que alegava que tinha que trabalhar até mais tarde nas noites de segundas-feiras e quintas-feiras. Mas ele tinha seguindo marido também. O trabalho que o marido estava tendo era em um quarto de motel a trinta e dois quilômetros de distância da casa, transando com uma garota que deveria estar no início dos vinte anos no máximo. Lacy Thurmond tinha

uma risada obnóxica, um gato de estimação, uma filha de doze anos de idade e gostava de ler. Trabalhava de casa, fazendo algum tipo de trabalho de edição para uma empresa de telecomunicação. Ela tomava pelo menos duas taças de vinho branco ou algumas doses de tequila todas as noites. Ela e o marido transavam duas vezes na semana (embora ele o fizesse quatro vezes, duas com a garota mais nova no motel)_ e um desses dias era domingo. O sexo era normalmente bruto e ela raramente atingia o clímax. Quando ela o fazia, ela era bem silenciosa e tinha que estar por cima.

Ele sabia disso porque os observou em várias ocasiões. Eles não tinha um sistema de segurança e já que a única janela do quarto dava para o quintal, ele conseguia bisbilhotar e espiar o quanto quisesse. Também ajudava o fato de que havia uma torção nas persianas que permitiam que ele visse tranquilamente o interior.

Ele pensava sobre essas persianas enquanto ele as observava saírem do Subway e voltarem para a estrada. Ele pensava sobre alguma coisa tão mundana quanto um conjunto de persianas, como casais em algum ponto tinham que concordar em instalá-las. Era ambos triste e reconfortante para ele ao mesmo tempo.

Ele deixou cinco carros na frente entre o Subway e a casa delas — uma distância de cinco quilômetros. Ele estava passando pela casa delas quando ela apertou o botão para abrir a garagem de dentro do carro e a porta começou a se abrir. Ele viu o espaço vazio na garagem, o espaço que a caminhonete do seu marido iria preencher por volta das dez da noite. Uma vez ele chegou cedo, próximo das nove e quarenta e cinco, mas normalmente era às dez ou um pouco depois.

Ele conferiu o relógio. Isso significava que ele tinha um pouco mais de três horas. Se precisasse, ele mataria o marido também. Mas isso não era o que ele queria. Ele desejava apenas ela.

Mas sim, ele mataria o marido se não houvesse outra escolha.

Mas ele realmente não queria machucar a menina.

Até ele tinha que traçar uma divisória em algum ponto.

Lacy se apressou para ajudar Olivia com o trabalho de escola. Havia algumas noites nas quais ela se permitia ser uma mãe meia boca. Essa noite, ela estava mais preocupada com tomar aquela primeira dose de tequila do

que com o para casa da sua filha. Ela teve um dia miserável no trabalho e com a passagem de cada hora, ela sabia como a noite iria ser, fazendo-a se sentir presa... fazendo-a sentir que ela não poderia se importar menos se o dia terminasse ou não.

Olivia terminou a tarefa de escola enquanto Lacy fazia se melhor para organizar a casa. Ela lavou uma carga de roupa e pagou algumas contas pela internet enquanto Olivia afundava no sofá com seu iPhone, mexendo com o Snapchat.

Quando o relógio se aproximou de 8:30, a noite seguiu como normalmente o fazia. Olivia disse um boa noite meio desconsiderado e se retirou para o quarto. Lacy sabia que ela não iria para cama até por volta das onze, passando o resto do seu tempo sozinha, desenhando ou lendo. Ela estava satisfeita com isso, ela sabia que as meninas na idade de doze anos ou por aí começavam a se distanciar, passando muito tempo nos quartos. Além disso... Lacy se incluía com sortuda. Ela sabia que Olivia era uma traça de livros. Ela poderia estar lá investigando pornô ou enviando mensagens para algum menino no telefone.

Com Olivia no quarto, Lacy se permitia algumas doses de tequila. Nunca foi sua bebida favorita, mas era a bebida que a deixava bêbada mais rápido. Ela estava tendo bastante dela recentemente, especialmente nas noites de segunda e quinta. Ajudava a colocar um sorriso falso para o marido.

Ela sabia o que ele fazia nas segundas e quintas. Mas ela não sabia com quem. O idiota usou um cartão de crédito para pagar o quarto um vez e ele fazia um péssimo trabalho em esconder a cheiro de perfume e sexo. Ele tentava, se banhando em desodorante para o corpo Axe como se isso por si mesmo não fosse uma pista para ele chegar em casa tarde nas segundas e quintas.

Então, a tequila ajudava com isso. Normalmente ela estava bem bêbada quando ele chegava em casa, tornando a conversa mais fácil e deixando mais simples deitar na cama ao lado dele quando as luzes se apagavam, fingindo que tudo estava bem.

Ela estava sentada na mesa da cozinha, tomando várias doses enquanto rolava seu perfil do Facebook. Ela procurou por alguma mensagem ou comentário de mulheres que ela não conhecia, qualquer coisa que pudesse ser tomada como flerte. Mas não havia nada incriminador.

Era nove e meia quando ela percebeu que se ela não parasse de beber agora, ela passaria mal. Ela pôs a tampa na tequila e a colocou de volta no

armário. Quando ela o fez, uma batida de leve ouviu-se na porta. Ela achou isso estranho e se estivesse sóbria, talvez ficasse um pouco mais assustada do que curiosa.

Ela caminhou para a porta, metade do seu coração esperando que seu marido estivesse ali — talvez com flores e champanhe. Talvez ele fosse dizer tudo a ela, para ser honesto e implorar por perdão.

Ela foi até a porta, tentando ser o mais silenciosa possível para não alertar Olivia. Enquanto se aproximava da porta, ela conseguia ouvir o murmurinho leve de qualquer que fosse a música pop lixo que sua filha estava escutando. Vinha do topo das escadas como se uma pessoa entediada estivesse falando consigo mesma.

Houve outra batida assim que ela chegou até a porta. Ela ligou as luzes da arando e olhou para fora através do trio de pequenas vidraças no topo da porta. O rosto que ela viu não era do seu marido, mas era um familiar. Confusa com o porquê ela tinha um visitante tão tarde da noite, ela abriu a porta. Ela não tinha medo, ela conhecia o visitante muito bem. Embora ele não fosse o cara mais legal e, francamente, assustasse muito algumas vezes, ela achava que ele era inofensivo. Além disso, estar por ali àquela hora, talvez algo estivesse errado...

Ela abriu a porta e deu um passo à frente.

Ela nem viu a faca. Tudo o que ela viu foi ele fazendo um movimento brusco de choque e então seu pescoço pareceu ter sido aberto. Ela tentou falar, para perguntar O que você está fazendo?

Mas tudo que saiu foi sangue. Muito sangue.

Ela tropeçou para trás, caindo sobre um joelho e então ele estava sobre ela. Outra facada veio abaixo de novo e de novo.

Incapaz de respirar e sentindo a torrente de sangue que saía do seu corpo, Lacy virou a cabeça para a escada.

Por favor, deus, faça-o parar em mim. Por favor, deus...

E esse pedido a deus que ela nunca realmente acreditou foi o último pensamento coerente que passou por sua mente enquanto a faca descia mais uma e outra vez sobre ela e seu sangue começava a se acumular em uma piscina ao seu redor, sobre seu chão de madeira bem lustrado.

CAPÍTULO DOZE

Uma das coisas que Kate não compartilhou com sua comunidade do café era o fato de que ela não dormiu nada desde que se aposentou do FBI. Originalmente ela tinha problemas para dormir depois que Michael morreu, mas isso foi mais por se acostumar a ter um lado da cama vazio do que qualquer outra coisa.

Mas depois do FBI, a falta de sono veio por causa de uma série de sonhos e pesadelos que quase a deixaram com medo de dormir. Seu médico prescreveu alguns remédios naturais que funcionaram por um tempo, mas eventualmente perderam o efeito. Por um momento, ela dependeu de fortes medicamentos para alergia para apagá-la, permitindo uma noite de sono pacífica de vez em quando.

A coisa com essas noites sem sono, contudo, era que ela normalmente podia dizer quando elas estavam vindo. Ela sentia alguma coisa quase como um peso nos ombros quando o sol se punha, seguido de ansiedade que ela quase podia tocar e sentir o gosto.

Ela sentia todas essas coisas na noite depois da audiência no tribunal sobre a custódia no caso Mueller. Ela tentou simplesmente ignorar primeiramente, porque já fazia dois meses desde que ela teve uma dessas noites com pragas de pesadelos. Mas quando ela se acomodou na cama, ela sabia o que iria acontecer, ela sabia o que estava por vir. Ela podia sentir quase como outra presença no quarto.

Ela cogitou ir até o armário de medicamentos para pegar algumas doses de remédio para alergia, mas decidiu contra. Por mais estressante que a ideia dos pesadelos adiante parecesse, ela também sabia que eles também a ajudavam a organizar e analisar sua vida mais tarde. Além disso, por mais mórbido que possa parecer, normalmente eles eram uma desculpa para ter um vislumbre de Michael em alguma coisa além das poucas fotos e vídeos que ela tinha dele.

Então ela foi dormir, seus pensamentos caóticos espalhados através de pensamentos sobre Michael, Julie Hicks, do caso Mueller, de ter se encontrado recentemente com Logan e o Diretor Assistente Dura. Apesar do conhecimento que ela quase certamente seria praguejada com pesadelos antes que o sol arrastasse um novo dia, Kate foi capaz de dormir quase imediatamente.

E como se viu depois, seu palpite foi na mosca.

O sonho começou de uma maneira que nunca tinha antes. Nele, ela se via vinte e cinco anos mais nova descendo um pequeno declive na encosta da Blue Ridge Mountains. Estava se aproximando de meio dia e era um dia lindo. Ela logo reconheceu o momento, sabia que ia encontrar os corpos mutilados dos Mueller recém casados e ensanguentados no fim do morro.

Somente depois que os pés de Kate desceram os últimos poucos metros, segurando com força a corda de Nylon que estava ancorada a cerca de vinte metros acima da sua cabeça, o sol ficou escuro e era noite de repente. Ela se viu de pé no fundo do declive. Ela olhou acima e não via o resto da montanha. O que ela via, contudo, era outra pessoa descendo o penhasco.

Era um homem, pingando sangue enquanto descia. Ele se espalhava contra as pedras ao lado do pé de Kate. Quando o homem chegou ao fundo, ela viu que era Michael. Sua face estava distorcida e ensanguentada, mais da metade dela coberta por uma massa preta. E apesar do seu estado macabro — a condição na qual ele fora encontrado no parque — Kate percebeu que queria beijá-lo.

“É uma roda,” disse Michael. “Ela gira e gira. Ou você se pendura impotente nela ou cai e é amassado. Uma roda...”

Ele caiu ao chão e ficou empoeirado, levantando areia em todas as direções. E de repente, a mente subconsciente de Kate percebeu que o que ela estava vivendo era muito pior que os pesadelos típicos que ela teve no passado. Era algo mais sombrio, mais profundo...

Ela se virou na direção que sabia que iria encontrar os Mueller. Quando ela esteve no caso pela primeira vez, ela estava ali com três outros agentes, uma série de policiais e uma equipe de perícia. Mas agora era somente ela, no escuro, sabendo que havia corpos pavorosos em algum lugar ao longo do escuro terreno rochoso.

“Olá?” ela chamou na escuridão, incerta sobre quem ela queria que respondesse.

“Kate!” uma voz familiar quase como música veio da escuridão à frente. Havia formas assomando por lá, os contornos irregulares de árvores. Mas parecia que alguns deles estavam se movendo.

“Quem está aí?” ela perguntou.

Outra forma saiu da escuridão. Um homem sorridente acenando em sua direção de maneira que a lembrava de imagens de antigos filmes mudos, um movimento desarticulado e quase falho.

Era seu pai. Quando ele sorriu para ela uma onda de pânico, terror e desgosto se quebrou sobre suas costas. Ele deu um passo em sua direção, seus olhos brilhando na escuridão. Sem hesitação, Kate procurou sua arma, descobrindo que não estava lá. Ela se distanciou um passo dele, sentindo seu coração diminuir dentro do peito como se, em um momento de sonho, ela recorresse a sua versão de nove anos de idade. Ela estava aterrorizada com a visão dele, do —

Uma mão se estendeu e agarrou seu ombro pelas costas.

Ela girou e viu que lá estava ambos os Mueller, recém-mortos com o sangue ainda reluzindo. A cabeça da esposa estava espancada, resultado em um sorriso fragmentado e torto. Sua faixa de casamento recente brilhava no luar, o último sinal de luz que Kate viu quando as sombras se fecharam e a engoliram por completo.

Ela acordou na manhã seguinte para começar sua rotina diária. Mas ao invés e escorregar para fora da cama imediatamente como normalmente fazia, ela ficou deitado por alguns minutos, afastando as teias de aranha dos pesadelos da noite passada. Ela não sonhava com seu pai havia um bom tempo. O aparecimento dele tão repentinamente em seus sonhos parecia estranho, como uma invasão de privacidade.

Ela tirou um momento ao se sentar, olhando para as três fotos penduradas na parede. Uma era dela durante sua segunda semana como agente, fresca da sua primeira prisão. Foi uma batida de drogas, somando quase um milhão de dólares em cocaína. Seu primeiro parceiro, um cara chamado Jimmy Parker, estava no fundo com um sorriso.

Isso foi antes da coisa ficar complicada e minha carreira começar a formar uma pequena história — quase uma lenda urbana.

Ela supunha que esse era o porquê de ela estar tão atraída por ela — porque ela queria voltar tanto no tempo. Se as pessoas fossem vê-la como uma lenda, ela tinha algo para viver. Lendas não terminam o dia e vivem os dias em cafés ou lendo livros na varanda de trás.

Ela olhou tristemente para longe da imagem dela e de Jimmy Parker, bem ciente de que se afundar no passado só tornaria as coisas piores.

Normalmente ela começava o dia com uma corrida por Carytown, ou, se seus tornozelos estivessem incomodando, ela escolhia pela pequena esteira no porão. Mas ela não estava afim essa manhã. Cada grama dela estava sugada pelo pesadelo. Quando ela finalmente se arrastou para fora da cama e começou a mexer na cozinha para preparar o café, começou a pensar por que o pesadelo da noite passada havia sido tão poderoso. Foi talvez o estresse de uma amiga pedindo para investigar a morte da filha? Foi revisitar um tribunal e ter que ficar face a face com Patrick Ellis novamente?

Ela concluiu que poderia ser todas essas coisas, todas subindo a cabeça e levantando seus pesadelos novamente.

Mas por que meu pai? Ela imaginou. Eu deixei essa parte do meu passado para trás há um bom tempo.

Só de pensar nele enquanto fritava alguns ovos, ela se sentia imatura e pequena. Isso a fez sentir que o que Michael disse no pesadelo da última noite era verdade. A vida é uma roda na qual você pendura ou cai e é amassada. E de uma forma ou de outra, ela apenas continua rolando e rolando em uma volta infinita.

Ao se sentar na mesa com os ovos e uma xícara de café, seu telefone tocou. Quando ela viu que era Debbie Meade, atendeu imediatamente.

“Ei, Debbie,” ela respondeu. “Como vai você?”

“Tão bem quanto alguém esperaria, eu acho,” Debbie disse. “Parece surreal saber que eu não posso mais fazer uma ligação e Julie estar lá do outro lado. Eu lhe digo, Kate... eu não sei como pais passam por isso quando é uma criança mais nova — uma criança que vive no mesmo lar, sob o mesmo teto...”

Debbie divagou aqui, como se estivesse distraída. Kate podia ouvir uma série de respirações tremulantes do outro lado da linha e decidiu que seria melhor deixar Debbie tomar seu tempo para reunir os pensamentos. Ela não queria pressionar, mesmo que fosse Debbie quem ligara e não o contrário.

“Olha, Kate, eu peço desculpas se está fora do contexto, mas eu sinto que você deveria saber de algo.”

“O quê?”

“Houve outro assassinato na noite passada. Outra mulher, um pouco mais velha que Julie, mas quase da mesma idade.”

“Você sabe onde?” perguntou Kate.

“Sei. E por isso eu estou te ligando... foi na mesma vizinhança. Uma mulher que Julie conhecia muito bem.”

“Como você descobriu?”

“Haviam carros de polícia por todos os lados essa manhã. Clarissa descobriu primeiro de algum jeito e ligou para ver se eu havia escutado alguma coisa. Isso é... bem... tem que estar relacionados, certo? Mesma faixa etária, mesmo bairro...”

“Parece que sim,” admitiu Kate.

“Você acha que você pode olhar isso?” Debbie pediu. “Eu sei que parece estúpido, mas saber que alguém que eu conheço está investigando...”

“Não, eu entendo isso. É só que... há protocolos a seguir, sabe? A polícia local não é exatamente solícita em fornecer informações.”

“Também percebi isso,” disse Debbie. “Bem, mesmo assim, você sabe. Pelo menos você tem a informação agora. Faça o que quiser.”

Debbie tentou inserir uma risada depois desse comentário, mas não saiu. Ela ainda soa infinitamente triste e perdida sobre como seguir.

“Obrigada, Debbie,” ela disse. “E, por favor... diga-me se há algo que eu possa fazer por você.”

“Eu direi.”

Mas ao terminarem a ligação, a fadiga na voz de Debbie fez Kate pensar que ela não faria tal coisa. Para o futuro adiante, Debbie Meade estaria chafurdando, sentando sobre a perda e tentando ficar em paz consigo mesma.

E sentindo isso, Kate sentiu que tinha que pelo menos tentar ver o que ela poderia fazer.

Sem nenhuma hesitação, ela pegou o celular e discou.

CAPÍTULO TREZE

Foram necessárias três ligações, mas Kate eventualmente conseguiu falar com Duran no telefone. Ela foi jogada para lá e para cá entre Logan, a recepcionista de Duran e então, depois de dez minutos de espera, uma chamada de retorno de Duran. Ela esperava que ele soasse um pouco afobado e talvez irritado por ela estar o importunando logo após sua oferta de voltar parcialmente.

Surpreendentemente, contudo, ele parecia feliz em ter notícias dela. “Olha, Wise... eu sei que você sente falta do trabalho e que você adorou me ver no outro dia, mas vamos dar um tempo, OK?”

“Não fique lisonjeado,” disse Kate. “veja, eu tenho um favor para pedir. E talvez um que vá te irritar.”

Ela ouviu um suspiro do outro lado do telefone antes que ele respondesse. “ Você já ouviu falar sobre o segundo assassinato, eu suponho?”

“Sim,” ela disse. “A mãe da mulher que foi morta há quatro dias me disse. A localização do novo assassinato e a faixa etária das mulheres mortas não pode ser uma coincidência.”

“Certa como sempre,” disse Duran. “EU tenho um par de agentes trabalhando com a Polícia Estadual nisso agora. Eu espero ter outro par de agentes atribuídos a isso até o final do dia. EU acho que está claro que nós temos um assassino em série nas mãos e eu adoraria parar as coisas antes que mais alguém morra.”

“Igualmente,” disse Kate. “O que me trás ao meu favor. Eu quero que você me reintegre temporariamente. Deixe-me participar nesse.”

“Wise, eu não posso fazer isso. Serial impraticável.”

“Não, seria impraticável nem sequer considerar isso. Eu moro na área. E não é como se começássemos com o pé esquerdo. Dois dias atrás nós conversamos sobre eu voltar como agente em meio período.”

“Sim, para passar a maior parte do tempo pilotando uma mesa e trabalhando em arquivos de casos frios. Não para ser uma agente ativa lá fora no campo. Sem ofensas, Wise mas você tem cinquenta e sete anos.”

“E você tem cinquenta e oito. Que diabos isso tem a ver com alguma coisa?”

“Discutimos trazer você de volta em casos frios. Esse não é um caso frio. Você não está tentando ficar gananciosa com minha oferta, está?”

“Não, vou ser honesta. Esse é logo aqui no meu quintal e uma amiga minha está envolvida. Então sim, eu quero isso por razões egoístas. Aqui... essa é minha linha de raciocínio. Agora, qual é a sua para me manter fora disso?”

“Você quer dizer com exceção do fato de que você está fora de prática a mais de um ano?” ele perguntou.

“Esse é o melhor argumento que você tem?” ela perguntou.

Ela estava feliz por sempre ter tido uma relação bem amigável com Dura. Ela conhecia alguns diretores que iriam praticamente decapitar seus agentes por falar com eles dessa maneira.

“Deixe-me fazer algumas ligações,” disse Duran. “Prometo nada, mas eu irei ligar de volta para você em uma hora mais ou menos.”

Ele não se importou em dar tchau. Simplesmente terminou a ligação, deixando Kate esperando e imaginando.

Nunca alguém que ficava em espera, Kate terminou seu café da manhã e saiu da casa. Ela entrou no carro e foi para o leste, em direção a subdivisão de Amber Hills, onde os dois assassinatos ocorreram.

Como ela esperava, havia carros de polícia em todas as três entradas para o bairro. Na terceira entrada, ela tentou a sorte para entrar. Quando ela parou o carro na entrada, mergulhando entre dois pilares com o nome AMBER HILLS inscrito em dourado neles, dois policiais foram à frente. O carro deles estava estacionado na lateral da rua, giroflex rodopiando azul e vermelho no sol da manhã;

Ela assentiu um cumprimento e entrou na comunidade. Como ela esperava, havia alguns bisbilhoteiros subindo e descendo a rua. Estavam todos olhando para o sul, abaixo na mesma rua que Kate estava dirigindo. Ela fez uma curva e viu várias viaturas paradas em frente a uma casa de dois andares que parecia idêntica a maioria das outras casas na rua. Uma ambulância também estava na cena, mas parada para o lado e desligada, era óbvio que não seria usada para nada urgente.

Ela passou pela cena e chegou até um cruzamento em T no fim da rua. Ela virou a esquerda, conectando de volta na rua em que os Hicks moravam. Ela dirigiu pela casa, notando que havia dois carros na entrada da garagem. Um deles, ela viu que era de Debbie. Ela imaginou se ela estava atualmente na casa da filha, coletando as coisas para lembrar-se dela.

Kate fez o caminho de volta para fora de Amber Hills e estava a cinco minutos de volta para casa quando seu celular tocou. O nome de Duran

surgiu na tela. Ela deixou tocar algumas vezes antes de atender, não querendo parecer muito ansiosa.

“Alô,” ela disse resistindo a vontade de responder com: “Agente Wise.”

“Wise, aqui vai o negócio,” disse Duran. “Eu tive uma chamada confidencial com os chefes de Sessão e trouxemos algo que é um win-win para todos envolvidos.”

“Parece promissor.”

“Nós vamos lhe dar uma reintegração temporária,” disse Duran. “Vai durar um mês. No decorrer deste mês, esperamos que você conclua o caso aí em Richmond e ponha as mãos em um desses casos frios que eu mencionei durante sua viagem a DC. Baseado no seu desempenho, essa reintegração pode ser estendida por até um ano. Depois desse ano, vamos manter você no pessoal como consultora. Entendeu?”

“Entendi,” disse Kate, já animada sobre os prospectos. Ela estava, é claro, hesitante. “Como isso é um win-win?” ela perguntou. “O que vocês estão ganhando com isso?”

“Bem, nós vamos testar algo mais durante esse mês inicial. Queremos que você trabalhe com um parceiro. Esse novo parceiro, uma mulher jovem que, francamente, tem um potencial incrível. Ela me lembra você de diversas maneiras.”

“Parece uma receita para desastre, então,” Kate retornou.

“Talvez,” disse Duran. “Mas ela não está aderindo com nenhum parceiro. Pensamos que pode fazer algum bem a ela trabalhar com você. Alguém temperado e com um incrível histórico.”

“Eu não sei,” ela disse. “Por você só não me coloca junto do Logan?”

“Olha, essa é a estipulação. Ou você concorda com a parceira ou eu não posso oferecer a reintegração a você. É como tem que ser.”

Ela estava irritada, mas no que dizia respeito a Kate, não era sequer uma escolha. Se ela tivesse que servir como mentora para uma jovem agente ambiciosa, apenas para entrar no caso, então que seja. Ela percebeu que poderia finalizar em um dia ou dois e então ficar livre da nova agente.

“De acordo,” disse Kate, “Você pode me enviar algumas informações sobre essa agente?”

“Posso enviar o básico por e-mail,” disse Duran. “Você ainda tem o distintivo?”

“Tenho.”

“OK. Vou pegar sua nova ID e distintivos para você logo que eu puder. Enquanto isso, use o seu antigo. Se algo surgir, você pode dar meu nome para as autoridades locais, mas eu gostaria que você não chegasse a isso. E mais uma coisa, Wise.”

“O quê?”

“Eu não quero você ativa nesse caso até que sua parceira chegue. Quando você e eu sairmos dessa ligação, eu vou ligar para alguns outros diretores. Sua parceira estará a caminho de Richmond em algumas horas. Eu sei que é difícil, mas eu preciso que você espere para entrar na ativa até o fim do dia. Temos vários outros agentes mais novos que poderiam usar isso para meter a língua... e a última coisa que eu quero é que isso pareça favoritismo.”

Ele estava certo. Saber que ela estava dentro, mas ter que esperar várias horas era como engolir ácido. Mas ela também sabia que não devia falhar com uma oportunidade como essa. Ela tinha que ser obediente, ter certeza que não cruzava qualquer limite.

“Eu posso fazer isso. Por qual agente você decidiu? Rose ou DeMarco?”

“Kristen DeMarco. Eu vou mandar os detalhes dela para você em um segundo. E Kate... eu estou animado com isso. Acho que todos podem sair como vencedores nisso. Jogue direito, OK?”

“Estou insultada que você assumiu de outra forma.”

Dura riu do outro lado da linha, um barulho que Kate cortou ao terminar a ligação. Mas honestamente, ela queria rir também. Apesar disso, ela empurrou a bola de animação ansiosa que ela sentia de volta para o fundo da barriga e voltou para casa com suas mãos coçando para desenterrar sua velha arma de serviço do esconderijo.

CAPÍTULO QUATORZE

Como prometido, Duran enviou um e-mail para Kate em menos de cinco minutos após a conversa pelo telefone. Kate se debruçou sobre ele quando voltou para casa e aprendeu muito sobre sua parceira temporária. Ela fez o melhor para não ficar impressionada, mas quando acabou, Kate percebeu que estava bem ansiosa para trabalhar com Kristen DeMarco.

Ela se lembrava de ter se encontrado com DeMarco durante sua reunião com Duran e Nash lá em DC. Ela parecia calma, com compostura e formal. Mas baseada no que ela havia lido no dossiê de DeMarco, Kate via algo mais — algo potencialmente especial. Então, quando as duas mulheres se encontraram em Amber Hill logo após as três naquela tarde, Kate tinha altas expectativas.

Quando Kate saiu do seu carro e atravessou a rua para o sedan genérico do governo estacionado ao lado da calçada, tentou se lembrar de DeMarco parecer tão pequena. Seria difícil julgar já que ela estava sentada na mesa da sala de conferências, mas DeMarco parecia bem pequenina. Um metro e sessenta e cinco no máximo, e talvez cinquenta e quatro quilos. Mesmo assim, Kate sabia que não era a aparência que importava, mas a vontade e dedicação ao trabalho.

De acordo com os registros que Duran enviou, Kristen DeMarco formou-se em primeiro lugar da sua turma na Universidade de Oxford, obtendo Bacharelado de Ciências em Psicologia. Então ela foi para a Academia de Treinamento do FBI em Quantico, onde se formou com honras e recomendações e comentários absolutamente extasiantes dos instrutores. Ela entrou oficialmente para o FBI apenas há um ano, entrando assim que Kate estava de saída. Ela passou a maior parte do tempo na Divisão de Crimes Violentos, sem qualquer razão explícita, ela solicitou a liberação daquela unidade para trabalhar como agente de campo não limitado a uma divisão.

Tudo isso e DeMarco tinha apenas vinte e cinco. E apesar do background impressionante, a mulher que Kate via saindo do sedan do FBI parecia que havia acabado de sair da faculdade. Ela era bem bonita, o cabelo loiro um pouco mais longo que o comprimento dos ombros. Seus ombros elegantes pendiam um pouco, como se ela estivesse desconfortável. Ela estava vestindo uma camisa azul marinho e um par de calças que eram entre

formal e casual. Sua arma lateral não estava nem um pouco omitida, a Glock no coldre ficava claramente proeminente na sua cintura.

“Agente DeMarco,” Kate disse quando as duas mulheres se encontraram. “Bom vê-la de novo.”

DeMarco apertou sua mão estendida e deu um sorriso rápido. “Igualmente. É um prazer trabalhar com você. Alguma pergunta antes de entrarmos?”

“O que você sabe sobre a cena?” Kate perguntou. “Tudo o que eu sei é o que a polícia estadual forneceu e eles foram bem miseráveis quando perceberam quando eu tinha recebido permissão para trabalhar no caso.”

“Bem direto ao ponto pelo que eu entendo,” DeMarco disse enquanto começaram a andar em direção a residência dos Thurmond. “O assassino parece ter atacado diretamente da porta da frente com um corte direto cruzando a garganta. Entrou e a esfaqueou pelo menos mais seis vezes. Sangue por todo lado. A filha estava no andar de cima o tempo todo, mas nunca viu nada. O pai chegou em casa por volta das dez e quinze, gritou quando viu o corpo e avisou a filha. É tudo o que eu sei.”

“O mesmo aqui,” Kate disse enquanto subiam o gramado em direção à varanda. “Vamos ver se conseguimos descobrir mais alguma coisa.”

Quando subiram a varanda, dois policiais locais estavam na porta para bloquear a passagem delas. Quando Kate mostrou seu distintivo, o sentimento foi quase bom demais para acreditar. Ela se sentiu levemente intoxicada por um momento, mas espremeu de volta, não querendo deixar que subisse à cabeça. Ela observou DeMarco fazer o mesmo atrás dela e então entraram na casa.

Elas precisaram entrar na casa quase abraçando a parede do vestíbulo. A entrada havia sido bloqueada com fita de cena criminal, certificando que ninguém entrasse na bagunça carmesim que cobria a maior parte do vestíbulo. O sangue havia secado, mas havia tanto que parecia molhado em alguns lugares. Estava praticamente cobrindo o chão. Também havia se espalhado pelas paredes, um respingo chegando a um metro de altura.

Quando Kate se deslocou pela área isolada, outro policial veio andando para fora da sala de estar adjacente. Era Randall Budd. Quando o Chefe viu Kate, ele pareceu um pouco envergonhado. Ao invés de censurá-la logo, ele simplesmente deu mais alguns passos em direção a ela com um fulgor vermelho das bochechas.

Acho que Duran já entrou em contato com ela para informar que eu estou no caso agora, ela pensou. Ela estava feliz que esse era o caso, isso a poupava de outra conversa estranha.

“Chefe Budd,” Kate disse. “Eu gostaria que você conhecesse minha parceira, Kristen DeMarco.”

Budd e DeMarco assentiram educadamente um para o outro, os olhos de ambos caindo ao chão onde a trilha de sangue acabava logo antes que alcançasse a área com carpete da sala de estar.

Budd olhou de volta para Kate de um olhar de desculpas para ela. “Eu recebi uma chamada do seu diretor, então eu conheço o trato,” ele disse. “Eu nem vou ficar no seu caminho se você prometer o mesmo. Eu entendo que esse é o seu caso agora, mas por favor, nos estenda a cortesia de amarrar o caso nos nossos próprios termos enquanto o repassamos para você.”

“É claro,” disse Kate. “enquanto isso, você pode nos informar do que já foi feito para não fazermos trabalho dobrado?”

“Bem, nós varremos as impressões digitais e não achamos nada. Nem no corpo, nem na porta, nem no portal, em lugar nenhum do vestíbulo. Tivemos uma mulher do Departamento de Serviços Sociais aqui para falar com a filha e ela jurou que não viu ou ouviu coisa alguma. Ela estava com fones de ouvido até que ouviu o pai gritando a todo pulmão quando encontrou o corpo.”

“E onde está o pai?” perguntou Kate.

“Na delegacia. No momento ele é o único suspeito. Ele foi muito combativo quando nós começamos a fazer perguntas para ele. Meio ora na sala de interrogatório e ele nos disse que estava tendo um acaso. Ele estava chegando em casa de um encontro com outra mulher na noite passada. Chegou em casa e encontrou a esposa morta. O homem está lutando com um culpa bem forte.”

“Ele sabe sobre Julie Hicks? E como as duas mortes podem estar relacionadas” perguntou DeMarco.

“Ainda não,” disse Budd. “Eu gostaria que eu tivesse mais a oferecer, mas é tudo que temos. Tivemos apenas quatro policiais trabalhando na cena, não querendo que ficasse muito tumultuada. Mas não encontramos nada até agora. Tudo o que sabemos é o que o relatório do médico legista nos diz. Lacy Thurmond foi esfaqueada pelo menos uma dúzia de vezes, uma das quais foi um corta profundo cruzando a garganta diretamente. Parece ser o

que a matou. Os outros parecem ser mais pelo prazer do assassino do que qualquer outra coisa.”

“Obrigada, Chefe,” disse Kate. “Diga-nos o que podemos fazer para ajudar.”

Com isso, Budd foi de saída, escapulindo pela porta como um homem que acaba de ser dispensado de um caso. O que, Kate percebeu, ele meio que era. Os dois policiais que tentaram bloquear a porta de Kate e DeMarco o seguiram de saída, deixando as duas agentes sozinhas na casa.

Ambas olharam abaixo para o sangue. Kate também se viu procurando o sangue, tentando julgar até que distância havia escorrido.

“Ideias?” DeMarco perguntou. Ela perguntava com a gana de alguém querendo aprender, não alguém testando seu superior. Não que Kate fosse sua superior, mas infelizmente a diferença de idade fazia parecer assim para Kate.

“Vários,” disse Kate. “Eu acho que a questão mais importante é por que Thurmond atendeu a porta. Para atender a porta àquela hora da noite, ele provavelmente conhecia o assassino.”

“Poderia estar destrancada,” apontou DeMarco. “O assassino poderia simplesmente ter entrado diretamente.”

“O fato que Thurmond estava bem aqui no vestíbulo, em frente a porta da frente, indica que ela estava atendendo a porta. E eu diria que todo o sangue mostra que o assassino não perdeu tempo. Eu duvido que ele sequer foi convidado a entrar. A porta abriu e ele atacou.”

“Provavelmente com o corte direto na garganta primeiro,” destacou DeMarco. Então ela apontou para as paredes. “Deitada de costas, não importa qual artéria que você acerte, o sangue não iria voar alto assim. Além disso, você notou que foi quase como se o assassino tentasse manter a bagunça no vestíbulo? Há apenas algumas gotas esparsas no carpete da sala.”

“O que significa que ele é inteligente,” disse Kate. “Ele queria manter sua chance de deixar qualquer tipo de vestígio mínima. Sem digitais na porta ou no corpo, isso também indica que ele estava usando luvas.”

“O que significa que o assassinato provavelmente foi premeditado.”

Kate assentiu, apreciando a troca. Ela estava se afeiçoando de DeMarco bem rapidamente. “Eu também assumiria que o marido é inocente. Sem motivos para que ele batesse na porta. E se ele admitiu ter um caso e estava

com a outra mulher na noite passada, não deve ser muito difícil determinar um álibi.”

Elas adentraram mais para o interior da casa, encontrando em ordem imaculada. A única bagunça da qual se podia falar era uma pilha de lenços amassados na mesinha de centro e uma agenda aberta na letra T. Kate viu o nome de alguns outros Thurmond e assumiu que o marido havia feito algumas ligações telefônicas bem difíceis na noite passada para informar a família e os amigos sobre o que aconteceu.

“Agente Wise, veja isso,” disse DeMarco.

Kate tinha que admitir... era agradável ouvir essas palavras juntas novamente. Ela entrou na cozinha onde DeMarco estava ao lado da pia. Ela tirou um copo de dose.

“A única louça suja na pia,” DeMarco apontou. Então ela cheirou e franziu o nariz. “Tequila.”

“Talvez foi como o marido lidou com isso na noite passada,” disse Kate.

“Ou talvez fosse como a esposa estava lidando. Talvez ela já soubesse sobre o caso. Homens normalmente são bem preguiçosos a respeito de cobrir os rastros, especialmente se o caso estiver em andamento.”

Elas saíram da cozinha e olharam ao redor para o restante da casa. Após vinte minutos de busca, elas não acharam nada, Kate até verificou o lixo para ter certeza. Na lata de lixo da dispensa ela encontrou nada além de embrulho do Subway e mais lenços sujos.

“Precisamos falar com o marido,” disse Kate. “Com a filha também, se a assistência social permitir.”

“Eu faço a ligação,” disse DeMarco, já pegando o telefone.

Jovem, com vontade de aprender e super esperta, Kate pensou enquanto saíam da residência dos Thurmond. É, eu vou me dar bem com ela.

CAPÍTULO QUINZE

Kate ficou satisfeita ao ver que o Chefe Budd estava falando sério. No momento em que ela e DeMarco chegaram a delegacia, ele se afastou e entregou as rédeas para elas. Houve apenas algumas trocas e formalidades educadas entre as agentes e a Policial estadual antes que Kate e DeMarco serem levadas até a sala de interrogatório onde Peter Thurmond estava sendo mantido.

Quando entraram, Thurmond olhou para cima como um homem que acabara de sair de um sonho. Ele parecia meio dormindo e absolutamente miserável. A vista de duas mulheres que ele ainda não havia visto desde que chegou a delegacia pareceu sacudi-lo um pouco. O abalo se tornou algo mais quando Kate e DeMarco se sentaram à sua frente. Kate mostrou sua ID a ele.

“Sou a Agente Wise e essa é a Agente DeMarco, do FBI,” ela disse. “Acabamos de chegar da sua casa e gostaríamos de fazer algumas perguntas.”

“Certo,” disse Thurmond, como se não se importasse nem um pouco. “Mas eu não sei se vocês podem perguntar algo além do que os policiais já perguntaram.”

“Queremos chegar ao fundo disso o mais rápido possível, então esperamos ser rápidas,” Kate disse. “Primeiramente, havia alguém que você ou sua esposa conheciam que pudesse ter qualquer motivo para ir até sua casa a essa hora da noite?”

“Não,” disse Thurmond. “Eu estive pensando nisso também.”

“E sobre a mulher que você estava vendo?” Kate perguntou. “Ela tinha um marido ou um namorado que pudesse armar uma vingança?”

“Não. Ela é solteira.”

“Você tem certeza?” DeMarco perguntou ceticamente.

“Positivo,” disse Thurmond. “E a propósito, estou terminando com ela quando isso acabar. Lacy está morta por causa do caso. Se eu estivesse em casa...”

“E quanto a sua filha?” perguntou Kate. “Você sabe se ela tinha algum jovem garoto na escola que estivesse interessado nela? Eu pergunto, pois o fato de alguém assassinar sua mulher, mas deixar sua filha intocável parece peculiar.”

“Ninguém que eu saiba,” disse Thurmond. “Você realmente acho que alguma criança adolescente seria capaz de algo assim?”

“Nesse estágio, nós só queremos ter certeza que estamos cobrindo todos os campos possíveis,” disse DeMarco. “Outra coisa a se considerar, Sr. Thurmond, é que o assassino atacar naquele dia, naquela hora em particular, sugere que ele sabia que você não estaria lá. Havia mais alguém que sabia do caso?”

“Ninguém,” disse Thurmond. “Se alguém talvez o recepcionista no motel. Nós usamos o mesmo todas as vezes e eu acho que se ele estivesse prestando atenção, poderia ter descoberto.”

“Entendemos que a polícia está mantendo você como suspeito principal,” disse Kate. “Isso é principalmente porque eles não podem achar mais ninguém. Então, aqui vai o negócio: você admitiu o caso. Se você nomear a mulher e nos permitir entrar em contato com ela, você será liberado. Tudo o que você precisa é esse álibi.”

Thurmond assentiu, olhando para a mesa entre eles. “Há alguma maneira de fazer isso tudo sem que minha filha saiba? Sem que os pais de Lacy saibam?”

“Podemos ver isso,” disse Kate. “É claro, o que a mulher que você estava vendo decidir fazer com essa informação está fora das nossas mãos.”

Havia uma caneta e um bloco de papel na mesa, presumivelmente de onde alguém mais estivera mais cedo, tomando notas durante a interrogação. Thurmond pegou ambos, escreveu as informações e empurrou para Kate. Ele empurrou para longe como se fosse uma carne podre nojenta. Kate olhou e encontrou o nome, assim como o número de telefone da mulher.

“Se a polícia está tempo problemas com suspeitos, eu acho que eu sei por onde vocês podem começar a fazer algumas perguntas,” disse Thurmond.

“Onde seria?” perguntou DeMarco.

“Há esse grupo de mulheres de tricô em Amber Hills. Lacy era parte dele. Estou bem certa que Julie Hicks também era. Com risco de soar insensível, ele é composto principalmente de mães que ficam em casa. Algumas delas não são nem mães... são donas de casa. Nada de errado com isso, é claro. Mas eu sempre pensei que o grupo todo parecia meio um clique. E por mais envergonhado que eu possa admitir, posso quase garantir que elas sabem mais da vida pessoal de Lacy do que eu .”

“Você sabe os nomes de algumas das mulheres no grupo?” perguntou DeMarco.

Thurmond deu um sorriso vacilante e pegou o bloco que acabara de dar a Kate de volta. Ele escreveu nele por vários segundos. Quando ele deslizou de volta a ela. Ele havia adicionado mais quatro nomes.

“Há muitas outras, mas estas são as únicas que eu tenho certeza. Eu suponho que elas possam estar correndo perigo se o cara estiver focando nesse grupo por algum motivo. E, como eu disse, elas devem conseguir dar mais informações sobre Lacy do que eu.”

“Obrigada,” disse Kate, ficando de pé.

“Sr. Thurmond, vamos conferir o seu álibi,” disse DeMarco. “Assumindo que ela coopere, eu não vejo porque você não deva estar fora daqui rápido.”

Thurmond assentiu seu agradecimento, mas seus olhos novamente se voltaram abaixo para a mesa. Ele estava mais do que surrado e triste. Ele estava envergonhado.

Kate olhou para ele cheia de pesar e pegou o bloco de anotações com as informações que ele havia dado a elas. Uma vez que estava do lado de fora novamente, DeMarco fez a ligação para a amante de Thurmond instantaneamente, enquanto Kate buscava o Chefe Budd para solicitar registros em cidadãos locais, na esperança de conseguir os endereços para completar os nomes das outras mulheres que Thurmond forneceu.

E simples assim, Kate estava de volta a caça após um ano à margem.

CAPÍTULO DEZESSEIS

O caminho de carro de volta para Amber Hills levou mais tempo que o normal, já que Kate e DeMarco atingiram a corrente agarrada do tráfego das cinco da tarde. As pessoas estavam apressadas voltando do trabalho para casa e estudantes ambiciosas que participavam de atividades extra classe enchiam os ônibus que pareciam todos desconcertar o trânsito.

DeMarco tomou vantagem da situação, não deixando o extensivo tempo dirigindo deixá-las para trás.

“Acho que agora é um tempo tão bom quanto qualquer outro para você saber que eu dei umas cambalhotas de colegial quando eu soube que eu estava vindo aqui para ser sua parceira,” ela disse. “E eu não dou cambalhotas.”

“Isso é bem melhor do que sair correndo em terror, eu acho,” disse Kate.

“Não, de verdade. Mesmo quando eu ainda estava na academia, eu ouvia histórias sobre você. E então, quando eu comecei na Unidade de Crimes Violentos no FBI, eu repassei vários antigos arquivos seus para indicações de como decompor uma cena. Digo... você era a única a chegar a algum lugar nos assassinatos de Paulson em 2005. E vamos encarar isso... sair daquela situação de refém viva em 89... eles deveriam fazer um filme sobre isso! Quantos homens você precisou matar para escapar?”

“Agente DeMarco, essa pergunta não é muito profissional,” disse Kate. Mas na verdade, ela não se importava. Após um ano de aposentadoria, ela precisava do lembrete de como ela havia sido um dia.

De como ela ainda era.

“Desculpa,” disse DeMarco. “Eu só estou honrada em trabalhar com você.”

“Estou lisonjeada,” disse Kate. Embora ela recebesse vários elogios durante a carreira, esse era diferente de alguma forma. Com DeMarco sentada bem ao seu lado no carro, era mais pessoal, ela não poderia só escovar as palavras de afirmação com um levantar de ombros. “Então parece que você já sabe bastante sobre mim. O que você pode me contar sobre você?”

“Nada que valha a pena mencionar. Cresci em uma cidade pequena na Pennsylvania. Queria sair o quanto antes. Quando estava no décimo ano, uma das minhas melhores amigas foi estuprada, morta e colocada na varanda da frente depois de tudo. Ninguém nunca encontrou quem fez isso.

Isso me fez mudar meus planos futuros sobre ser uma veterinária rapidamente e querer fazer algo na força policial no lugar.”

“Algum motivo pelo qual você começou no FBI com a Divisão de Crimes Violentos?”

“Sem motivo da minha parte. Aparentemente estava inclinada para isso em termos de habilidades. Pareceu um bom encaixe por um tempo.”

“Você se importa se eu perguntar o que aconteceu?” perguntou Kate.

“Ainda não tenho certeza. Esse caso em particular... meio que quebrou algo em mim. E não foi o sangue ou o horror — e tinha muito desses. Foi um homicídio triplo e suicídio. Um pai matou a esposa, sua filha de dez anos e seu filho de seis anos antes de se matar. Alguma coisa na cena despertou algo em mim. Você começa a imaginar que diabos há de errado com as pessoas, sabe? E algumas vezes você pensa nisso por tanto tempo que você começa a odiar todas as pessoas. Faz você não querer estar perto de qualquer pessoa.”

Kate realmente entendia isso. Ela sentiu isso algumas vezes no início da sua carreira. Infelizmente, não havia como lidar com isso além de superar. “Então, esse caso... você vai conseguir lidar com ele?”

Ela se encolheu quando a pergunta saiu. Ela notou o olhar ligeiramente irritada de DeMarco, um olhar que a jovem agente tentou pegar antes que se mostrasse. Mas passou e Kate tomou nota de escolher suas palavras mais cautelosamente daqui em diante.

“Sim,” ela disse. “Eu não acho que eu teria sido enviada para cá se isso fosse uma dúvida.”

“Desculpe,” disse Kate. “Má escolha das palavras.”

DeMarco simplesmente deu de ombros e olhou para fora da janela enquanto elas se aproximavam vagarosamente de Amber Hills. Kate permaneceu em silêncio depois do seu pequeno tropeço. Se fosse para o silêncio ser quebrado, ela esperaria para que DeMarco o fizesse. Ela se lembrou como era ser uma jovem gente, escalada para trabalhar com alguém mais temperado. Você sempre fica pensando demais em tudo, mesmo nas palavras que você diz.

Kate sentia por DeMarco, especialmente considerando que ela já se abriu para uma parte tão pessoal da sua história. Ela nem estava certa de que ela mesma poderia ter feito isso. Isso a fez pensar sobre o pesadelo que ela teve na noite passada, o pai dela mirando lubricamente pela escuridão com um segredo obscuro encoberto, conectando-o com a escuridão.

Kate rapidamente expulsou o pensamento e se focou no tráfego a frente que estava, mesmo agora, somente começando a desgrudar.

Kate arranhou de se encontrar com uma mulher do círculo de amigas que Peter Thurmond mencionara. Ainda assim, quando chegaram ao destino, ela ficou agradavelmente surpresa que havia duas delas por lá.

A mulher que ela planejou encontrar era Wendy Hudson. Ela morava a apenas cinco casas abaixo na rua de Julie Hicks em uma estonteante casa de dois andares que era uma das mais novas na vizinhança. Quando Kate e DeMarco chegaram, ela respondeu a porta segurando uma grande taça de vinho tinto. Ela era uma mulher impressionante, em meados dos trinta anos. Era aparente que ela passava muito tempo na academia e no bronzamento.

Ela levou Kate e DeMarco para a sala de jantar, onde outra mulher estava sentada a uma grande mesa de carvalho. Ela também segurava uma taça de vinho tinto. E pela maneira que os olhos delas se comprimiram e pela questão que ela fez de se sentar ereta, Kate supôs que não era a primeira taça da tarde.

Wendy Hudson se sentou ao lado da outra mulher e disse, “Essa é Taylor Woodward. Ela e Lacy eram melhores amigas.”

“Desde o ensino médio,” disse Taylor.

Kate conjecturou que em qualquer outro dia, Taylor Woodward era tão bonita quanto Wendy Hudson. Mas a perda da amiga aparentemente a havia arrasado. Ela parecia cansada, triste e a uma taça de distância de ser um bêbado de merda.

“Estávamos pensando se há alguém que possa ter algo contra seu grupo de amigas,” disse DeMarco. “Temos um assassino não somente atacando na mesma vizinhança, mas aparentemente o mesmo círculo de amigos também.”

“Eu não acho que nós temos inimigos que iriam recorrer a assassinato,” disse Wendy. “Olha... nós sabemos o que parece. Somos donas de casa. E eu sei que muitas pessoas no bairro olhariam para nós como aquelas mulheres que costumavam aparecer em *Desperate Housewives*. Todas nós trabalhamos, mas apenas algumas horas ou com coisas que fazemos em casa. Lacy tinha seus trabalhos com edição. Ela fazia quase dois mil por

mês. Mas ainda assim... a maior parte do tempo dela era livre e nós passávamos esse tempo juntas.”

“Que tipos de coisas vocês faziam juntas?” perguntou DeMarco.

“Nada excitante,” disse Taylor arrastada. “Compras. Julie, Lacy e eu algumas vezes íamos até a piscina só para aproveitar. E, mesmo eu sendo casada, sinceramente eu gostava da atenção dos poucos pais que acabam tendo que levar as crianças.”

É, ela está bem a caminho de ficar bêbada, pensou Kate.

“Você mencionou que algumas de vocês têm empregos de poucas horas,” disse Kate. “Que outros trabalhos além do de edição de Lacy nós estamos falando?”

“Bem, Julie trabalhou meio período nesse lugar de comida saudável,” disse Wendy. “Fazendo smoothies e essas coisas. Talvez doze horas por semana.”

“E ela trabalhava com alguém que ela tinha atrito?” perguntou DeMarco.

“Não que eu saiba,” disse Wendy.

“Mas, você sabe,” disse Taylor, “Lacy costumava trabalhar para uma pequena firma de publicidade. Ela era uma das supervisoras. Uma das razões pela qual ela disse que saiu foi o ambiente de trabalho tóxico.”

“Há quanto tempo foi isso?” perguntou Kate.

“Um ano e meio talvez,” disse Taylor. Ela seguiu um longo gole do vinho, seus olhos vagando como se estivesse calculando a passagem do tempo na cabeça.

“O que havia de tão tóxico lá?” perguntou DeMarco.

Taylor deu de ombros, olhando sem foco para a taça de vinho. Wendy franziu o cenho para a amiga e então olhou para as agentes. “Ela nunca entrou em muitos detalhes sobre isso, mas havia um homem lá que aparentemente tinha problemas com receber ordens de uma mulher que era muito mais nova que ele. Ele a chamava por nomes indiscretos e começou rumores sobre ela, até um que alegava que eles tinham feito sexo no banheiro do trabalho.”

“Por isso ela saiu?”

“Não, ela saiu porque quando ela tentou demiti-lo, o proprietária da companhia ficou do lado dele. Quando ela saiu, ela foi até a imprensa. Ninguém nunca acreditou na história, no entanto. O dono era um cara bem respeitado.”

“Ela chegou a entrar em contato com o homem ou com o proprietário depois disso?” perguntou DeMarco.

“Não diretamente,” disse Wendy.

“Mas o babaca mandou fotos do pau dele algumas vezes nas semanas depois que ela saiu. Disse que se ele a visse novamente, ele faria a coisa de sexo no banheiro muito mais que um rumor, ela gostasse ou não.”

“E o marido dela nunca fez nada sobre isso?” perguntou DeMarco.

“Não,” disse Taylor com uma risada sarcástica. “Ele estava ocupado demais fodendo garotas da faculdade para se importar.”

“Alguma chance de você saber o nome desse homem?” perguntou Kate.

“Daniel Seal,” Taylor disse cuspiendo o nome como veneno.

“Ela está certa,” disse Wendy, como se certificando que as agentes levassem a pista a sério apesar do fato de Taylor estar bem inebriada. “Ele seria alguém bom para conferir. Na verdade ele costumava frequentar a mesma piscina que Taylor mencionou antes. Aquele tipo esquelético de cara. Não tentava esconder o fato de que estava olhando para as mulheres.”

Kate olhou em direção a DeMarco, tão bonita quanto as duas jovens mulheres sentadas à mesa. Se elas estiverem certas sobre esse cara, ela mal podia esperar para ver como DeMarco lidaria com ele.

Isso a fez pensar, embora brevemente, de ter jogado Brian Neilbolt pela varanda. Com um sorriso fino, ela olhou para DeMarco e assim a tensão que elas sentiram no carro por um momento foi obliterada e elas estavam na mesma página sem trocarem uma palavra.

CAPÍTULO DEZESSETE

Kate havia se esquecido de como o mimo de ter a conveniência dos recursos do FBI nas pontas dos dedos a faziam sentir. Com uma simples ligação, ela foi capaz de pegar o endereço e os registros criminais de Daniel Seal em apenas dez minutos. Ele morava no centro, uma viagem que levou cerca de vinte minutos agora que a agitação da tarde havia dissipado das vias. Daniel Seal morava em uma fileira de casas em uma boa vizinhança, todas na mesma altura e mesmo os carros estacionados perfeitamente em frente às construções.

Como se viu, elas chegaram bem na hora. Quando Kate e DeMarco estavam andando em direção a casa de Seal, ele saiu pela porta da frente. Ele vestia um par de shorts de academia e uma camiseta de tecido sintético. Carregava uma pequena bolsa de academia em sua mão esquerda, com o cabo de uma raquete saindo pelo zíper.

“Com licença,” disse Kate ao se aproximar dele. “Você é Daniel Seal?”

Ele olhou as duas mulheres de cima a baixo, viu o como estavam vestidas e os olhares sérios em seus rostos e ficou confuso. “Sou,” ele disse. “Quem pergunta?”

“Agente Kate Wise, FBI,” disse Kate, mostrando seu ID e novamente saboreando a sensação familiar do movimento. “Essa é a minha parceira, Agente DeMarco. Estávamos esperando fazer algumas perguntas a você.”

“A respeito do que exatamente?” perguntou Daniel.

“Sobre Lacy Thurmond,” disse Kate.

“Ah, Jesus, isso de novo? Algum dia ela vai deixar esse passado para trás? Olha, eu falei com policiais e advogados e todo o tipo de pessoa sobre a pequena desavença que tivemos algum tempo atrás e —”

“Deixe-me pará-lo logo aqui antes que você meta os pés pelas mãos,” disse Kate. “estamos aqui para perguntá-lo sobre sua relação profissional com ela, porque ela foi assassinada na noite passada. Na casa dela, enquanto a filha estava lá.”

O choque em seu rosto não era de uma origem emocional, mas de balbuciar no pensamento. Ele foi tão afobado sobre o seu passado que a ideia dela ser assassinada pareceu congelar seu cérebro por um momento.

“Ela foi morta?” ele perguntou.

“Sim,” DeMarco disse. “E pelo que fomos capazes de reunir, você tinha uma relação tóxica com ela.”

“É, tipo quase dois anos atrás,” disse Seal. “Você acha que por causa daquilo tudo eu a matei? Vocês realmente acham que eu sou um suspeito?”

“É sobre isso que gostaríamos de falar com você na realidade,” disse Kate.

Daniel Seal balançou a cabeça veementemente. “Não. Olha, sinto muito que ela tenha sido morta. Realmente, eu estou... ela era boa de coração, eu acho. Meio que uma vadia quando queria aplicar seus poderes como supervisora, mas uma boa pessoa. Mas não... não vou ser arrastado para isso. Eu não sou um assassino. Isso é ridículo.”

Ele começou a se afastar delas, em direção a diagonal pelo estacionamento. Kate foi dar um passo para ficar na sua frente e bloquear o caminho dele, mas DeMarco já estava por lá. Ela se moveu rápido, tão rápido e casual que Kate mal a viu fazê-lo.

“Onde você estava na noite passada entre nove e onze?” perguntou DeMarco.

“Em um show,” ele disse. “No National. Jason Isbell estava tocando.”

“Você tem prova disso?” perguntou Kate.

Seal estava ficando frustrado e fazendo muito pouco para esconder isso. Ele largou sua bolsa de academia na calçada e tirou seu telefone. Ele percorreu algumas das suas fotos até que chegou a um vídeo. Ele pressionou play e mostrou a elas. O vídeo do show estava tremendo e foi feito do celular. Mas a plateia estava mais audível que Jason Isbell.

“Ainda tenho os comprovantes dos ingressos na minha cômoda se vocês precisarem vê-los,” ele disse ao parar o vídeo e enfiar o celular de volta na bolsa.

“Não será necessário,” disse Kate. Ela não esperava, honestamente, que Daniel Seal fosse o assassino, de qualquer maneira, mas ter isso provado forma tão concreta e tão rápida foi agravante.

“Talvez liguemos para você caso a história do trabalho dela vir a tona durante a investigação,” acrescentou DeMarco.

Furioso, Seal catou sua mochila e se dirigiu para onde estava indo originalmente. Kate o observou entrar no carro e bater a porta. Ele hesitou por um momento antes de arrancar o carro, talvez deixando a realidade do que acabou de acontecer ser absorvida.

“Ele pareceu genuinamente chocado,” disse DeMarco.

“É, parecia.”

“Foi suficiente para eu saber que não foi ele. É difícil fingir esse tipo de choque. Ele está tentando esconder o choque emocionalmente ao mesmo tempo em que estava nervoso conosco.”

Kate não pôde deixar de sorrir. DeMarco sabia das coisas, com certeza. Provavelmente ela também sabia que um traço sólido quando conversando com um assassino era que havia normalmente uma fração de segundo de reconhecimento e orgulho quando confrontados sobre os assassinatos. Kate não viu qualquer resquício disso quando falava com Daniel Seal.

“Você é uma coruja, Agente DeMarco?” perguntou Kate.

“Eu tenho minhas melhores ideias depois que o sol se põe.”

“O mesmo aqui,” disse Kate.

Isso era verdade, mas fazia um tempo desde que ela ficava acordada depois das onze da noite. Nas poucas ocasiões que ela o tinha feito nos últimos meses, foi por medo de ter um daqueles pesadelos.

“No que você está pensando?” perguntou DeMarco.

“Estou pensando que vou comprar a primeira rodada de café no caminho do legista.”

“Você acha que a polícia deixou algo passar?”

“Provavelmente não,” disse Kate. “Mas eu sei que mesmo quando mortas, as pessoas podem contar histórias. Algumas vezes só é mais difícil de escutá-las falando. Você precisa olhar bem fundo para ver o que estão tentando dizê-la.”

DeMarco sorriu com a ideia. Novamente, nada verbal foi trocado entre elas enquanto iam em direção ao carro com a noite ampla na frente delas.

CAPÍTULO DEZOITO

Kate manteve a palavra de pagar a primeira rodada de café logo depois das sete e meia naquela noite. Depois de passar em um drive-thru do Starbucks, elas seguiram para o necrotério. Dessa vez foi Kate que se certificou que nenhum tempo se passasse em silêncio constrangedor. Mas ao invés de tentar inquirir detalhes da vida pessoal de DeMarco, ela se focou no caso em mãos. Ela sempre se apoiou nos parceiros como uma caixa de ressonância — uma forma social de pensar em voz alta e receber um *feedback* construtivo em tempo real.

“Depois do legista, eu quero voltar à casa. O assassino esteve lá a noite. Ele bateu na porta quando estava escuro. Estou imaginando se ele simplesmente andou direto até a porta.”

“Com o caso Julie Hicks, havia evidência que o painel de segurança do lado de fora foi alterado. Alguém jogou água nele pelo que puderam dizer.”

“Eu li isso também,” disse Kate. “Então se for o mesmo assassino, o fato mostra que ele conhecia a casa bem. Também significava que ele estava no quintal. Ele foi audaz. Foi como se ele conhecesse bem a propriedade.”

“Talvez ele conheça,” ofertou DeMarco. “Talvez ele até seja um morador da vizinhança. Talvez ele more em Amber Hills e ficou de saco cheio dessa coisa de mães donas de casa. Teve esse caso no qual eu trabalhei no meu segundo ano na Unidade de Crimes Violentos sobre esse cara de estuprou três mulheres que pertenciam todas à mesma piscina. O cara não tinha conexão com elas, ele trabalhava na empresa que preenchia as *vending machines* na piscina. Quando o pegamos, ele disse que ele o fez porque não podia suportá-las se ostentando ao redor da piscina. Disse que o deixou louco e que ele não conseguiu se impedir.”

“É uma boa direção para se pensar, mas parece muita suposição à primeira vista,” disse Kate. “Estou me inclinando para a corrente de que é um assassino que escolheu essa vizinhança por um motivo em particular. Talvez pelo mesmo tipo de razão que seu assassino.”

Elas trocaram ideias para lá e para cá nos próximos vinte minutos enquanto Kate dirigia até o necrotério. Quando chegaram, Kate não ficou surpresa ao ver que esforço colocado em Lacy Thurmond foi mínimo. Afinal, o corte na garganta tornou a causa da morte bem clara.

Ainda assim, o legista foi mais do que solícito para conversar com elas. Ele era um homem alto e magro chamado Smith. O tipo de figura magra

que quase se espera que trabalhe em um necrotério ou em uma funerária. Ele as levou até o corpo, deitado e preparado para a chegada do maquiador no dia seguinte para preparar Lacy Thurmond para seu funeral. O trabalho na sua garganta havia sido excepcional, embora Kate imaginasse que ela precisaria ser vestida em alguma coisa com um pescoço alto para realmente cobrir o corte.

“Algum outro achado?” perguntou Kate.

“Nada,” disse Smith. “Sem hematomas, nem qualquer sinal de empurrão forçado. Sem abuso sexual, nada.”

“Alguma forma de dizer que ferimento de faca veio primeiro?” perguntou Kate.

“Estou quase certo que o corte no pescoço veio primeiro,” ele respondeu. “É o que faz mais sentido logisticamente.”

Kate assentiu, notando que ele estava correto. Nenhuma das outras facadas teria incapacitado Lacy. Uma facada e ela teria correndo. Mas uma como essa na garganta e você está incapacitado para fugir.

“E você se lembra do corpo de Julie Hicks de alguns dias atrás?” perguntou Kate.

“Sim. A mesma coisa lá. Um bocado de ferimentos de faca, um diretamente no coração. Mas sem sinais de uma luta óbvia. Há uma chance muito boa de que a mesma faca foi usada baseado na forma e comprimento dos pontos de entrada.”

“Você acha que podemos ver uma cópia do relatório, incluindo imagens dos ferimentos?”

“Absolutamente,” disse Smith. “Físico ou por e-mail?”

“E-mail está bom,” disse Kate. “precisamos ir. Mas obrigado pelo seu tempo.”

Smith assentiu e cobriu o corpo de Lacy de volta. Kate e DeMarco seguiram para a sala de exames, descendo o corredor até o saguão.

“Diz para mim,” disse Kate. “Quantas vezes você se fez colocar aquele boné da Unidade de Crimes violentos desde que você deixou aquele departamento?”

“Uma ou duas,” respondeu DeMarco.

“Eu gostaria que você pesquisasse e tentasse descobrir porque um homem mataria duas mulheres de idade similar, biótipo similar e na mesma vizinhança. Sem atração sexual aparente, sem história conhecida com as vítimas. Você pode fazer isso?”

“Eu vim tentando desde que vim de DC para Richmond,” disse DeMarco. “E aí é que está a coisa...”

“O quê?” Kate perguntou.

“Não faz sentido algum.”

Kate estacionou em frente à casa dos Thurmond meia hora depois. Ela aprendeu com os relatórios atualizados que o marido ainda estava no precinto, isento das acusações, mas indisposto a voltar para casa. E quem poderia culpá-lo?

Quando Kate e Demarco se aproximaram da casa, parecia uma casa assombrada. Quieta e misteriosa, suas janelas como olhos espiando qualquer um que passasse. Antes de entrar na casa, contudo, Kate e DeMarco fizeram um circuito no perímetro exterior. Era, Kate assumiu, a precisamente a maneira que o assassino a viu antes de bater na porta.

Como ela suspeitou, não houve sinal de entrada forçada. De fato, o jardim estava meticulosamente cuidado, até as formas perfeitas dos arbustos ao redor do pátio de trás. Quando elas fizeram o caminho de volta para frente, ela tentou ver a casa pelos olhos não somente do assassino, mas talvez de alguém que não pudesse viver em tal vizinhança. Era certamente um bairro de classe alta, mas não um exclusivo. Kate sentia-se certa de que se ela checasse os valores das casas, o preço médio de uma casa em Amber Hills seria de meio milhão.

Essa corrente de pensamento pelo menos fazia algum sentido. Inveja, afinal, poderia deixar homens malucos a ponto de fazer coisas bem extremas.

Elas entraram na casa dos Thurmond pela segunda vez naquele dia. O sangue ainda não havia sido limpo, aderindo ao chão como se fosse tinta. Agora não havia mais como limpar o chão, precisaria ser trocado.

“Que tipos de coisas estamos procurando dessa vez?” perguntou DeMarco.

Isso fez Kate se sentir ainda mais confortável com ela saber que não apenas ela estava aberta a aprender, mas que ela era humilde o suficiente para fazer perguntas. A maioria dos agentes novos iria evitar fazer perguntas a todo custo, apenas para fazer parecer que sabem de tudo.

“Bem, se nós não podemos encontrar motivo entre as vítimas ou no crime em si. Estou esperando achar algumas pistas dentro da casa. A polícia já apurou que nada foi quebrado ou roubado. O marido virá depois para confirmar isso. Mas em uma cena explícita assim, eu gostaria de tentar ver o local pelos olhos de alguém que veio aqui com a intenção de matar.”

“Você acha que o estilo de vida da mulher suburbana gostosa pode ser o motivo?” perguntou DeMarco.

Kate esteve pensando sobre isso, mas não o sentia com certeza ainda. Ainda assim, ela não podia deixar de pensar que se Lacy Thurmond conhecesse o homem bem o suficiente para atender a porta para ele a uma hora tão adiantada, ela provavelmente o conhecia muito bem. E talvez isso significasse que ele estivera dentro da casa anteriormente. Talvez ele até tenha olhado ao redor quando estava dentro depois de matá-la — pulando o quarto da filha.

Pensando na filha, Kate olhou de volta para DeMarco enquanto subiam as escadas para o segundo andar. “Você se importa em fazer uma ligação para o Departamento de Serviços Sociais para ver onde a filha está? Pode ser bom falar com ela.”

“Claro,” disse DeMarco. A expressão no rosto dela deixou claro que ela não apreciava o trabalho, mas ela foi diligente como sempre, tirando o telefone logo em seguida.

Enquanto ela começava a fazer o pedido da informação no telefone, Kate verificou o primeiro quarto no qual chegou no segundo andar. Era obviamente o quarto da filha, era aparente pelas roupas amontoadas no chão, a seleção de livretos para garotas da estante de livros e o conjunto de pompons jogados na mesa. Não era um quarto bagunçado por si, mas era desorganizado o suficiente para fazer quase impossível dizer se houve qualquer tipo de briga. Não há motivos para assumir isso, contudo, já que a filha não foi perseguida de qualquer forma.

Kate olhou de perto uma foto na mesa entre livros escolares e material de papelaria. Era uma foto de Lacy Thurmond e uma pré-adolescente que Kate assumiu ser a filha. Elas estava de pé em um píer ao lado de um lago e pareciam genuinamente felizes. Kate começou a imaginar que tipo de mãe Lacy era. Se essa imagem fosse qualquer indicação, as duas eram próximas.

DeMarco entrou no quarto por trás; “Acabei de falar com o DSS,” ela disse. “Eles disseram que a filha está sendo transportada para a casa dos

avós em Greensboro, North Carolina. Eles estão pedindo pelo menos vinte e quatro horas antes de alguém falar com ela.”

“É compreensível,” disse Kate. E honestamente, ela não estava certa de que elas sequer precisavam falar com a filha. Ela acreditava em tudo o que o marido estava dizendo e parte da história dele era que a filha esteve no quarto o tempo inteiro. De acordo com a filha, ela não viu ou ouviu qualquer coisa.

As duas agentes perambularam pela casa por mais vinte minutos. Encontrando-se de volta no vestíbulo onde as manchas de sangue estavam, ambas tinham expressões desapontadas. Não havia nada para se tomar nota, nem mesmo alguma coisa que pudesse ser considerada uma possível pista.

Elas deixaram a residência dos Thurmond, Kate notando a presença de um carro de patrulha estacionado do outro lado da rua. Era uma boa estratégia, a delegacia de polícia local aparentemente esperava que o assassino pudesse voltar como forma de reviver o momento. Ela imaginou se havia outra viatura estacionado em frente a residência dos Hicks.

“Quer se encontrar para o café na manhã?” perguntou DeMarco enquanto entravam no carro. “Talvez visitar tudo com a mente fresca e uma boa noite de sono?”

Kate sinceramente odiava ter que encerrar a noite. Ela ainda tinha pelo menos algumas boas horas sobrando, mas também sabia que DeMarco estava certa. Elas não tinham pistas e não importa o quão duro elas procurassem, provavelmente não encontrariam. Isso fez Kate imaginar se elas deveriam conversar com a filha. Talvez ela conhecesse um amigo da família que eles deixaram passar de alguma forma. Ou talvez ela até soubesse algum tipo de segredo da sua mãe que ela ajudava a esconder.

“Parece um bom plano,” disse Kate.

Ao arrancarem o carro, ela pensou sobre Debbie Meade, imaginando como ela estava lidando com a perda da filha. Enquanto pensava nela, algum tipo de alarme mental materno disparou no fundo da sua mente, alguma indicação de que ela estava perdendo algo em algum lugar. Ela mergulhou na noção por um momento, mas nada veio a ela. Talvez, como DeMarco disse, uma noite de descanso a ajudaria a descobrir isso pela manhã;

Kate saiu de Amber Hills com o caso a corroendo. Ela tomou nota da viatura estacionada à plena vista atrás do grande letreiro de pedra no qual se lia AMBER HILLS. Uma coisa era certa, se o assassino realmente

escolhesse atacar em Amber Hills novamente, ele ficaria preso com tantos policiais ao redor. E mesmo que Kate não estivesse lá na prisão, estava tudo bem. Alguma coisa nesse caso parecia mais perigosa que o comum. E embora fosse tecnicamente seu primeiro desde que foi convocada extra oficialmente de volta para o FBI ela estaria perfeitamente contente se outra pessoa encerrasse antes dela.

CAPÍTULO DEZENOVE

No momento em que ela tirou os sapatos em casa, Kate percebeu o quão cansada ela realmente estava. Ela esteve ligada no máximo hoje e na maior parte de ontem também. Fazia um tempo desde que ela requisitou esse tanto de energia do seu corpo, e agora como resultado, ela estava começando a falhar. Ela foi diretamente para o chuveiro e passou a maior parte do tempo debaixo d'água simplesmente de molho no calor. Ela se congratulou por ter ficado em forma durante o ano que se passou, mas aparentemente não havia feito um trabalho tão bem feito quanto pensava. Ela estava dolorida, cansada e o caso estava começando a provocá-la.

Assim que ela se secou e vestiu uma blusa e um par de calças de corrida, ela sentou-se à mesa da cozinha. Embora ela certamente estivesse exausta, ela sabia que não seria capaz de dormir com o caso a importunando dessa maneira. E agora, mais que nunca, ela sentiu que tinha que conseguir resultados. Ela precisava superar as expectativas nesse caso se ela quisesse ter mais alguns anos no FBI. Se ela falhasse, os homens que estiveram trabalhando com Duran nesse projeto experimental provavelmente o tirariam da tomada. Ela poderia até perder a chance de trabalhar nos arquivos frios que Duran prometera.

Ela leu os arquivos do caso enquanto meia noite se aproximava. A única coisa da qual ela tinha certeza era que nenhum dos assassinatos havia sido o resultado de amor ou paixão. Mesmo se houvessem casos amorosos envolvidos, assassinos nessa situação normalmente deixavam explícito o porquê de estarem matando. Mas esse cara era impressionantemente rápido e saía imediatamente. Era quase como se ele estivesse pregando alguma pegadinha mortal com as vítimas.

Todas na mesma vizinhança, ela pensou. Todas mulheres bonitas. A Vítima Número Um não tinha filhos. Vítima Número Dois tinha uma filha, doze anos de idade.

Ambas casadas. Vítima Número Um tinha um marido que trabalhava muito a trabalho. Vítima Número Dois tinha um marido que a traía ativamente.

Foi quando a mente de Kate se voltou para o pequeno alarme que apitou nela enquanto deixava a residência dos Thurmond. Ela esteve pensando sobre Debbie Meade, imaginando como ela estava lidando com o funeral de Julie. Havia alguma coisa que Debbie disse a ela há não muito tempo atrás,

alguma coisa que ela compartilhou com Kate e as outras mulheres durante uma dos encontros do café...

O toque do celular a interrompeu. Na verdade a fez dar um pequeno sobressalto. Dada a hora adiantada, ela estava esperando que a ligação fosse de DeMarco ou mesmo Duran. Ela sentia falta dos dias em que recebia ligações aleatórios sobre um caso nas primeiras horas da manhã e imaginava se alguém se acostumava com isso algum dia.

Mas nenhum dos nomes estava na tela. Ao invés disso, era um nome que fez seu coração cair para o estômago.

Melissa.

Oh deus, ela pensou, pensando naquela barriga de grávida perfeitamente redonda que sua filha estava exibindo da última vez que se viram. Ela atendeu rapidamente. O parto de Melissa só seria daqui a cinco semanas, fazendo Kate pensar eu essa ligação seria da variedade das más notícias.

“Lisa?” ela perguntou. “O que há de err —”

“Mãe, estou indo para o hospital.”

A voz de Lisa estava baixa e preocupada — o exato oposto de como ela normalmente soava. Kate não ouviu sua filha assustada assim havia muito tempo. Isso despedaçou seu coração. Também mandou uma chama de pânico sobre ela.

“O que há de errado?” perguntou Kate.

“Minha bolsa estourou. Estou tendo contrações e estou enjoada. Tem... tem sangue também.”

“Que distância você está do hospital?”

“Terry está dirigindo... um pouco rápido demais para o meu gosto,” disse Melissa, aumentando a voz no final da frase, talvez para dar uma dica para seu marido, Terry. “Mas estamos a cerca de dez minutos de distância... eu não estaria pronta até daqui a cinco semanas... Isso... eu vou ficar bem?”

“Cinco semanas não é muito terrível,” disse Kate, sem certeza absoluta de que isso era verdade ou não. “Não é ideal, mas deve estar tudo bem.”

“Você vai vir?” perguntou Melissa.

“Claro,” ela disse, engolindo o choro para que Melissa não a ouvisse e ficasse ainda mais estressada. “Eu estarei aí assim que eu puder. Quer que eu leve alguma coisa?”

“Não,” disse Melissa, sua voz aguda e amarrada. Isso fez Kate pensar que ela pudesse estar passando por mais uma contração naquele instante. “Apenas você. Obrigada, mãe.”

Kate abriu a boca para dizer a Melissa para ficar calma, mas Melissa desligou. Kate ficou ali por alguns segundos, olhando para o telefone. Seu coração voltou para o lugar no peito e ela não podia conter a alegria absoluta que descia sobre ela.

Estava acontecendo de verdade. Estava acontecendo cinco semanas mais cedo que o esperado, mas ela seria avó. Certamente, houve algumas piadas sobre idade passando pela sua cabeça, especialmente com os arquivos dos casos a sua frente, mas ela não se importava.

Tudo o que ela podia pensar naquele momento era na sua filha e na vida nova que ela iria trazer ao mundo. Sorrindo de orelha a orelha, Kate reuniu todos os arquivos em uma única pilha, deixando-os na cama e correndo até seus sapatos na porta da frente.

Depois de pegar informações na recepção, Kate tomou o elevador para a seção de gestantes e bebês no hospital. Ela foi até a mesa das enfermeiras, esperando saber em qual quarto Melissa havia sido admitida. Talvez ela conseguiria vê-la antes de as coisas dessem andamento. Ela não tinha ilusões sobre estar no quarto para o nascimento, essa era uma missão que Melissa daria a Terry — uma tarefa que Kate confiscaria feliz.

Ainda assim, quando chegou à estação das enfermeiras, ela ouviu passos rápidos vindo do corredor atrás dela. Ela se virou e viu Terry se aproximando. Ele parecia esfarrapado no tocante a sua capacidade mental. Isso o fez parecer assombrado, porque Terry Andrews sempre parecia tão confiante e composto.

“Terry...”

“Sra. Wise,” ele disse, mais uma vez ignorando a ordem para chamá-la de Kate. “É ruim. Eles acham que está ruim. Ela...”

“Terry, vá devagar,” ela disse, sentindo suas próprias pontadas de medo começando a pinicar.

“Alguma coisa está errada,” disse Terry, lágrimas enchendo seus olhos. “Eles ainda não sabem o que. Mas acabam de levá-la de volta para uma cesariana de emergência. A bolsa dela estourou em casa, mas não vimos até que chegamos aqui...”

“Viram o quê?” perguntou Kate.

“O quanto de sangue havia. Ela costumava me dizendo que algo estava errado eu simplesmente não acreditei.”

Kate sabia que ela precisaria ser a forte aqui. Ela nunca vira Terry tão abalado. E só deus sabe o que faria a Melissa vê-lo nesse estado. Então, engolindo as próprias lágrimas, Kate tomou as mãos de Terry e olhou nos olhos dele.

“Você a trouxe aqui sã e salva,” ela o disse. “Você fez seu trabalho e você o fez muito bem pelo que posso ver. Agora o resto é com os médicos. Vamos nos sentar na sala de espera e deixar que eles trabalhem, OK?”

Ele assentiu, ainda olhando-a nos olhos. E embora ele parecesse mais calma ainda não se movem até que Kate o puxou pelas mãos e o levou até a sala de espera. Não foi até que o rosto dela estivesse virado para longe dele que Kate permitiu que algumas das suas próprias lágrimas de medo e preocupação escorressem pela sua face.

CAPÍTULO VINTE

Às 2:02 da manhã, Michelle Elizabeth nasceu. Ela nasceu com baixo peso e houve um momento de risco assustador no qual os médicos acharam que poderiam perdê-la. Mas cerca de meia hora depois que ela foi removida de Melissa, ela pareceu se estabilizar. E embora ela provavelmente ficasse no hospital por uma semana ou por aí apenas para ter certeza que ela estivesse completamente fora de perigo, tudo indicava que ela acabaria deixando o hospital como uma criança saudável — mesmo com baixo peso.

Kate, Terry e os pais de Terry foram todos informados disse enquanto estavam reunidos sentados em grupo na sala de espera às 2:55. As notícias fizeram o coração de Kate um mundo de alegria, mas seus pensamentos imediatamente se voltaram para Melissa e sua recuperação.

“Eu gostaria de ver minha filha assim que possível,” disse Kate.

“Você pode vê-la agora se você quiser,” disse o médico. “de fato, ela perguntou por você. Ela ainda está um pouco grogue pelos medicamentos. Mas você pode vê-la se quiser.”

Kate passou por todo o corredor. Ela passou aproximadamente duas horas sem saber se estava tudo bem com o bebê, Melissa ou com ambos. E agora que ela sabia que ambos estavam bem e que ela avó., ela estava transbordando de uma alegria que ela só sentiu quando Melissa nasceu. Ela tentou enxugar o rosto e se recompor quando entrou no quarto de Melissa, mas estava bem certa de que estava fazendo um péssimo trabalho.

Melissa estava deitada na cama, sua cabeça se virou em direção à porta quando ela abriu. Ela sorriu para Kate e Kate sorriu de volta. Melissa parecia além de cansada, incrivelmente frágil e quase não parecia ela mesma.

“Mãe...”

Kate foi até ela, tomou sua mão e dei um beijo em sua fronte. “Você foi ótima,” disse Kate.

“Você já a viu?” perguntou Melissa.

“Ainda não. Os médicos disseram que precisamos esperar um momento. Está deixando Terry absolutamente maluco. Falando do qual, preciso sair daqui rápido para que ele possa vê-la. Ele está preocupado com você.”

“Eu sei. E espero que ele entenda, mas eu preciso ver você primeiro. Eu só continuo pensando sobre o papai e como ele estaria feliz... e Jesus, eu sinto tanta falta dele, Mãe.”

“Eu também. Mas ele estaria tão orgulhoso de você; Por sobreviver a essa provação e por dar uma neta a ele.”

Melissa sorriu. “Aposto que sim,” ela disse. “Eu te amo, Mãe.”

“Eu também te amo. Agora... eu posso ver nos seus olhos que você está adormecendo...”

“Com certeza,” Melissa disse com um sorrisinho distorcido. Parecia que ela estava bêbada.

“Então vou dizer a Terry para vir agora. Mas eu não vou a lugar algum até que você esteja com as ideias completamente no lugar. Afinal... vou precisar que você segure aquele bebê.”

Melissa assentiu com cabeça e apertou a mão de Kate. Foi difícil para deixá-la, mas ela sabia que precisava. Ela sempre foi boa em se afastar para deixar que sua filha vivesse sua vida, nunca interferindo no casamento de qualquer maneira. Esse foi o momento mais difícil nesse respeito pelo qual ela já passou, mas ela se fez sair do quarto.

Terry já estava na porta, irrompendo como um touro para entrar. Kate assentiu e ele entrou quase correndo.

Kate ficou ali por um momento, congelada no corredor de um hospital às 3:05 da manhã, sentindo sua vida mudar por completo ao seu redor.

Sou uma avó, ela pensou com um sorriso. Uma avó que acaba de voltar uma carreira no FBI aos cinquenta e cinco anos de idade.

Ela teve que morder o lábio para manter a risada infantil de explodir pela boca. Talvez se ela não estivesse ali pela manhã, o pensamento não teria parecido tão engraçado. Mas no momento, o pensamento a mandou de volta pelo corredor em busca de café, prestes a encarar esse novo capítulo da sua vida.

Kate cochilou desconfortavelmente em uma cadeira na sala de espera por um momento, o café não estava fazendo seu trabalho. A única razão pela qual ela acordou foi porque o alarme do telefone disparou. Quando ela se sacudiu acordada na cadeira, ela viu que, de alguma maneira, era 4:15 da manhã. Ela também via que o alarme do telefone era uma mensagem de Logan.

Ela sorriu sonolenta, se lembrando de como ele sempre fora uma coruja. Ela imaginou se ele suspeitava que seu telefone sempre ficava em modo

silencioso depois de uma certa hora ou se ele estivesse tentando colocá-la de pé propositalmente agora que ela estava de volta.

Apenas mandando notícias, lia-se no texto. Espero que tudo esteja indo bem. Diga-me se precisar de alguma coisa.

Ela esfregou os olhos e levantou-se da cadeira. Ela viu os pais de Terry do outro lado da sala de espera. Sua mãe estava encolhida dormindo na cadeira enquanto o pai dele estava lendo algo no Kindle. Terry, contudo, não estava a vista.

Ela caminhou até os pais de Terry. Sr. Andrews olhou acima do Kindle e sorriu sonolento para ela.

“Eu ia acordar você,” ele disse, “mas não queria que fosse prematura. Os médicos vieram há dez minutos. Eles liberaram Terry para ver o bebê. Ela vai sair e nos dizer quando — ou se, eu acho, devo dizer — nós podemos.”

“Obrigada,” disse Kate.

“Já se sentindo estranha por ser avó?” ele perguntou.

“Honestamente eu nem sei ainda. Talvez quando eu a segurar...”

“O mesmo aqui,” ele disse. “A irmã de Terry esteve grávida por duas vezes, mas perdeu ambas. Então nesse momento agridoce, eu me sinto como se tecnicamente já fôssemos avós.”

“E como é o sentimento?” perguntou Kate.

“Bem incrível,” disse o Sr. Andrews.

Novamente, Kate sentiu alarmes no fundo da sua mente. Alguma coisa que ele disse a lembrou novamente de Debbie Meade... e assim, ela sabia que ela precisaria falar com Debbie assim que pudesse.

Ela quase foi até sua cadeira para pegar o celular e mandar um mensagem para DeMarco. Mas assim que ela se virou, ela viu Terry virando o corredor. Ele não mais parecia cansado e preocupado, agora ele parecia orgulhoso e quase eufórico.

“Vocês querem ver sua neta?”

Kate absolutamente queria ver sua neta. Ela também queria ter uma atualização sobre Melissa.

Então, mesmo que esse caso ainda estivesse no centro da sua mente, a parte de Kate que havia aposentado a empurrou com satisfação, suas mãos ansiosas para segurar sua neta pela primeira vez.

CAPÍTULO VINTE E UM

O que o café havia falhado em fazer em termos de despertar Kate, segurar sua neta pela primeira vez o cumpriu. Sem contar sua própria filha — Melissa, agora com vinte e seis e uma mulher independente — Kate nunca do tipo que gosta de bebês. Da fato, a ideia de estar perto delas a assustava um pouco.

Mas segurar Michelle pareceu abrir algo nela enquanto também fechava um lindo círculo que havia se aberto quando deu a luz a Melissa vinte e seis anos atrás. Era como ver um fantasma e dar as boas vindas a ele nos seus braços. Ela sabia que não era Melissa nos seus braços, mas o sentimento era o mesmo. Ela não esperava uma reação tão emocional de segurar a sua primeira neta, mas naquele momento, tudo em Kate suavizou e se entregou a criança.

Ela deixou o hospital às 7:15 com apenas duas horas de sono, mas que uma energia que ela nunca experimentou antes. O conhecimento de que ela prometera a Melissa de que ela estaria de volta naquela tarde a movia. Melissa entendeu completamente, animada ao ouvir que sua mãe havia se envolvido no trabalho com o FBI novamente apesar da aposentadoria.

Ela mandou uma mensagem para DeMarco, informando tudo o que aconteceu na noite passado. Ela explicou que pode ser um dia bem espalhado mas ela tinha uma ideia para perseguir.

Depois de mandar o texto, ela então ligou para Debbie Meade. Ela odiava fazê-lo, porque na sua opinião, não se passou tempo suficiente desde a morte de Julie para que Debbie se envolvesse com o caso de alguma maneira, mas como Debbie continuava vindo a sua mente, Kate pensou que estaria OK.

Debbie certamente pareceu estar OK com a ideia de se encontrar com ela — não na cafeteria como de costume, no entanto. Ela não estava nem um pouco pronta para sair em público, já que estava suscetível a crises de choro que a atingiam do nada. Ao invés, Debbie a convidou até a sua casa para o café. Kate concordou, se candidatando para pegar donuts no caminho.

Quando Debbie atendeu a porta às oito horas, ela parecia desperta e quase feliz em ver Kate. A casa cheirava a flores recém entregues após a morte de Julie e café recém passado. Debbie a levou até a cozinha, onde ela se sentaram no balcão. Debbie as serviu generosas xícaras de café e por um momento, foi como uma simples visita a uma amiga.

“Debbie, eu queria falar com você fora do grupo,” ela disse. “Um tempo atrás, você compartilhou algo conosco. Algo pessoal... sobre um caso. Eu odeio pedir que você volte nisso logo depois de tudo que vem acontecendo, mas francamente, eu não sei mais aonde ir.”

“Você quer dizer o meu caso?” Debbie perguntou com vergonha cruzando seu rosto.

“Sim. E se você achar que não é apropriado...”

“Não, tudo bem,” disse Debbie. “Eu contei a Jim sobre isso e nós passamos por isso. E realmente, eu nem sei se eu chamaria de caso. Foram duas vezes e então eu terminei.”

“O cara mora por aqui?” perguntou Kate.

Debbie balançou a cabeça, bebendo o café e olhando para o balcão, sua vergonha tornava difícil olhar Kate nos olhos. “Ele estava na cidade a negócios. Eu o vi quando ele chegou onde eu trabalhava. Ele estava vendendo algum tipo de novo seguro para os funcionários. Mas Kate... eu não sei o que isso tem a ver.”

“Talvez nada,” disse Kate. “Mas isso surgiu — e por favor, mantenha isso entre nós — que o marido de Lacy estava tendo um caso. Ele admitiu. E... bem, eu acho difícil ver como uma mulher como Lacy, que passava a maior parte do tempo em casa, não estivesse ciente disso.”

Debbie deu um sorriso de culpa. “Havia rumores que Lacy estivesse se divertindo também,” ela disse. “Eu assumo que você esteja me perguntando sobre meu próprio caso para entrar na mente de alguém que possa ter um?”

“Mais ou menos,” disse Kate. “Ainda, você e Clarissa parecem captar melhor as notícias que passam por círculos menores. Eu não sei se você ouviu algo.”

“Bem, eu posso basicamente garantir a você que Lacy sabia sobre o caso de Peter. Todo mundo sabia. Ele fazia um trabalho porco em esconder. E se Lacy sabia e matinha silencia... bem, eu assumo que os rumores que escutei sobre ela eram verdadeiros.”

“De que ela estava tendo um caso,” disse Kate pensativa. “Alguma ideia de quem era?”

“Não. E Kate, eu vejo para onde isso está indo. Eu sei qual vai ser sua próxima pergunta, então eu posso adiantar e cortar você logo. Julie não estava tendo um caso. Ela amava Tyler demais. Quando ele estava longe a negócios, ela normalmente passava a maior parte do tempo aqui comigo ou com aquele pequeno círculo de amigas que ela tinha.”

Talvez, pensou Kate. Mas você mesma acabou de dizer que Lacy, um membro daquele grupo, provavelmente estava envolvida em um caso. E que ela escondia relativamente bem.

“Mas você entende que eu preciso pelo menos verificar isso, certo?” perguntou Kate.

“Absolutamente.”

Kate tomou outro gole do café e levantou-se. “Obrigada pelo seu tempo, Debbie. E obrigada por entender quando eu tive que fazer as perguntas difíceis.”

“Ei, eu pedi a sua ajuda,” disse Debbie. “Eu agradeço que você esteja continuando com isso.”

Debbie a levou até a porta da frente e elas deram um breve abraço. Kate nunca teve amigos de verdade fora do FBI, então saber que ela e Debbie ainda estavam desenvolvendo uma proximidade entre elas era legal.

Voltando para seu carro, Kate pegou o celular. Embora acreditasse que em Debbie que Julie não estivesse envolvida em um caso, ela pensava que ainda podia haver algo na linha de infidelidade, alguma coisa que impulsionaria alguém a matar essas duas mulheres de maneira tão indiferente e quase casual.

Ela puxou o nome de DeMarco e mandou uma mensagem: *o nome que Peter Thurmond nos deu é o próximo na lista. A amante. Vamos fazer uma visita a ela. Encontramos em meia hora?*

Ela recebeu a mensagem antes mesmo de chegar ao carro. Ela sorriu e leu a mensagem, satisfeita em ter uma parceira que estava sempre disposta e motivada como ela. Logan, embora um agente incrível, não era o melhor em retornar as ligações e mensagens. Ter alguém tão responsiva ao seu lado era como respirar ar fresco.

Claro, dizia a resposta. Me encontra no meu motel?

DeMarco deu o endereço e Kate não perdeu tempo. Era apenas 8:20 da manhã. Se as coisas continuassem a progredir assim tão rápido pelo restante do dia, ela estaria de volta no hospital com sua neta nos braços na hora do almoço.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

O nome que Peter Thurmond havia rabiscado em uma folha de papel na sala de interrogatório no dia anterior foi Crystal Bryant. Ele também forneceu um número, o qual Kate não se importou em usar. Ela sabia que se desse tempo para a mulher se preparar, ela poderia inventar mentiras e história que poderia perder o tempo delas. Ele preferia pegá-la com a guarda baixa — uma tática sorrateira e quase desonesta considerando que Crystal Bryant não estava envolvida no caso.

Sempre diligente, DeMarco já havia pedido o endereço e outras informações pertinentes sobre Crystal. Parte dessas informações era descobrir que ela trabalhava como enfermeira em uma unidade de reabilitação física de 8:30 às 5:00 de segunda a sexta. Esse conhecimento permitiu que elas pulassem a visita à casa dela e fossem diretamente para o local de trabalho.

O consultório estava localizado em um dos hospitais mais cheios da cidade e a sala de espera estava lotada. Kate não viu motivo em convocar Crystal Bryant, então ela foi o mais discreta possível... Quando ela e DeMarco abordaram a recepcionista, Kate manteve a voz suave.

“Eu preciso falar com uma das suas enfermeiras,” disse Kate. “Crystal Bryant.”

A recepcionista pareceu um pouco confusa, olhando entre Kate e DeMarco. “OK... vocês têm hora marcada?”

“Não temos,” disse Kate. “É um assunto particular e bem urgente.”

“OK. Posso perguntar quem está procurando por ela?”

“Não. Novamente... é particular.”

Visivelmente insatisfeita com essa resposta, a recepcionista levantou-se mesmo assim. Afastou-se da mesa e desapareceu no corredor do outro lado do vidro. Kate e DeMarco ficaram ali por alguns momentos até que uma das portas na sala de espera se abrisse. Um bela mulher loira de talvez vinte e cinco anos de idade foi caminhando em direção a elas. Ela estava vestida em um uniforme apertado de enfermeira e parecia bem confusa.

“Vocês são as mulheres que estão me procurando?” ela perguntou.

“Sim,” disse Kate baixinho. “Eu sou a Agente Wise e essa é a minha parceira, Agente DeMarco, do FBI. Gostaríamos de fazer algumas perguntas a você sobre os Thurmond.”

Crystal Bryant parecia ter acabado de levar um tapa no rosto. Ela olhou ao redor, até na sala de espera, para ver se alguém havia escutado Kate.

“Não vai demorar,” disse Kate. “E se você cooperar respondendo a algumas perguntas, pode ser feito sem que ninguém saiba quem somos ou por que estamos aqui. Então, podemos falar com você pode alguns minutos?”

“Claro,” disse Crystal, claramente pega de surpresa. Elas encontraram três cadeiras no canto mais distante da sala de espera e se acomodaram. Antes que Kate sequer pudesse começar a fazer perguntas, Crystal estava falando.

“Acho que a morte de Lacy fez Peter confessar, hein?” ela perguntou.

“Sim,” disse Kate. “Você falou com ele desde a morte de Lacy?”

“Não. Ele me mandou mensagem e me disse o que aconteceu. Falou para mim na mesma mensagem que ele estava terminando... que ele não poderia mais me ver. Olha, por favor... tem alguma maneira de manter sigilo nisso? Eu não quero que isso se espalhe e danifique a reputação dele, especialmente depois do que aconteceu com Lacy.”

“Não vamos dizer a ninguém. Precisamos falar com você simplesmente para ter uma visão melhor do que você sabia sobre Lacy. Você acha que há alguma chance de que ela soubesse sobre o caso e talvez estivesse tendo um caso ela mesa?”

Crystal considerou isso por um momento. “Eu nunca pensei sobre isso,” ela disse. “Mas eu não acho que sim. Ela nunca me pareceu como o tipo vingativo.”

“Então você a conhecia?” perguntou DeMarco.

“Não bem. Nós tínhamos alguns amigos em comum, mas Lacy e eu nunca saímos juntas ou algo assim.”

“Então você não sabe sobre a vida pessoal dela?” perguntou Kate.

“Apenas as poucas coisas que Peter me contava.”

“Como o quê?”

Crystal deu de ombros e ficou claro que ela estava ficando desconfortável. Até mesmo que estivesse prestes a derramar lágrimas. “Ele reclamava dela. Sobre como ela nunca queria fazer sexo. Sobre como tudo com o que ela se importava era a filha deles. Ele disse que ele sentia como sempre fosse o segundo. Mas... eu não sei. Eu nunca realmente acreditei nisso. Eu não sou estúpida. Sou dez anos mais nova que ela e foi...”

agressivo, eu acho. Eu acho que ele estava me dizendo isso apenas para me manter voltando para ele.”

“Então você pode pensar em alguém que possa ter algo contra Lacy ou Peter?”

“Não. Eu não conheço nenhum deles bem assim.”

Kate suspirou frustrada. Ela suspeitava secretamente que isso iria acontecer, no entanto. Ela foi forçada a olhar em múltiplos casos nos muitos casos no qual ela trabalhou durante sua carreira. E em praticamente todos eles, os membros do caso eram distantes. Sem contar as preferências sexuais e os horários, tipicamente eles sabiam muito pouco um do outro — muito menos sobre o cônjuge.

“Bem, obrigada pelo seu tempo,” disse Kate.

“Claro. Como ele está? Digo, Peter. Vocês falaram com ele?”

“De luto,” disse DeMarco. “E se ele pediu para que você respeitasse a vontade dele de não vê-la novamente, por favor, assim o faça.”

Crystal pareceu um pouco surpresa ao ouvir um conselho tão direto, mas ela assentiu ao se levantar e voltar para o trabalho. Kate e DeMarco também saíram e enquanto caminhavam de volta para a manhã que parecia estar pensando em chover, a mente de Kate começou a repassar o que se passou. Esse negócio todo com casos amorosos estava cutucando algumas memórias no fundo da sua mente, uma que ela podia quase pegar e trazer a tona. Mas sua cabeça estava muito ocupada com esse caso novo, deixando-a a ver navios.

Algum outro caso, ela pensou. Alguma coisa quase similar a essa.

“Ei, você se importa em dirigir?” perguntou Kate. “Eu preciso fazer uma ligação.”

“Claro,” DeMarco disse quando Kate arremessou as chaves para ela. “Para onde vamos?”

“Eu não sei ainda. Vamos começar pelo Starbucks mais próximo. Eu esqueci como exaustivos esses dias longos podiam ser.”

Ela se encolheu quando percebeu o quão velha esse comentário poderia fazê-la parecer. Ela entrou no carro e quando DeMarco deu partida, Kate pegou o celular e fez uma ligação. Quando a voz calorosa e familiar do outro lado da linha respondeu, foi como ser mandada de volta no tempo.

“Wise, é você mesma?” perguntou Logan com um traço de sarcasmo.

“Sim, sou eu. Obrigado pela sua mensagem, vendo se estava tudo bem. Foi doce... mas desnecessário.”

“Bem, eu fui bem criado. Fui ensinado a tomar conta dos mais velhos.”

“Vá pro inferno.”

“Com você, a qualquer hora. O que pega, Wise?”

Ela não pôde deixar de sorrir. Deus, como ela sentia falta da troca que ela e Logan haviam estabelecido no decorrer dos anos trabalhando juntos.

“Estou tentando lembrar um caso,” ela disse. “Estou achando que não é mais velho que dez anos. Duas ou três pessoas foram mortas em um tipo de festa de troca de casal. Um caso amoroso que saiu disso e causou muito problema.”

“É, eu me lembro desse. Do que você precisa? Posso puxar os arquivos e mandar o que quer que você precise saber. Você está vendo similaridades com esse que você está trabalhando?”

“Não sei ainda. Mas espero que possa me ajudar pegar a trilha certa. Estou tentando me lembrar do assassino... qual era o MO dele, o tipo de coisa que ele disse no interrogatório e no julgamento. Esse tipo de coisa.”

“Dê-me algumas horas e eu vou enviar a você. Algo mais? Você quer que eu vá até aí e termine o caso para você? Parece estar sendo uma luta para você.”

“Não, obrigado. Aproveite o seu escritório confortável. E obrigado pela assistência.”

Ela terminou a ligação e viu que DeMarco estava dando um sorriso maravilhado. “Como você faz isso?” ela perguntou.

“Faz o quê?” Kate perguntou.

“Mantém registro de todos os seus casos antigos assim.”

“Eu tenho uma memória bem boa. Mas não boa o suficiente,. Eu deveria conseguir me lembrar do nome do assassino.”

“De dez anos atrás? Sério?”

“É. Algumas vezes os casos mais difíceis ficam com você.”

“Ah, e eu não sei?! A Unidade de Crimes Violentos me ensinou essa lição bem depressa. E outra coisa que eu notei sobre esses casos... alguma coisa que eu aprendi antes na Crimes Violentos. Nada a respeito desses assassinatos parece pessoal, nada apaixonado. Eu ouvi você perguntar no telefone sobre como uma festa de troca de casais e um caso. Mas na minha experiência, a maioria dos assassinos que agem por paixão ou luxúria ou mesmo amor, tendem a ser sinistros. O assassino parece fazer o ponto de deixar todos saberem por que ele cometeu o crime.”

“Estou pensando a mesma coisa,” disse Kate. “Mas eu também não posso deixar de cogitar que possa ser algo orientado em torno de segredos. Casos sendo mantidos em segredo... talvez o assassino está refletindo isso em seus assassinatos. Talvez ele queria mostrar que ele pode ser tão bom quanto em manter segredo.”

“Desculpe-me por perguntar,” disse DeMarco, “mas há alguma razão em particular para se sentir tão certa de que há um caso no centro disso?”

“Não... não necessariamente. Mas o fato de que ambas as mulheres eram casadas com maridos ausentes tem que ser um dos ingredientes. E o fato de que um dos maridos admitidamente fazia parte de um caso torna isso provável.”

“Bom ponto,” disse DeMarco assentindo enquanto encostava no estacionamento do Starbucks. “A coisa do marido ausente é boa. Digo, o marido Hicks estava ausente por necessidade. Parte do trabalho, com todas as viagens. Mas estar ausente por causa de um caso...”

“Sim, ambas as pontas do espectro.”

“Então eu acho que nós precisamos descobrir se alguma dessas pontas vai gerar alguma resposta,” disse DeMarco.

Kate assentiu com seu argumento, pensando no copo de dose vazio na pia de Lacy Thurmond.

Ela estava bebendo para ficar dormente? Kate imaginou. Por saber do caso do marido ou algo que ela mesma escondia?

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Logan disse a Kate que iria precisar de algumas horas para conseguir os resultados, mas o telefone dela estava tocando em menos de uma hora. Ela e DeMarco estavam sentadas na sala de registros da delegacia do Chefe Budd, escrutinando os arquivos de ambos os Hicks e os Thurmond. Nos dois casos, novas informações ainda estavam chegando, mas nenhuma delas foi de ajuda em estabelecer uma trilha até o assassino.

“Ei, Logan,” disse Kate ao virar uma cópia do relatório do legista sobre Julie Hicks. “Essa foi rápida. Tem certeza de que não foi serviço meia boca?”

“Positivo,” ele disse. “Então há notícias muito boas para você. Não somente eu tenho um transcrito do interrogatório do assassino bem aqui na minha frente, como ele também está na prisão em Chesterfield. A qual, acredito, fica em menos de uma hora de onde você está.”

“Por que ele foi movido?” ela perguntou. “ele não tinha sido colocado no Complexo Penitenciário de Lordon, em Fairfax?”

“De fato ele foi. Mas problemas populacionais e seu comportamento aparentemente excepcional fizeram-no ser movido para uma prisão menos estrita.”

“Comportamento excepcional?” perguntou Kate.

“Eu não tenho esses detalhes aqui,” disse Logan. “Mas, é, é o que eu tenho. De qualquer forma, você ainda precisa que eu lhe envie os arquivos que eu tenho sobre o caso? Temos todos eles digitalizados, então posso só mandar por e-mail.”

“Seria ótimo,” disse Kate. “Vai me dar algo para ler no caminho para Chesterfield.”

“Mantenha-me informado,” disse Logan. “Piadas a parte, Kate. Estou torcendo por você nessa. Há vários por aqui em Washington torcendo por você, na verdade.”

“Significa muito, Logan. Obrigado.”

Com a ligação encerrada e próximo destino claro em mente, Kate começou a carregar as pilhas de papéis e arquivos que esteve olhando.

“Chesterfield, hein?” perguntou DeMarco.

“Sim. Sem pistas, mas o assassino de um antigo caso que é meio parecido com esse está cumprindo pena lá.”

“Ah,” disse DeMarco. Ela pareceu empacada, contudo, como se estivesse tentando entender a relevância disso.

“Ao falar com ele e talvez entender o porquê de ele ter feito as coisas que fez, espero ser capaz de talvez aplicar essa estrutura de pensamento no nosso assassino sem face.”

DeMarco sorriu enquanto começava a reunir seus arquivos também. “Você pode me contar sobre esse caso no caminho?”

“Claro,” disse Kate. Ela ficou novamente impressionada com a disposição de DeMarco em aprender. De repente ela entendeu completamente como fazia sentido para Duran manda-la até aqui para trabalhar com ela. Era mais do que apenas treinamento, estava testando DeMarco em uma variedade de coisas.

Pelo que tocava Kate, ela estava passando em cada um deles com A. E Kate estava muito feliz em ser sua guia ao longo do caminho.

Kate passou a maior parte do caminho de carro até Chesterfield informando DeMarco sobre o caso. Como ela não se lembrava inteiramente de cada detalhe, ela pediu para DeMarco percorrer as informações que Logan enviara enquanto ela compartilhava o que sabia. Foi ainda outro exemplo de como elas trabalhavam bem juntas — Kate recontando o caso enquanto DeMarco preenchia os espaços vazios.

O caso tinha dez anos e, como Kate recordou corretamente, envolvia uma troca de casal que deu errado. Havia quatro casais envolvidos, encontrando-se uma vez por mês. Essas festas continuaram por sete meses antes que um marido de um dos casais e a mulher de outro decidiram que preferiam ficar juntos a ficarem com os respectivos cônjuges. Os dois cônjuges abandonados fingiram não se importarem e, estranhamente, as festas continuaram por mais dois meses. Mas aquela nova festa foi a última. O marido rejeitado, chamado Tate O’Brien, matou três membros do grupo, incluindo sua esposa e o amante. O’Brien ficou na casa na qual eles tinham dado a festa até que os policiais chegassem, admitindo tranquilamente os assassinatos e alegou que ele gostaria que tivesse culhões para matar todos os outros na casa também.

Mas ela não somente matou as três pessoas. Ele as esquartejou. Ele aparentemente fez sexo com sua mulher depois de tê-la matado. E embora

os relatórios difiram, pareceu que O'Brien quebrou a perna direita do amante da sua mulher com um martelo e o fez assistir enquanto ele a matava e então procedia para o coito enquanto ela sangrava.

“Jesus,” disse DeMarco. “Eu não sei se eu diria que esse é um crime passional, mas foi certamente motivado por sentimentos bem fortes.”

“Verdade,” disse Kate. “E até agora, não parece que nosso assassino está agindo por emoção. Ou, se ele estiver, ele está escondendo bem. Mas o que me interessa é o fato que falando dos assassinatos, O'Brien foi bem casual. É, pois é, eu fiz. E aí? Esse tipo de mentalidade. É bem similar a abordagem que nosso assassino está tomando.”

“Sim, meio que casual. É claro, ele não está ficando ao redor só esperando para nós o enquadrarmos.”

Kate assentiu, imaginando se talvez ela estivesse perdendo tempo indo visitar O'Brien dez anos depois dos seus crimes. Mas que seja, ela precisava chegar todas as avenidas possíveis, especialmente quando as pistas pareciam quase impossíveis de se revelarem.

Quando se aproximaram de Chesterfield, a mente de Kate voltou para a audiência no tribunal de alguns dias atrás. Ela imaginou Patrick Ellis envelhecido, mas quase o mesmo homem. Tinha sido como se um fantasma do seu passado surgisse para assombrá-la e sem sua permissão para fazê-lo. Ela imaginou se seria o mesmo quando ela ficasse face a face com Tate O'Brien. Ela esteve na presença dele apenas duas vezes, já que o caso havia sido bem simples. Mas ela se lembrou do olhar quase vazio nos olhos dele, da expressão de 'aham' de um homem que literalmente não ligava para o que tinha feito.

Logan disse que os relatórios indicavam que O'Brien havia mudado. Mas Kate pensou. Lá no fundo, seria um homem capaz daquele tipo de maldade mudar algum dia?

Não havia instalações de filme nos quais Kate falasse com O'Brien por uma divisória de vidro. Ao invés disso, ela e DeMarco foram levadas por um corredor lateral a frente da prisão, que contornava até a parte de trás da construção. Lá, o guia delas as deixou na companhia de um guarda armado que estava ao lado de uma grande porta de metal. O guarda abriu a porta para elas e permaneceu ao lado da porta.

“É bom ver você de volta ao trabalho,” disse o guarda.

Era um comentário curioso, porque Kate não se lembrava do rosto do guarda. Era outro daqueles momentos quando ela tinha que lembrar que, querendo ou não, ela tinha construído uma reputação para si quando trabalhou como agente.

“Estarei aqui se vocês precisaram,” o guarda disse sem muita expressão.

Kate e DeMarco entraram na sala. Havia apenas algumas coisas dentro da sala de concreto e tijolos: uma mesa de metal desgastada e arranhada, quatro cadeiras e Tate O’Brien. O’Brien estava do lado oposto da mesa. Seu braço esquerdo algemado a uma pequena barra de metal que fora pregada a mesa com rebites. Além disso, ele parecia feliz em ter visitantes.

Kate o estudou enquanto chegava até a mesa. Ele envelheceu consideravelmente, os dez anos que se passaram o transformaram em um homem que parecia ter envelhecido pelo menos quinze ou vinte anos. Ela assumiu que isso significava que os poucos anos que ele passara em cárcere em Fairfax antes de ser movido para cá haviam sido duros com ele. Seu cabelo estava crescendo, já passava dos ombros, enrolado e com aparência oleoso. Ele também cresceu uma barba bem grande que parecia precisar de um corte urgente.

“Por acaso você se lembra de mim?” Kate perguntou enquanto ela e DeMarco tomavam os dois assentos mais próximos a elas.

O’Brien balançou a cabeça enquanto olhava entre as duas agentes. “Eu deveria?” ele perguntou.

“Eu fui uma das agentes que te processou,” disse Kate.

“Ah,” disse O’Brien com uma risada. “Isso foi há bastante tempo. Eu tento não olhar para o passado.”

“Bem, temo que seja por isso que estou aqui,” disse Kate. “Eu esperava falar com você sobre o que você fez.”

“Para quê?” perguntou O’Brien. “Aquele caso está fechado. Eu cometi. Sem perguntas. Eu admiti. Na hora, eu acredito que eu admiti alegremente.”

“Então você já não admite com felicidade?”

“Não,” disse O’Brien, sacudindo a cabeça amargamente. “Eu mudei bastante durante estes últimos anos. Eu nem conheço mais o homem que cometeu aqueles assassinatos.”

“Eu não entendo,” disse DeMarco. “Você quer dizer que superou aquilo? Que se distanciou dos atos de alguma forma?”

“Você poderia dizer isso,” ele disse. “Veja, logo antes de eu ser movido aqui para Chesterfield, havia esse homem indo até Fairfax. Ele fazia esse culto na prisão, lia a bíblia, ensinando-nos sobre pecado e salvação. E lutei contra isso como louco, mas depois de seis meses, Jesus me pegou. Eu dei minha vida ao Senhor há cerca de três anos. Estou correto e na linha desde então. Eu me arrependi dos meus pecados e Jesus me redimiu. Então sim.. eu não mais me identifico com o homem que matou aquelas pessoas. Eu o fiz, sim. Não posso escapar disso. Mas estou livre do meu pecado agora e acredito que estou perdoado.”

Kate não podia acreditar na sorte dela. Se O’Brien tinha legitimamente mudado tanto, ela poderia ser de mais ajuda do que ela esperava originalmente. Isso era, se ela jogasse certo.

“Estou feliz em ouvir isso,” disse Kate. “Atualmente estamos trabalhando em um caso que não conseguimos apontar entre desejo e paixão de jeito algum, mas pode estar nessa arena.”

“E como eu posso ajudar com isso?” ele perguntou. “Eu disse a você... não sou mais eu.”

“Melhor ainda,” disse Kate. “Se você realmente se distanciou do assassino e não se identifica mais com o homem que você costumava ser, você deve ser capaz de descrever claramente como você estava pensando na época. Pense como se fosse outra pessoa. Descreva-o para mim. Descreva o que ele estava pensando quando matou aquelas pessoas.”

Pela primeira vez desde entraram na sala, O’Brien pareceu infeliz. Ele respirou fundo e assentiu ligeiramente. “Machuca voltar lá trás. Eu o faço algumas vezes, para me lembrar de que mesmo que eu esteja perdoado, eu ainda cometi aquelas coisas terríveis. Não é como assistir um home. É como assistir o demônio — um monstro. Mas eu posso me lembrar do que eu estava pensando. Fica realmente claro quando me permito voltar.”

“Eu sei que é difícil,” disse Kate, fazendo seu melhor para parecer simpática. “Mas realmente nos ajudaria. Qualquer coisa que você puder lembrar.”

Ele não olhava para elas enquanto falava. Ele olhava para a esquerda para a parede vazia do outro lado da sala. Ele estava envergonhado. Isso fez Kate pensar que O’Brien tinha genuinamente experimentado um despertar de algum tipo. Kate, embora crente, não estava certa sobre a coisa todo de dar minha vida a Jesus. Mas O’Brien aparentemente acreditava nisso e isso o havia mudado para melhor.

“Eu relembro pensar que se os matasse não seria grande coisa,” ele disse. “Ela me traiu, mas eu permiti. Digo, naquelas festas eu a traí também. Mas me dizer que ela amava outro homem foi doloroso. Isso machucou de uma maneira que pensar nela fazendo sexo com ele não machucava. E algo em mim... alguma coisa em mim ficou sombria. Eu lembro de pensar que se eu a matasse por amar ela, não seria tão mau. Mas se eu a matasse por causa da fúria que eu sentia, seria esse terrível, horrível ato. E foi isso que eu disse a mim mesmo. Eu disse que eu a estava matando porque eu a amava — porque nós, juntos, havíamos arruinado nosso casamento, mas ela tinha que ser a que ia morrer, por essa deixou que isso afetasse o coração dela. Na época, eu pensei que o sexo e a troca de casais estava OK. Era divertido e inocente pois nós dois consentimos. Mas quando houve emoção envolvida...bem, deixou mais fácil para que eu os matasse.”

“Então foi casual para você,” disse Kate. “Você conseguiu se convencer de que matá-la porque era uma ato de amor — não importa o quão distorcido — era OK?”

“Sim.”

“Foi por isso que você foi tão casual em admitir? Eu me lembro de falar não só com você, mas com a polícia que estive na cena primeiro. Eles disseram que você confessou imediatamente, quase como se não visse o quão importante foi.”

“Está correto. E na época, honestamente, eu não via.”

“Você já pensou em matar antes?” perguntou DeMarco.

“Eu pensava muito sobre isso. Desde a tenra idade, eu sempre pensei sobre matar minha madrasta. O cão do vizinho. Eu quase cumpri isso quando tinha dezesseis anos.”

“Então você fez isso por amor?” perguntou DeMarco. “Todas as três pessoas?”

“Não. Apenas minha esposa foi por amor. O amante dela foi por ira. E a terceira... se eu for sincera, eu só me deixei levar. Foi quase... divertido no momento.”

Parecia que ele estava a beira das lágrimas e Kate não estava certo sobre quanto mais ele seria capaz de aguentar. Havia sido o suficiente, na verdade. Ela estava bem certa que ela pegou tudo o que queria dele. E embora realmente não fosse muito, pelo menos acendeu uma luz sobre o jeito de pensar de alguém que não tem problema com matar casualmente.

“Você disse que você quase matou o cachorro quando era mais novo,” disse DeMarco. “Por que quase?”

Kate ficou prazerosamente surpresa. Ela havia pensado em fazer exatamente a mesma pergunta, mas achou que talvez nem importasse, era um assunto que poderia facilmente fazê-las mudar de assunto. Mas para uma agente novata, era um grande pedaço para ser pego.

“Olha, esse foi um por ira. O cachorro sempre perseguiu nosso gato. Quanto nosso gato teve filhotes, o cachorro foi até a ninhada e comeu todos menos um. E tinha esse rifle calibre vinte e dois que eu usava para caçar e eu fui até a varanda de trás um dia quando ele apareceu. Eu mirei nele, quase apertei o gatilho.”

“Mesmo na época, você percebeu que era uma decisão baseada em fúria, não amor?” perguntou DeMarco.

“Sabe, eu nunca pensei nisso. Mas sim, faz sentido.”

“Você já falou com os outros homens aqui sobre isso?” perguntou Kate.

“Sobre o cachorro? Com certeza. E até sobre a diferença entre o que eu achava de matar por amor e por ira. Porque uma vez que eu fui limpo dos meus pecados, percebi que não há tal coisa como matar por amor. Nem mesmo se você matasse um intruso que estava ameaçando sua família. Mesmo nesse caso, amor por sua família não é o porquê de você matar. É auto preservação.”

“Então, como você aplica isso a matar sua esposa e o resto da farra?” perguntou Kate.

O’Brien pensou um pouco nisso e assentiu, como se entendesse pela primeira vez. “Eu acho que foi autopreservação também. Esse outro homem havia tomado minha esposa. Eu tinha que defender minha honra ou meu amor por ela.”

“Então você é da opinião de que qualquer assassinato, particularmente aqueles com luxúria anexada, não poderiam ser cometidos pelo o que o assassino vê como amor? Você acha que todos os assassinos tentam colocar a culpa aí ao invés de na sua fúria?”

“Ah, sim. Eu vejo isso claramente agora. Nenhum assassinato vem de um ato de amor — não importa o quanto o assassino diga isso para si mesmo.”

Kate pensou no pequeno círculo de amigos e amantes ao redor de Amber Hills e tentou aplicar esse princípio. Foi surpreendentemente fácil. E mesmo

se O'Brien estivesse esguichando baboseiras religiosas, era um princípio no qual ela nunca havia se agarrado no curso de sua carreira.

E fazia um sentido assustador, dado o caso atual.

Quem quer que estivesse fazendo a matança estava de alguma maneira conectado às vítimas, mas provavelmente não tinha afeição profunda de verdade.

“Sr. O'Brien, eu agradeço a você pelo seu tempo,” disse Kate ao se por de pé. “E estou muito feliz em ver que você mudou.”

“Eu gostaria que eu pudesse ajudar mais,” ele disse. “Mas sinceramente... é como ver uma pessoa diferente quando eu puxo essas memórias. Eu posso dizer isso a vocês, no entanto. Alguém matando de tal maneira, sem qualquer cuidado ou paixão... ela não se importa em mandar uma mensagem. Ele não está tentando provar nada, eu aposto. E isso o faria mais perigoso, certo?”

Era um bom ponto, mas Kate não tinha certeza de quão acurado era. Verdade, não parecia que o assassino estava tentando mandar algum tipo de mensagem, mas a proximidade dos assassinatos e o fato de que as mulheres eram parte do mesmo círculo de amiga, fez Kate pensar que ele estava tentando provar algo.

Mas o quê?

Auto preservação, como O'Brien havia indicado. O assassino estava tentando se proteger? E caso estivesse, quem ele temia que pudesse machucá-lo?

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

“Você comprou aquela coisa toda de Jesus que ele estava falando?” perguntou DeMarco.

A pergunta pegou Kate desprevenida. Foi bem direta e era facilmente a mais pessoal feita entre as duas até agora. Era também uma questão que não era fácil para Kate responder.

“Eu não sei,” ela disse, dando seu melhor. “Eu não me importo em dizer a você que eu acredito em deus. Mas quando entra nessa história de Espírito santo e Jesus ressuscitado eu começo a ter sérias dúvidas. Por que pergunta?”

DeMarco deu de ombros. “Porque eu não, nunca acreditei. Eu não tenho dúvida de que as pessoas podem mudar de verdade — mesmo pessoas como Tate O’Brien — mas eu não acho que é porque eles deram a vida simbolicamente para o espírito de algum homem que viveu um dia.”

“Mas você concorda que um assassino pode sofrer algum tipo de mudança de coração?” perguntou Kate.

“Absolutamente.”

“Dizem que Jeffrey Dahmer nasceu de novo como cristão na prisão,” disse Kate. “Então eu acho que isso é uma prova bem substancial.”

“É e ele foi morto por colegas de cela depois. Então parece que o Jesus ao qual ele deu a vida não se importava com ele.”

Kate não pode deixar de sorrir. Ela podia dizer que DeMarco não estava abordando o assunto para iniciar uma discussão. Ela estava genuinamente experimentando Kate, tentando entender suas ideias no que tinham acabado de ouvir de O’Brien e como isso pode estar relacionado com o assassino atual.

“Sabe, eu não posso deixar de pensar,” disse Kate. “Estivemos tentando conseguir informações dos amigos restantes do grupinho delas. Mas se havia segredos sobre a vida delas — coisas como casos amorosos, por exemplo — então não há garantia de que elas vão ser sinceras. Mas deve haver outras pessoas em Amber Hills que conheçam essas mulheres... e talvez não goste delas.”

“Então você acha que precisamos falar com os vizinhos que não tomem parte?” perguntou DeMarco.

“Bem, como vizinhos, dificilmente seriam imparciais. Mas sim. Se vamos chegar à verdade sobre aquele círculo de amigas, precisamos ir a

outro lugar. A verdade é que nós podemos nos alongar um pouco, mas é melhor do que segredos.”

“Então estamos assumindo que Taylor Woodward e Wendy Hudson estavam sendo desonestos?”

“De forma alguma. É uma suposição perigosa para ser feita sobre qualquer um. Mas eu realmente acho que há uma chance de que eles queiram proteger a reputação dos amigos se houver algo sujo sobre eles.”

“Vale o risco, eu acho,” disse DeMarco.

“Não me diga que você é uma dessas pessoas que assume o melhor sobre todo mundo,” brincou Kate.

“Eu assumo quando há luto envolvido.”

Kate assentiu. Ela normalmente se sentia da mesma maneira. Mas eu uma pequena comunidade fechada onde ela sabia com certeza que havia um caso amoroso e talvez mais um adicional. Ela sentia que ninguém poderia ser confiável de verdade. Porque luto era uma coisa... mas vergonha era uma fera totalmente diferente. Era muito mais forte e podia, algumas vezes, fazer as pessoas agirem irracionalmente.

Antes de revisitar Amber Hills, Kate deixou DeMarco no motel dela. Então ela manteve a promessa feita a Melissa, voltando para o hospital. Com ambas mãe e bebê liberadas, era permitido que ela fosse diretamente até o quarto. A cena era inteiramente diferente do que fora na manhã; Quando ela entrou, Melissa estava irradiando, segurando Michelle em um invólucro de cobertores.

Ela estava sozinha, o que surpreendeu Kate. Ela esperava que Terry estivesse com ela, nunca saindo do seu lado. Ele era um bom homem e Kate era muito grata que sua filha tenha acabado ficando com ele.

“Como está indo?” perguntou Kate, andando orgulhosamente até o lado da cama.

“Bem,” disse Melissa. “Meu abdome está dormente por causa da cirurgia, mas meus nervos estão tão agitados que eu nem me importo.”

“Nervos?”

“Adrenalina eu acho. E a preocupação sufocante de que eu serei uma mãe terrível.”

“Besteira,” disse Kate. “Quantos livros você leu sobre nascimento e maternidade nos últimos nove meses?”

“Praticamente todos eles. Ainda... agora que ela está aqui de verdade, parece que nada do que eu li importa.”

“Vem naturalmente,” disse Kate. “Confie em mim. Ei. Onde está Terry?”

“Ele foi até a cafeteria para ver o que eles tinham. Ele está nervoso também. Não comeu desde que minha bolsa estourou. Ele ainda está um pouco nervoso com a Michelle também. Eles vão voltar para pegá-la de volta em pouco tempo. Ela precisa ficar na UTI neonatal por alguns dias. Mas disseram que eu precisava vê-la. Que ela precisa desse período para criar vínculo.”

“Querida, eu sinto muito que eu tenha que sair cedo. Essa coisa com o FBI... eu não estava esperando e o caso está levando a lugar algum.”

“Então a aposentadoria está te tratando bem hein?”

“Não. Ela me tratou como lixo. Por isso eu fiquei tão feliz em voltar. Mas o momento, com Michelle e tudo, foi todo dessincronizado.”

“Mãe, eu estou acostumada com sua agenda apertada. Eu vivi com isso minha vida inteira. Foi um bom modelo, sabe?”

Kate balançou a cabeça e sentou-se na beirada da cama. “Não vamos voltar a isso, Lisa.”

“Mãe, vai acontecer. Eu não perdi aquele tempo e aqueles créditos na faculdade para nada.”

“Eu não te falei histórias de terror o suficiente para mantê-la longe do FBI?”

“Você contou muitas histórias. Mas eu acho que o tiro sai pela culatra.”

Kate disse nada. Desde a primeira vez que Melissa expressou interesse em seguir os passos da mãe no FBI aos quinze anos, Kate esteve aterrorizada. Mesmo depois que seu pai foi morto, ela não desviou a direção. De fato, Kate estava bem certa de que a morte do pai a empurrou ainda mais longe. Era o porquê de ela ter ficado na Lista do Reitor na Marquette University e seguido a carreira da mãe tão de perto.

Kate esperou em vão que depois de ter uma criança, Melissa pudesse mudar a cabeça dela.

“Não vamos falar sobre isso agora,” disse Kate. “No lugar, por que você não me conta como o berçário lhe parece?”

“Ah, adorável demais,” disse Melissa.

E simples assim, o assunto foi mudado. Ambas sabiam que havia uma mágoa não declarada entre elas, o fato de que o avô nunca encontraria esse pacotinho de felicidade. Late nunca se pronunciou e perguntou, mas ela sempre imaginou se o nome Michelle era uma versão feminina de Michael, nomeando o bebê em homenagem ao seu marido e pai de Melissa.

“Eu realmente quero dizer algo a você, mãe,” disse Melissa. “Eu quero lhe dizer que é bem foda você voltar para o trabalho. Encaixa com você. Você poderia fazer isso até os setenta e daria certo, sabe?”

“Obrigada... eu acho.”

“Mal posso ver o dia que você possa me dar algumas dicas do negócio,” disse Melissa com um sorriso torto.

“Eu disse a você, não v —”

“Relaxe, mãe. Não resisti.”

Kate revirou os olhos, inclinou-se para frente e beijou a filha na testa. Foi a primeira vez que ela percebeu que havia três gerações diferentes no mesmo quarto, acolhidas na mesma cama. Alguma coisa nisso era incrivelmente tocante, mas como mãe, e agora avó, um pouco intimidador também.

Talvez porque ela sabia que quando saísse dali, ela estaria de volta no rastro de um homem que estava matando mulheres — mulheres não muito mais velhas que Melissa.

Com um calafrio percorrendo sua espinha, Kate olhou para a neta e então para a filha. E de repente, o trabalho passou a ter um significado completamente diferente. Ela não conseguiria fazer isso para sempre. E por mais que brincassem sobre isso, um desses dias Melissa provavelmente acabaria com um distintivo e uma arma.

E quanto a pequena Michelle? Quem iria dizer o que o futuro reservava para ela?

Kate sabia que ela precisava ir, o caso e DeMarco estavam esperando por ela. Mas com essas novas ideias atoladas como peso morto na cabeça, ela ficou apenas um pouco mais, aproveitando a presença da família e o momento de paz.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Eram 3:30 da tarde quando Kate e DeMarco dirigiram de volta para Amber Hills. Os carros de polícia ainda estavam estacionados em frente aos portões embora alguns outros estivessem estacionados em locais aparentemente aleatórios pela vizinhança. A busca delas por informações adicionais dos vizinhos das vítimas foi encurtada quando descobriram que o vizinho da direita dos Thurmond não estava em casa e a casa à esquerda estava a venda.

Contudo, quando elas se aventuraram até a Helmsdale Street, onde os Hicks moravam, encontraram o vizinho da direita em casa. Quando DeMarco bateu na porta, foi atendida por uma mulher de cerca de sessenta anos. Um pequeno cachorro latiu aos pés delas, uma raça que Kate não conseguiu determinar. Alguma coisa pequena e fofinha e branca.

“Posso ajudá-las?” disse a senhora, seu tom permeava entre animação agradável e suspeita.

Kate mostrou seu distintivo, o movimento era como um segundo sentido agora. “Eu a Agente Wise e essa é a Agente DeMarco. Estamos investigando a morte da sua vizinha, Julie Hicks. Você teria um tempinho para responder algumas perguntas para mim?”

O rosto da ancião se iluminou por um momento, mas ela dominou de volta. “Claro,” ela disse. “Entrem, entrem.”

Kate e DeMarco seguiram a mulher pelo vestíbulo até uma sala de estar agradavelmente decorada. Logo em seguida, ela se apresentou como Caroline Manners e perguntou se as agentes gostariam de café ou chá. Quando ambas recusaram, elas se sentaram — Kate e DeMarco no sofá de pelúcia enquanto Caroline se sentou em uma cadeira de leitura.

“Como estou certa de que você sabe,” disse Kate, “Julie Hicks não foi a única a perder a vida recentemente.”

“Sim, é terrível,” disse Caroline. Seu pequeno cachorro pulou para o seu lado, se dobrando em seu colo. “Eu ouvi sobre Lacy Thurmond. É trágico, dado o estado da vida dela. Assumo que vocês saibam sobre o caso do marido?”

“Sim, nós descobrimos isso,” disse Kate. “Mas como você sabia sobre isso?”

“Bom deus,” disse Caroline com uma risada espirituosa. “Praticamente todo mundo no bairro sabia sobre isso. Eu não sei se ela chegou a admitir

saber, mas não havia como não saber.”

“Você sabia com quem o marido dela estava tendo o caso?” perguntou DeMarco.

“Havia rumores de que era sua ex-esposa. Outros rumores dizia que era uma enfermeira no hospital.”

Uma rede de rumores bem viçosa crescia em Amber Hills, pensou Kate.

“Por acaso você saberia de algum outro rumor que possa ter uma boa quantidade de verdade?” perguntou Kate. “Por favor, entenda, não estamos procurando por fofoca. Simplesmente estamos tentando pegar a história da mesma maneira que estamos tentando pegar quem cometeu esses crimes.”

“Bem, Lacy Thurmond era um amor de mulher. Eu a conhecia muito bem, mas não bem o suficiente para chamá-la de amiga. Ela era muito envolvida na igreja e era uma boa mãe pelo que eu conheço. É uma vergonha que o marido dela seja um projeto tão miserável de homem.”

“Você o conhece bem?” perguntou Kate.

“Não. Quando eu descobri que ele estava traindo a mulher, eu não fiz questão de saber qualquer coisa sobre ele.”

“Bem, e sobre Julie, sua vizinha? Temos falado com alguns dos amigos dela e eles dizem não saber qualquer pedaço negativo sobre a família Hicks. É claro, é difícil medir a honestidade de um grupo de amigos. Você diria que é um partido imparcial?”

“Eu suponho. Certamente uma fonte melhor que aqueles amigos que ela mantinha. Nenhuma mulher deveria ser tão preocupada com parecer dez anos mais nova do que é de verdade. Agora, Julie e eu nos falávamos de vez em quando se estivéssemos do lado de fora na mesma hora. Mas eu não era próxima dela... não como aquelas amigas idiotas dela.”

“Você sabe se havia alguém na vida dela que era próximo a ela que não estava no círculo de amigos usual?”

“Bem, certamente. Digo a vocês, a santidade do casamento não significa nada para as pessoas hoje em dia, né? O marido de Julie estava sempre na estrada, viajando. Não é maneira de se tratar um casamento, se me perguntar. Eu comecei a ver um carro em frente a casa dos Hicks tarde da noite a cerca de quatro meses atrás. Eu não pensei coisa alguma sobre isso até que eu vi um homem entrar nele depois de sair da casa pela manhã cedo.”

Kate ousou esperar que isso fosse uma pista. Mas era evidente que Caroline Manners era uma velha fofoqueira com nada melhor para fazer

além de bisbilhotar a vida dos outros. Ela servia como uma grande fonte de informações, mas não havia como dizer o quanto dessa informação era precisa.

“Você está certa disso?” perguntou Kate.

“Positivo. Eu tenho acordado com essa bexiga fraca que eu tenho pelo menos três vezes na noite faz uns dois anos. Infecção na bexiga de muitos anos atrás nunca deixou que voltasse ao estado próprio. Então estou acordada sempre. Algumas vezes quando eu me levanto para a viagem das quatro horas ao banheiro, eu já fico desperta.” Ela franziu a testa e sacudiu a cabeça. “Desculpa. Isso foi a beira do completamente pessoal demais, né?”

“Tudo bem,” disse Kate. “Mas você diz que você viu esse homem saindo da casa dela?”

“Sim. Eu o vi uma vez, mas eu vi o carro três vezes.”

“Era alguém que você conhecia?” perguntou DeMarco. “Alguém que você havia visto antes?”

“Não,” disse Caroline. “E eu quase pensei que anotar o número da placa. Mas eu não o fiz, percebi que não é da minha conta.”

Kate teve que segurar a risada com esse comentário. “Você se lembra de que tipo de carro era?” ela perguntou.

“Um dos novos. Bem certa de que era um Honda. Cinza ou prata. Ah, e tem mais uma coisa. Diabos, eu quase esqueci completamente sobre esse pequeno detalhe. Quando ele estava saindo, ele tinha uma jaqueta ou um moletom com capuz ou algo na mão. Ele o vestiu quando estava na metade do caminho pela calçada. Havia um logo e nome de uma empresa nas costas: Pritchard Auto Glass.”

“Você conseguiu ver o rosto dele direito?” perguntou DeMarco.

“Apenas o perfeito e só por um segundo,” respondeu Caroline. “Um homem bem barbeado pelo que eu pude ver. Parecia um pouco jovem... início dos vinte, talvez?”

“E há quanto tempo atrás você o viu saindo da casa de Julie?” perguntou Kate.

“Não tenho certeza. Não faz mais de um mês.”

“E sobre algumas das outras amigas do grupo dela?” perguntou Kate. “Você pode nos dizer algo mais a respeito delas?”

“Receio que não. Eu sei que Wendy Hudson tem um pai na prisão que eu Taylor Woodward tinha problemas com bebida. Ela foi parada por dirigir

embriagada algumas semanas atrás... pela segunda vez, pelo que ouvi dizer.”

Kate assentiu e ficou de pé. Ela conseguiu retirar um trecho de informação preciosa da senhora fofqueira. Mas ela estava começando a sentir que a conversa inteira poderia ser pura fofoca se elas ficassem um pouco mais.

“Sr. Manners, certamente agradecemos seu tempo,” ela disse, já dando um passo em direção a porta. DeMarco a seguiu, também aparentemente satisfeita por estar saindo do que parecia estar evoluindo para um festival de fofocas.

“É claro,” disse Caroline. A natureza abrupta do seu tom deixou claro que ela estava desapontada que a companhia estivesse saindo tão cedo.

As agentes saíram o mais educadamente que podiam. Caroline ficou à porta e as observou entrar no carro, talvez já distorcendo a história para divertir seu próprio círculo de amigos depois.

“Doce senhorinha,” Kate disse ironicamente.

“Ou vadia velha faladeira,” DeMarco contrapôs.

“De qualquer jeito, parece que temos uma pista,” disse Kate. O que ela não adicionou foi que, no máximo, uma pista fraca. Porém, ela manteve isso em silêncio, porque quando um caso não estava fornecendo nem vestígios ou pistas, até a menor das novidades podiam frequentemente servir como a motivação necessária para fazer o caso se mover.

Com essa esperança a empurrando, Kate foi para trás do volante e saiu de Amber Hills, enquanto DeMarco pegava o endereço da Pritchard Auto Glass.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

A Broad Street estava começando a engrossar com o tráfego da hora do rush quando Kate virou o carro no estacionamento da Pritchard Auto Glass. O espaço estava quase vazio, indicando que esse era o período mais devagar do dia para os negócios. Era montado como uma garagem de verde, com as portas de correr para entrada de veículos enquanto o trabalho era feito. Também havia um espaço aberto na lateral da construção onde alguns veículos estavam estacionados, um dos quais estava no meio de uma troca do vidro traseiro.

Kate e DeMarco adentraram e se aproximaram do balcão da frente. Um homem estava inserindo algumas informações de um cliente no computador enquanto outro sorria largamente para elas. “Posso ajuda-las?” ele perguntou.

Nenhum desses homens era o jovem que Caroline Manners mencionara, ambos tinham facilmente quarenta anos ou mais.

“Sim,” disse Kate, ficando tão perto do balcão que ela estava quase pressionada contra ele. Ela colocou sua ID no balcão tempo o suficiente para que o homem a visse e então enfiou no bolso. “Estamos procurando por um homem mais novo que provavelmente trabalha aqui. Talvez com vinte e poucos ou por aí. Não temos um nome ou uma descrição clara, então estávamos esperando talvez andar por aí para ver se alguém se destaca.”

“Bem, o gerente já saiu, então eu não sei se eu posso garantir esse tipo de permissão.”

“Se você precisar, uma de nós pode ligar para ele,” disse DeMarco. “Mas eu sei que está ficando perto da hora de terminar o turno e eu realmente não posso esperar muito mais. Mas se você quiser ficar por aí depois do horário...”

Bem jogado, pensou Kate, novamente se vendo impressionada com a maneira que DeMarco abordava as coisas.

“Bem, OK,” disse o homem. “Além de nós dois, há apenas dois outros caras aqui de qualquer jeito, Roger e Billy. Temos Diane que está fora de férias e então Wyatt, o gerente, que já saiu.”

“Onde nós poderíamos encontrar Roger e Billy?” perguntou DeMarco.

“Lá fora na lateral, colocando um vidro de volta.”

“Obrigada,” disse Kate, a palavra deixou seus lábios enquanto se virava em direção à porta.

Ela e DeMarco andaram de volta para fora e foram até a sessão de reparos na lateral da construção. Elas se aproximaram lentamente enquanto Kate tomava um tempo para estudar os dois homens que estavam trocando uma janela em um Ford Explorer vermelho. Um era um afro-americano que parecia não ter mais que trinta. O outro era um magrelo que, de fato, parecia ser ainda mais jovem. Ele tinha só barba o suficiente para parecer ter mais de 16 anos.

Dado que Caroline Manners não disse expressamente que o visitante noturno de Julie Hicks era afro-americano, Kate assumiu que o cara magro era o qual ela estava procurando. Mas elas também sabiam que mesmo que isso fosse uma grande suposição, o moletom que Caroline Manners havia visto o homem vestindo poderia ser um item promocional ou pertenceu a outra pessoa algum dia — um irmão ou um pai, talvez. Não havia garantia de que o homem com o casaco saindo da casa de Julie era um empregado de verdade da Pritchard Auto Glass.

Kate assentiu discretamente para DeMarco, dando seu ‘vá em frente’ para iniciar as coisas. DeMarco foi à frente com prazer. Kate notou a maneira com que ela empurrou levemente a frente da sua jaqueta aberta para o lado. Isso revelou sua arma lateral no coldre, tornando aparente que ela estava aqui com uma agência da lei. Removia a necessidade de tirar sua ID, uma tática que era útil em não assustar demais as pessoas. Kate sorriu, reconhecendo mais uma vez que DeMarco era boa para caramba no que fazia.

“Desculpe-me,” disse DeMarco. “Sou a Agente DeMarco do FBI e eu preciso falar com você por um momento, por favor.”

Ambos os homens olharam para ela, parecendo igualmente confusos.

“Qual dos dois?” perguntou o afro-americano.

“Qualquer um que conheça Julie Hicks,” disse DeMarco.

Genial, pensou Kate. A menção do nome de Julie tocou imediatamente uma corda no homem magro. E uma vez tocada, ele nem tentou esconder. Ele parecia assustado e um pouco triste.

“Eu a conhecia,” ele disse, levantando sua mão de maneira incerta. Quando ele percebeu o que estava fazendo, ele a abaixou. “O que está acontecendo?”

“Podemos conversar em particular?” perguntou DeMarco.

“Na sala do café, eu acho,” disse o homem. “Isso... o que é isso? Vocês acharam quem a matou?”

“podemos falar sobre tudo isso em um segundo,” disse Kate. “Por agora, por que só não nos leva até a sala do café.”

O jovem rapaz fez exatamente isso. Kate podia perceber pela maneira que ele andava que ele estava tremendo. Certamente não era uma demonstração de culpa, mas era mais que o suficiente para diz a Kate que ele estava nervoso — se era sobre dormir com uma mulher casada ou algo mais profundo, no entanto, ninguém podia dizer.

A sala do café em uma pequeno cantinho nos fundos da loja; Havia uma cafeteira Keurig e duas caixas vazias que um dia guardaram donuts. Além disso e um frigobar, a Pritchard Auto Glass oferecia muito pouco em termos de salinha do lanche. O jovem homem tinha se apresentado como Billy Cosgrove ao tomar um assento a mesa do café. Ele perguntou os nomes delas e então pediu para ver a ID.

Kate e DeMarco providenciaram o pedido, mostrando suas IDs e os distintivos. Havia outra cadeira na mesa, mas nenhuma delas a pegou. Kate se encostou no pequeno balcão enquanto Demarco manteve-se de pé do outro lado da mesa.

“Os rumores dizem,” disse DeMarco, “que você estava dormindo com Julie Hicks. É verdade?”

“Merda,” disse Billy. “O marido dela descobriu”

“Não,” disse DeMarco. “Mas a vizinha sim. Aparentemente você não é o melhor em manter um bom disfarce quando estava saindo a noite.”

“Então ele não sabe?”

“Não,” disse Kate. “E não há motivos para contarmos a ele. Mas estávamos esperando que talvez você pudesse esclarecer alguma coisa sobre Julie — que você pudesse revelar algo sobre ela que nós talvez não tenhamos pegado do marido ou das amigas.”

“Para começo de conversa, como vocês dois se envolveram?” perguntou DeMarco.

“Bem, ela trouxe o carro aqui há algumas semanas — talvez cinco ou seis. A janela da frente do lado do motorista foi quebrada por alguma criança arremessando uma bola de baseball na vizinhança. Nós a consertamos e quando ela esteve aqui, meio que pareceu que estava flertando comigo. Nada sério e não que eu sequer de muita atenção, sabe?!”

Mas ela voltou alguns dias depois dizendo que a janela não queria abaixar. Então nós verificamos e encontramos alguns fragmentos de vidro da primeira janela. Tivemos que pedir uma janela nova e ela pareceu meio irritado com isso, dizendo que ela tinha uma agenda apertada e tudo. Então nós nos candidatamos para ir até a casa dela fazer o serviço. Então ele me mandaram porque é um trabalho bem fácil. Só eu. Ela saiu e conversou um pouco comigo. Quando eu bati na porta dela para dizer que o trabalho estava pronta, ela me chamou para entrar. E eu disse sim. Ela estava me dando mole de verdade e vestida com essa blusa apertada e...”

Ele parou aqui, percebendo que estava falando com duas mulheres. Ele corou um pouco, olhou para longe delas e então continuou.

“Nós começamos a passar o tempo. Eu vi fotos dela e do marido na geladeira na cozinha. Eu perguntei a ela onde ele estava e ela disse que ele estava fora da cidade — que ele estava sempre fora da cidade por causa do trabalho. Um coisa levou a outra e nós acabamos fazendo sexo na cozinha.”

“Então ela foi quem tomou a iniciativa?” perguntou Kate.

“Absolutamente.”

“E quem começou a ver um ao outro novamente?”

“Ela. Mas ela deixou claro que ela não queria qualquer relacionamento. Ela não deixaria o marido. Ela só queria algo divertido para fazer enquanto ele estava fora. Ela saiu e disse a mim que ela estava deixando-se viver um lado selvagem que nunca vivera na faculdade.”

“E a coisa continuou por quanto tempo?”

“Cerca de quatro ou cinco semanas. A última vez que eu a vi foi dois dias antes que ela falecesse.”

“Você dormiu com ela no dia?”

“Nós fazíamos sexo todas as vezes que nos víamos. Ela estava experimentando umas coisas comigo que ela nunca tinha feito antes. Ela estava me usando e, bem francamente, estava perfeitamente OK para mim.”

“Nesse seu tempo com ela, ela chegou a revelar qualquer coisa sobre a vida pessoas para você?” perguntou Kate. “Alguém que você tenha escutado que pudesse estar irritado com ela?”

“Não. Novamente... sem querer me gabar ou ser um esperto, mas nunca houve conversa de verdade. Eu a perguntei uma vez por que ela me escolheu e ela disse que era porque eu era diferente. Ela nunca explicou, mas eu sabia o que ela queria dizer.”

“E o que ela queria dizer, exatamente?” perguntou DeMarco.

“Eu era quase como uma ajuda contratada. Não alguém da vizinhança com suas cercas de piquete e casas caras. Ela queria um cara do outro lado da cidade, sabe? Ela queria sentir que estava fazendo algo realmente errado.”

“E você estava de acordo com isso?” perguntou Kate.

Billy olhou para ela com uma expressão incrédula no rosto. “Com risco de parecer frio. Sim. Eu estava fazendo sexo regularmente — sexo selvagem regularmente — com uma mulher mais velha gostosa pelo menos duas vezes por semanas e não havia laços. Sim. Eu estava bem com isso.”

“Você nunca parou para pensar sobre o marido dela e o que poderia causar no casamento deles?”

“Não. Eu percebi que se ele se importasse com ela, ele não ficaria tanto na estrada.”

“Alguma vez ela falou sobre as amigas?”

Ele sorriu nervoso e assentiu. “É. Ela disse que tinha um grupo de amigas que todas moravam na vizinhança. A maioria delas eram mães que ficavam em casa ou mulheres que trabalhavam em casa. Maridos entediados com trabalhos entediados. Ela me disse que iria arranjar um *ménage à trois* com a gente e uma das amigas, mas nunca aconteceu.”

“Que tipo de pessoas elas disse que as amigas eram?” perguntou Kate.

“Ela nunca entrou em detalhes sobre isso, mas eu tinha a impressão de que era parecidas com ela. Dormiam com outros caras de vez em quando. Meio que aventureiras, tentando viver vias excitantes antes que ficassem velhas demais.”

Kate sabia que ela havia atingido o fim da conversa. Billy estava começando a soar como se ele estivesse se gabando e ela estava ficando frustrada. Ela estava inteiramente certa que ele não participou dos assassinatos, não havia como ele admitir tão abertamente uma relação sexual com Julie Hicks se ele fosse culpado.

“Na noite em que ela foi morta... onde você estava?” perguntou Kate.

“Em casa. Dormindo. Tomei algumas cervejas além da conta com alguns amigos e acabei apagando mais cedo.”

“Alguma prova disso?” perguntou DeMarco.

“Acho que tenho o recibo do bar. Eu peguei um taxi até em casa também. Paguei com meu cartão de débito, então eu posso pegar o extrato se você precisar.”

Kate suspirou e ficou de pé; “Não precisa. Além disso, você contou sobre as suas pequenas viagens a alguém?”

“Eu contei para o Roger, o cara com o qual eu estava trabalhando quando vocês chegaram aqui. Mas eu nunca dei um nome a ele.”

“Pelo respeito da falecida e da família dela, por favor, mantenha sigilo,” disse Kate.

“Absolutamente, eu irei.”

Kate e DeMarco saíram da sala do café, deixando um Billy Cosgrove bem abalado para trás, com um olhar triste e reflexivo no rosto.

“E agora?” perguntou DeMarco.

Kate não estava acostumada a se sentir derrotada, mas ela podia sentir isso até o meio dos ossos, no coração. Ela não estava desencorajada ainda, mas estava difícil se manter no ritmo.

“Agora eu quero ver minha neta novamente,” disse Kate. “E enquanto estou fazendo isso, você pensa sobre o que nós comeremos no jantar. Temo que será uma noite longa nos debruçando sobre os arquivos do caso.”

DeMarco assentiu, embora houvesse um olhar de desapontamento no rosto dela. Aparentemente, essa não havia sido a experiência da alta octanagem que ela estava esperando ao ser parceira da quase famosa Agente Kate Wise.

E Kate entendia isso perfeitamente. Até agora, não estava saindo como ela esperava também.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Ele esteve planejando este por um bom tempo. De maneira que os dois primeiros haviam sido prática. Esse era o que ele sempre teve em mente quando começou. E aquelas duas primeiras mulheres provaram a ele que ele não tinha problema de verdade em matar. Parecia natural e quase terapêutico. Isso fez invejar os empregos que os homens tinham lá na Idade Média — trabalhos como o capataz ou o responsável pela tortura e desmembramento dos inimigos.

Essa mulher era diferente. Ele a conhecia muito melhor do que conhecia as outras. Ele a vira nua, havia se visto despir em frente de um espelho se admirando — ou, talvez, por medo que seu corpo de trinta e poucos não ficaria perfeito por muito mais tempo.

Dessa vez, ele sentia um senso de urgência. Ele se permitiu aproveitar o planejamento e antecipação das outras duas. Mas agora ele sabia que os policiais estavam na cola. Eles estavam rastejando por Amber Hills como formigas, procurando por qualquer mel que tenha sido derramado. É claro, quando ele começou tudo isso, ele sabia que as autoridades eventualmente se tornariam um problema. E embora ele certamente não quisesse ir para a cadeia, era uma consequência para a qual ele estava pronto.

Ele fora rápido e eficiente com as duas primeiras. Ele planejou tudo, mas não pensou demais neles. Cada ato não levou mais de cinco segundos. Mas esse próximo... ele pensava que poderia estender.

Uma coisa estava diferente dessa vez, no entanto. Alguma coisa que tornava um pouco mais arriscado, mas ele conhecia a agenda dela, sabia que tinha que ser diferente. Ele deveria atacar durante o dia. E com todos os malditos carros de polícia ao redor da vizinhança, poderia ser delicado.

Então ele escolheu se misturar. Dirigiu até o bairro como se pertencesse ali. Até deu um aceno breve para o policial na entrada. O policial assentiu para ele, entediado e inexpressivo.

Ele desceu o pedaço principal de Amber Hills, uma rua larga chamada Amber Drive. Ele tomou a esquerda e dentro de segundos estava passando pela residência dos Thurmond. Já não havia mais viaturas lá, mesmo assim ele tentou não olhar na direção da casa. Ele passou por ela como um motorista tentando evitar olhar para um acidente de carro particularmente ruim.

Então ele viu a casa. Ele viu o jardim perfeitamente bem cuidado e o gramado verde exuberante. Ele viu a cancela da varanda, as grandes plantas margeando a porta da frente. E, mantendo a aparência de normalidade, ele foi tão longe até quase encostar na entrada da garagem, logo atrás do carro que já estava parado lá.

O carro dela.

Ele tomou um momento para reunir as ideias, para acalmar os ânimos. O relógio do painel mostrava 6:15. Ele conhecia bem os horários dela. Ela devia ter acabado de voltar da academia para casa vinte minutos atrás. Ou ela estava no banho ou deitada no deck dos fundos para pegar um pouco de sol. Mas vendo como o dia estava nublado, ele achava que ela deveria estar no banho.

No andar de cima. No quarto. Sozinha.

Ele sorriu. Ao andar até a varanda, ele não tinha certeza do que era o mais excitante: pegá-la nua no chuveiro ou enfiar a faca entre seus seios.

Taylor Woodward sabia que ela era atraente. Ela tinha trinta e um e ainda recebia os olhares dos homens mais novos na academia. Mas a coisa disso era que ela tinha que dar um duro para se manter gostosa. Ela fazia dietas, comia certo e se exercitava regularmente. A mãe dela havia largado mão aos quarenta anos mais ou menos e quando ela morreu há dois anos, ela tinha quase cento e cinquenta quilos. Ver a cara gorda da mãe naquele caixão aberto havia motivado Taylor a continuar seu estilo de vida saudável. E embora ela levasse isso longe demais frequentemente, ela não se importava. Ela gostava de ter abdome, glúteos perfeitamente torneados e seus seios ainda firmes.

E mais do que isso, ela gostava dos olhares que recebia na academia e na piscina. E ela amava a maneira que seu marido olhava para ela algumas vezes — da mesma maneira que os garotos olhavam para ela quando era uma adolescente, uma maneira que a fazia pensar que ela era tudo no que ele pensava.

Ao finalizar o banho, ela desejou que o marido estivesse ali com ela. Diferentemente da maioria das suas amigas, ela nunca teve um caso. Ela sabia que ela teria todas as opções no mundo se decidisse ter um — dos

caras de dezoito anos na academia até os abonados de quarenta ou cinquenta anos na vizinhança.

Mas ela amava o marido. E enquanto a água descia pelo seu corpo, ela desejava que ele estivesse ali, debaixo d'água com ela. O sexo tinha ficado um pouco mecânico ultimamente. Ela não podia se lembrar da última vez que ele a pegou de surpresa, do nada, um pouco agressivo e —

Ela sorriu quando escutou a porta do banheiro ranger atrás dela. Ela sabia que era um pouco depois das seis e que o trabalho dele o fazia chegar em casa das sete até as nove. Mas algumas vezes, ocasionalmente, ele conseguia chegar em casa mais cedo. E se ele estava entrando no banheiro sabendo que ela estava lá, talvez ele tivesse a mesma coisa em mente — um deleite vespertino no chuveiro.

“Estou quase acabando,” disse ela flertando. “Mas eu posso tomar outro banho se por acaso eu ficar suja de novo.”

Ele disse nada, mas ela podia vê-lo se movendo através da névoa e a neblina do vapor no vidro embrumado da porta do box. Ela sorriu, era bom ver o quão ansiosa ele ainda podia deixá-la.

Ela se virou para a parte de trás do box, já que era por onde ele entraria. A porta se abriu mas ele não entrou. Ao invés, era só um braço, que a agarrou pelo ombro e a puxou para frente. Ela perdeu o equilíbrio no chão molhado. Enquanto ela caía, ele a pegou pelo cabelo e a puxou para fora da porta aberta.

Uma dor elétrica correu pelo seu crânio enquanto era arrastada pelo cabelo. Ela gritou, sem certeza do que diabos estava acontecendo. Mas então ela foi jogada no chão e ele estava em cima dela.

Ela viu o rosto dele na hora e percebeu quem era.

Você...

Ela abriu a boca para gritar novamente e dessa vez uma mão direita pesada veio mergulhando até sua boca. Ela sentiu um dente sair enquanto sua boca se enchia de sangue. Ela temia que se engasgaria com isso, mas então esse medo foi substituído por uma dor intensa, uma dor tão atordoante que era irreal.

E então ela viu a faca quando ele a tirou dela.

Ela a viu mais uma vez quando veio descendo em sua direção e, embora ela tenha sentido entrar novamente, ela mal registrou o fato.

Ela olhou para cima, para o teto, para o vapor acumulado do chuveiro e rezou para que acabasse rápido enquanto a forma do homem acima dela se

embaçava até virar escuridão e nada mais restasse.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Kate não podia compreender como o simples ato de segurar sua neta recém nascida era capaz de recarrega-la, mas o fazia. Era uma descarga tanto mental quanto física no sistema. E embora não tivesse exatamente o mesmo efeito poderoso que segurar Melissa pela primeira vez quando ela nasceu. Era bem similar. Ela assumia que tinha alguma coisa a ver com a necessidade instintual do ser humano em dar continuidade a linhagem, o fato de ela estar segurando a terceira geração nas mãos.

Ela estava se maravilhando com isso enquanto se sentava com DeMarco na sala de jantar dela. DeMarco escolheu comida chinesa para o cardápio, o que estava absolutamente ótimo para Kate. Normalmente ele tentava comer de maneira saudável, mas dada a maneira que os últimos dias se deram, ela percebeu que poderia se permitir uma comida lixo.

“Você sabe de uma coisa que eu gostaria de saber da polícia?” disse DeMarco enquanto estudava um arquivo e enrolava um macarrão *lo mein* no garfo. “Eu gostaria de saber o que a polícia nos portões de Amber Hills está procurando. Não há avisos ou cartazes de qualquer tipo nos carros.”

“É um bom ponto,” disse Kate. “E pelo que eu posso ver, ela não estão parando as pessoas que entram ou saem.”

“E realmente, nada disso faria diferença se o assassino for realmente um morador de Amber Hills,” apontou DeMarco.

Kate assentiu. Estes eram todos bons pontos, uns dos quais ela havia considerado antes. Mas até que elas encontrassem algo relevante e tangível para continuar, elas poderiam apenas especular. Na própria cabeça, ela tinha começado a compilar uma lista de prós e contras. Era uma lista que poderia ser feita por um assassino que usasse Amber Hills como campo de caça. Para um assassino escolher tal lugar para atacar duas vezes em uma pequena janela de tempo parecia ambos arriscado e, bem francamente, genial.

A maior vantagem, é claro, era que as vítimas eram fáceis de pegar. E baseado nas mulheres que ele havia selecionado — muito atraentes e que tendiam a ficar em casa, no final dos vinte ou início dos trinta — Amber Hills fornecia um grupo promissor de vítimas. Ficar em uma localização centralizada, era mais fácil escolher os alvos e de conhecer o terreno. SE o assassino morasse em outro lugar da cidade, também manteria a

investigação centralizada em um lugar enquanto ele estava muito provavelmente escondido em outro.

Mas havia desvantagens. Em uma área pequena, a chance de alguém vê-lo seria muito maior. E também significava que escapar por ruas secundárias menores dentro do bairro, tornaria uma fuga rápida virtualmente impossível. Alguém notaria um carro em alta velocidade, em tal vizinhança, e reportaria por medo de crianças se machucarem.

Se nós pelo menos possuíssemos um palpite de uma pista, ajudaria maravilhas, pensou Kate enquanto fechava um dos vários arquivos que ela havia acumulado.

Seu telefone tocou quando ele estava pegando outro arquivo. O nome e número eram familiares e por um momento, ela quase não respondeu. Mas percebeu que talvez dar um passo para longe e mudar sua mente para algo mais por pelo menos alguns momentos poderia ser de grande ajuda.

Lendo o nome Allen Goldman, ela pegou o celular e saiu de perto da mesa. “Vai levar só um momento,” ela disse a DeMarco enquanto se apressava para sua sala de espera.

“Ei, Allen,” ela disse, atendendo a chamada.

“Ei,” ele disse. “Eu sinceramente estava esperando ter que deixar uma mensagem.”

“Então por que você simplesmente não mandou uma mensagem de texto?”

“Estava apostando na pequena chance de que você realmente atendesse. Também na outra noite na varanda você me disse para ligar da próxima vez. Então aqui estou... ligando.”

“Agradeço,” ela disse. “O que posso fazer por você?”

“Primeiro, termine esse caso no qual você está trabalhando até sexta. Quero te levar para jantar.”

“Bem, estou com mais coisas do que esse caso agora,” ela disse. “Melissa teve bebê.”

“O quê? Ela não deveria esperar até o que... cinco ou seis semanas?”

“É. A pequena Michelle chegou mais cedo. Ela e Melissa estão bem, no entanto. Eu já consegui pegá-la no colo duas vezes.”

“Isso é ótimo, Kate. Então você é oficialmente uma avó agora. Como se sente?”

“Melhor do que eu pensei. É meio que incrível na verdade.”

“Bom. Bem, para você, de qualquer forma. Parece que sua vida está uma loucura absoluta agora. Meu timing está... lamentável, né?”

“Está. Mas tudo bem. Nós podemos —”

Ela foi interrompida por um bipe no celular — uma chamada. Ela rapidamente verificou a tela e viu que era o Chefe Budd ligando.

“Falando de timing ruim,” ela disse, “tenho que atender essa. É sobre o caso.”

“OK,” ele disse, tentando esconder o suspiro em sua voz, mas falhando.

“Mas Allen... obrigada por ligar. E talvez nós façamos isso de novo em breve, OK?”

“Claro. Noite, Kate.”

Kate trocou para a ligação que estava recebendo, esperando que Budd ligando significasse que havia algum tipo de novidade. Talvez do legista ou alguém na equipe de investigação dele.

“Wise falando,” ela atendeu.

“Agente Wise, aqui é Randall Budd. Você ainda está em Richmond ou voltou para DC?”

“Ainda em Richmond. Por quê? O que há?”

“Temos outro corpo. Esse está bem fresco.”

“Amber Hills?” Kate perguntou.

“Sim.”

“Qual é o endereço? Nós podemos chegar lá em vinte minutos.”

Budd deu o endereço a ela e ela não ficou surpresa em ver que era na mesma rua que Lacy Thurmond morava. Ela terminou a ligação e foi para a cozinha onde DeMarco estava comendo um rolinho de ovo e olhando o relatório do legista.

“A sessão de estudo acabou,” disse Kate. “Budd acaba de ligar. Ocorreu outro assassinato.”

“Putá merda,” disse DeMarco. “Há quanto tempo?”

“Ele disse que está fresco. Sem detalhes ainda. Vamos só chegar lá o mais rápido possível.”

Mesmo antes de o comentário sair da boca de Kate, DeMarco já estava enfiando o restante do rolinho de ovo na boca e levantando da mesa. Kate estava começando a apreciar DeMarco mais e mais. A atitude de disposição dela e a vontade em aprender a fazia sentir um pouco menos de falta de Logan. Embora, para ser honesta, ela sentia falta da troca sarcástica que eles faziam a maior parte do tempo.

Mas talvez tal coisa leve tempo para se desenvolver entre parceiros. Embora não tivesse atingido esse ponto com seu primeiro parceiro, veio naturalmente para ela e Logan. E agora, com DeMarco como sua parceira, ela estava começando a entender que todas as parcerias evoluíam da própria maneira. E enquanto ela e DeMarco se apressavam para fora da casa, ela estava ansiosa para ver aonde essa parceria iria.

Esperançosamente, ela pensou, levaria ao encerramento do caso.

Quando ela entrou no carro e o acelerou para a rua, ela pensou naquele primeiro parceiro de vinte e sete anos atrás. Ela foi parceira com ele por quase dez anos e eles nunca ficaram emocionalmente próximos. Mas ele fora um baita de um mentor e durante seu tempo longe do FBI, ela pensava nele frequentemente.

E ele estava lá novamente, á margem da sua mente, enquanto ela corria para Amber Hills. Ela imaginou qual seria a pegada dele nessa casa. A sabedoria e experiência dele poderiam ver esse casa de uma perspectiva diferente. Ela revirou isso, imaginando se ele sequer atenderia suas ligações.

Era algo a se considerar. Se essa próxima cena do crime não oferecesse nada substancial, talvez ele entrasse em contato.

Mas ela não poderia ir por aí ainda. Ao invés disso, ela escolheu ter esperança de que a próxima cena forneceria algo — talvez alguma pista, não importa o quão pequena ou insignificante.

Além disso, mesmo aos cinquenta e cinco anos de idade, sua vida ainda estava evoluindo. Ela era uma avó agora. Ela tinha um homem que estava muito interessado nela. E ela estava de volta ao trabalho, em uma casa que estava se provando estar entre os mais difíceis. Revirar o passado parecia não fazer sentido.

Então com o presente e o futuro em mente, elas se aproximaram de Amber Hill enquanto a noite lentamente começava a cair sobre Richmond.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

A casa era simplesmente como as outras casas na maioria dos trechos em Amber Hills. A única coisa que a fazia se destacar eram as luzes azuis e vermelhas piscando do giroflex das viaturas, como um estroboscópio no crepúsculo. Quando Kate estacionou o carro atrás de um dos seis carros de polícia na cena, ela notou que havia outros carros de polícia parados ao longo das ruas laterais. Parecia que a polícia estava fazendo tudo o que podia para evitar que os olhos bisbilhoteiros conseguissem uma boa visão do que estava acontecendo.

Quando subiu a calçada, ela viu o Chefe Budd na varanda, conversando com um par de policiais. Kate se apressou em direção a ele e quando ela a notou se aproximando, instantaneamente parou a conversa com os outros policiais.

“Essa foi rápida,” disse Budd.

“Você disse que esse era fresco. Eu queria mantê-lo assim. Onde está o corpo?”

“Venha comigo,” ele disse. “Eu já disse a todos que quando você chegasse, é o seu show. A CSI vai até esperar até que você tenha acabado. A não ser que você os chame.”

“Só os mantenha por perto,” disse Kate. “Eu não estou tentando empacar ninguém.”

“Bem, isso não deve ser um problema. Até agora, parece bem seco e direto, como todos os outros. Só... bem, eu acho que seco é a palavra errada.”

“O que?” perguntou DeMarco confusa.

“Vocês vão ver,” disse Budd enquanto as levava para dentro.

Ele as levou pelo corredor principal para onde um lance de escadas levava ao segundo andar. Ele marchou para cima das escadas em direção ao quarto principal. Kate viu que a porta do banheiro estava aberta e ao se aproximarem, ela pôde sentir o cheiro de sangue.

Ao se aproximar da porta, um choro agonizante encheu a casa. Era uma voz masculina, vindo do andar de baixo.

“É o marido,” disse Budd. “Ele chegou em casa e encontrou a esposa exatamente do jeito que você está prestes a ver. Ele discou nove um e o primeiro oficial na cena o encontrou desmaiado sobre o próprio vômito logo ali,” ele disse, apontando para o lado mais longe da cama *king-size*.

Kate entrou cuidadosamente no banheiro. Estava abafado e úmido, mas isso não era nem perto do pior. A mulher estava no chão do banheiro, olhando para o teto. Ela estava completamente nua, fazendo os ferimentos de faca no peito, abdome e área pélvica fáceis de ver.

Embora os ferimentos de fato fossem macabros, era a face da mulher que chocou Kate. Ela conhecia essa mulher. Ela a havia visto nos últimos dias.

Atrás dela, DeMarco deu voz ao que estava nos lábios de Kate. “Essa é Taylor Woodward.”

“Você a conhece?” perguntou Budd.

“Pessoalmente não,” disse Kate. “Nós a questionamos com outra mulher ontem. Elas eram amigas de Julie Hicks e Lacy Thurmond. A outra mulher presente era Wendy Hudson. E, por favor, mande um carro até a casa dela agora. Três de quatro amigas não é uma coincidência. Wendy Hudson precisa ser colocada em custódia protetora pelo que eu saiba.”

“Eu vou cuidar disso agora,” disse Budd. Quando ele rapidamente se virou da porta do banheiro, pareceu feliz em fazê-lo.

DeMarco se juntou ao lado de Kate, ambas as mulheres agora de pé no banheiro. Havia uma piscina de água parada no box do chuveiro. Um pouco da copiosa quantidade de sangue que derramou do corpo de Taylor havia se mesclado com ela, formando um padrão fractal quase belo.

“Esse não é exatamente como os outros,” disse Kate.

“Eu notei isso também,” disse DeMarco. “Há uma facada logo acima da vagina. Mais que uma facada, ele enfiou a faca e então cortou para cima. É intencional. Se você está mirando o coração e a barriga, não há como errar por tanto.”

“E é um alvo bem evidente para se mirar,” disse Kate, fazendo seu melhor para não fazer careta com a visão. “Como você disse... isso foi intencional. É o primeiro sinal deste assassino de que foi mais do que só um assassinato. Eu acho que pode ser o primeiro sinal de um assassinato por emoção. De natureza sexual, eu assumiria com segurança.”

“Então por que ela e não as outras?” perguntou DeMarco.

“Eu acho que precisamos descobrir isso.”

O lamento torturado do marido encheu a casa novamente. Havia tanto raiva quanto dor nos seus gritos. Ele queria vingança. A sequência de obscenidades que se seguiram ao seu pranto era prova disso.

Kate foi mais para o interior do banheiro, com cuidado de observar qualquer outra poça de água espalhada. Ela se agachou e procurou por

listras ou manchas no chão de ladrilho branco. Embora não visse nada do tipo, ela viu um pequeno fragmento branco de algo, lá na beirada do box do chuveiro.

Ela se aproximou mais, com cuidado para não perturbar o corpo. Com mais alguns passos ela percebeu para o que estava olhando. Era um pedaço de um dente.

“Ele bateu nela,” disse Kate. “Vê esse pedaço de dente?”

DeMarco assentiu e então ficou mais próxima do corpo. Ela se inclinou e olhou para o rosto de Taylor Woodward. “Um hematoma de leve logo acima do lábio no lado esquerdo. Se ela foi atingida, vai ser mais que o suficiente para conseguir uma digital.”

“Esse cara é esperto,” ela disse. “Nenhum digital ainda — nem em um corpo, nem em maçanetas, nada. Estou suspeitando que ele use luvas.”

“Alguma teoria sobre como isso ocorreu?” perguntou DeMarco.

“Toda essa água no chão me faz pensar que ele só a puxou direto para fora do chuveiro,” disse Kate. “Mas a falta de qualquer sinal de luta me faz pensar que era outro caso de Taylor conhecer o assassino, ou pelo menos esperando alguém que ela conhecia. Ele entrou fácil demais. Eu até me aventuraria a dizer que ele sabia que ela estava no banho.”

“Você acha que esse também é relacionado a um caso amoroso? Esse tipo de conhecimento sobre os horários de alguém...”

“Bem, mas o marido precisaria ter chegado em casa muito cedo depois que ela foi morta. Se o assassino fosse um amante ou algo, você pensaria que ele seria mais cuidadoso com a agenda.” Ela olhou ao redor do banheiro mais uma vez e balançou a cabeça. “Alguma coisa aqui não está batendo.”

“Precisamos falar com o marido,” disse DeMarco.

“Certamente. Mas pelo som, ela não está em seu melhor estado. Enquanto isso, acho que deveríamos dar uma olhada no resto da casa. Talvez até no exterior.”

Ambos saíram vagarosamente do banheiro, Kate deu uma última olhada no corpo. Por mais sinistro que fosse seus olhos continuavam a voltar para aquele ferimento abaixo da cintura. Mostrava intenção, talvez até o tipo de malícia e desprezo que estavam ausentes nas outras duas cenas.

Ou ele está começando a gostar do ato de matar mais ou havia algo diferente em Taylor Woodward, pensou Kate. Se for o último, isso pode apontar para uma pista ou motivo sólido.

Ela também pensou em algo que Tate O'Brien havia dito quando conversaram.

DeMarco perguntou a ele: “Então você fez por amor?”

A resposta dele havia sido: “Não. Apenas minha esposa foi por amor. Foi por ódio do amante. E aquela terceira... bem, se eu for sincero, eu só me deixei levar. Foi quase... divertido àquela altura.”

Ela imaginou se esse assassino estava passando por uma evolução similar.

Eles voltaram escadas abaixo para os sons de um marido angustiado. Ela ouvira choros similares nas cenas antes, mas era algo com o que ela nunca se acostumou. Mesmo quando ela e DeMarco rodearam a propriedade procurando por algum sinal de invasão, os lamentos dos maridos a seguiram, provocando pequenos calafrios em seu coração.

CAPÍTULO TRINTA

Alguns dos homens de Budd conseguiram tirar o marido do seu estado despedaçado. Em algum ponto a mãe dele apareceu para consolá-lo. Kate assumiu que a mãe havia ajudado mais que os policiais. Kate e DeMarco estavam de volta ao quarto, olhando ao redor por algum sinal de que o assassino possa estar procurando por algo em particular, quando Budd veio até elas.

“Obviamente, ele ainda está arrasado, mas quer falar com vocês. Ele entende que quanto mais cedo ele o fizer, maior a chance que temos de encontrar o assassino. No momento ele está do outro lado da rua com os vizinhos. A mãe dele teve que arrastá-lo para fora da casa dele chutando e gritando.”

Na volta ao andar de baixo, Budd as informou com o que ele havia pegado do marido. Seu nome era Daryl Woodward. Ele trabalhava como vendedor de seguros na cidade. Seu escritório ficava a menos de vinte minutos de casa, mas algumas vezes ele demorava até quarenta e cinco minutos para chegar em casa se pegasse o trânsito no horário errado. Quando sua mãe chegou lá, ela o levou para fora da casa, não querendo que ele se afligisse sabendo que sua mulher estava morta no banheiro de cima.

Kate e DeMarco atravessaram a rua até a casa do vizinho. Alguns policiais estavam na varanda conversando com eles. Eles cumprimentaram as agentes quando elas passaram, mas não disseram nada. A varanda inteira e a casa além dela estavam veladas em um silêncio esmagador.

Quando elas entraram na sala de estar, encontraram Daryl Woodward e sua mãe sentados no sofá. Eles estavam aconchegados em um abraço triste. Kate odiava quebrar o silêncio deles, mas ela tirou um tempo para apresentar DeMarco e a si própria. Ela notou como Daryl Woodward assentiu e a seguiu com os olhos como se ele estivesse em um estado onírico. A mãe, que se apresentou como Miranda Thomas, segurava o filho próximo como se fosse uma criança frágil que ralou o joelho no parquinho. Não havia nada de estranho ou super protetor nisso para Kate. Ela era simplesmente uma mãe, desolada pelo filho subitamente perturbado.

“Sr. Woodward, eu não posso imaginar como você deve estar se sentindo neste momento,” disse Kate. “então eu vou fazer apenas perguntas básicas, para deixar isso o mais rápido possível.”

Ele assentiu o consentimento. Seu lábio superior estava tremendo e os olhos estavam ambos alargados e com aparência cansada ao mesmo tempo. Era uma expressão bem arrepiante de se ver.

“Você sabe o que Taylor estava fazendo antes de você chegar em casa?” perguntou Kate.

“Sim. Ela havia acabado de chegar da academia. A bolsa de academia dela estava no pé da cama. E eu não acho que ela nem havia limpado isso.”

“Quão frequentemente ela ia a academia?”

“Três ou quatro vezes na semana. Ela prefere ir mais pelo fim da tarde, porque a multidão não está tão cheia.”

“Como ela estava lidando com a morte das suas duas amigas, Julie Hicks e Lacy Thurmond?”

“Isso a machucou. Ela chorou muito pela Julie. Elas eram bem próximas, eu acho.”

“Sr. Woodward, eu sei que é uma pergunta difícil, mas você pode pensar em alguém que possa querer isso para Taylor?”

Ele sacudiu a cabeça e começou a chorar instantaneamente. Era um gemido profundo que vindo para fora em uma espécie de grunhido. Kate o observou tentar lutar valentemente para que ele conseguisse responder as perguntas. Era a primeira vez em um bom tempo que Kate se sentia uma pessoa terrível, mas como Budd dissera, certamente Daryl sabia que quanto mais rápido falasse, maior a chance de encontrar o assassino.

“Sr. Woodward, eu tenho que te fazer algumas perguntas bem duras agora. Questões que você vai me odiar por perguntar. E você pode não querer sua mãe presente.”

“Está OK,” disse Daryl. “Eu estou esperando por elas. Após o que aconteceu com Julie e Lacy... eu sei o que você vai perguntar. E não. Eu posso garantir a vocês que ela não estava tendo um caso.”

“Mas você reconhece que as amigas dela estavam?” perguntou DeMarco.

“Julie estava. Ela contou a Taylor tudo. Mas se Lacy estava tendo um caso, estava sendo mantido em silêncio. Bem certo de que seu marido estava aprontando pelas costas de Lacy.”

Mirando Thomas pareceu empalidecer com essas informações todas, mas não disse nada.

“E quanto a situações sociais?” perguntou Kate. “Havia algo no qual Kate, Julie e Lacy estivessem envolvidas juntas?”

“Não. Digo, não como clubes ou coisas do tipo. Todos nós somos sócios da mesma piscina, mas é só. Era apenas as mulheres, se lembre. Nunca houve encontrar com todos os casais. Diabos, eu nunca sequer encontrei com o marido de Julie.”

“Você disse ao Chefe Budd que você trabalha perto de casa,” disse DeMarco. “A que horas você normalmente chega em casa?”

“Algumas noites tão cedo como sete horas. Mas há noite nas quais é tarde, quase às oito horas. Eu tento escapar para casa nos dias que eu dei duro, mas o trânsito dificulta, sabe?”

Ele estava soluçando enquanto falava, fazendo algumas das palavras bem difíceis de entender. Kate não podia deixar de imaginar se, enquanto ele falava, ele estava começando a entender que pelos próximos ano não importaria muito quando ele chegaria em casa do trabalho.

“Uma última questão,” disse Kate. “Quando você estava entrando — isso é, quando você entrou em Amber Hill voltando do trabalho — você passou algum carro que você tenha notado que estivesse muito rápido ou mesmo dirigindo sem responsabilidade?”

“Não, não reparei em nada disso,” ele disse.

Kate sabia que Daryl Woodward estava fazendo o seu melhor absoluto. Mas ela também sabia que ele seria muito mais efetivo em termo de informação útil nos próximos dias. Dado isso, ela tirou um dos seus antigos cartões de visitas, outra das relíquias que ela havia mantido no ano entre a aposentadoria e ser trazida de volta ao FBI há alguns dias. Ela quase o entregou para ela, mas então percebeu que o número no cartão era o antigo telefone do FBI que ela tinha na época.

Preciso fazer uns novos, ela pensou um pouco envergonhada. No contexto do que Daryl Woodward estava passando, no entanto, pareceu estúpido.

“Sr. Woodward você se importaria de me passar seu número de telefone? Vou enviar meu número para você por mensagem. Nos próximos dias, eu quero que você me ligue se pensar em algo mais. Estou muito interessada em qualquer coisa na qual Taylor e as amigas estavam envolvidas juntas. Ou talvez o nome de pessoas que você ouviu Taylor dizer que apareceram apenas na ocasião. Esse tipo de coisa. Você poderia fazer isso?”

“Certo,” ele disse. “Eu gostaria de poder ajudar. Eu gostaria que houvesse algo...”

Uma explosão de sofrimento saiu dele naquele momento. Daryl se afundou no ombro da mãe e chorou. Ele gritou tão alto que Kate temia que ele pudesse desmaiar. Ele tinha, final, vomitada com a visão da sua esposa a menos de uma hora e meia atrás. Ela não poderia imaginar o trauma pelo qual ele estava passando.

Mas ela podia. Ela se lembrava de como foi ver Michael depois de baleado. Ela se lembrava daquele sentimento vazio, a sensação de ser separada do mundo.

Mirando olhou para ela com as próprias lágrimas no rosto. “Por favor... vão,” ela disse. “Eu não digo de maneira desrespeitosa, mas vocês podem claramente ver que ele não estava em condições...”

“É claro,” disse Kate. Ela gostaria de trocar telefones, mas poderia fazer isso de outra forma. “Obrigada pelo tempo de vocês,” ela adicionou ao sair.

DeMarco a acompanhou, claramente em uma página diferente. Mesmo assim, a agente mais jovem disse nada até que estivessem fora, em direção a residência dos Woodward do outro lado da rua.

“É isso?” ela perguntou. “Eram todas as perguntas que você tinha para ele?”

“Por agora,” ela disse. “Ele precisa limpar a cabeça. Eu não posso forçá-lo a responder perguntas que o luto vai manipular ou deixar obscuras.”

“Ele pareceu sincero, hein?” perguntou DeMarco.

“Pareceu. Mas há alguma coisa a mais no seu choro e lamento. Havia raiva, e acho. Se ele pensar em algo, ele vai ligar.”

“Pobre homem,” disse DeMarco. “Você acha que eu preciso checá-lo? Talvez eu devesse ligar para alguns dos colegas de trabalho para ter certeza de que ele estava lá nesta tarde?”

“Não vai fazer mal,” disse Kate. Mas realmente, isso seria apenas marcar uma lista de checagem. Baseado no que ela havia visto, não havia como Daryl ser um suspeito.

Enquanto DeMarco tenha feito alguma investigação, tentando conseguir os números dos colegas de Daryl, Kate voltou para a casa e procurou por Budd. Ele estava de pé na cozinha, comparando notas com alguns outros policiais.

“Ele ainda não está em condições de falar agora,” Kate disse a Budd. “Ele fez o melhor, mas vamos nos distanciar um pouco. Quando ele estiver estável, eu gostaria que você desse meu número para ele se você não se importar.”

“posso fazer isso,” ele disse. Ele deu as costas para o policial que esteve falando e olhou Kate nos olhos. Quando ele falou, sua voz estava muito mais baixo do que a três segundos atrás. “Você viu alguma coisa que possa ajudar?” ele perguntou, olhando acima para o teto.

“Poucas coisas que valham nota, mas não temos certeza ainda,” ela disse. “Eu mantereí você informado. Eu quero manter você e a sua equipe nisso junto conosco. Quanto mais, melhor — e maior a chance de solucionar essa maldita coisa.”

Budd suspirou e esfregou as têmporas. “Eu agradeço. E me certificarei que Daryl pegue seu número.”

Kate saiu, notando o olhar derrotado na casa de Budd. Ele estava com raiva, certamente, mas ele também parecia surrado. Era o olhar de um homem que não fazia ideia do que fazer.

Sinceramente, ela sentia peno por ele. Ela sabia que eles estavam fazendo o melhor. Havia policiais em casa um das entradas de Amber Hill e, pelo menos a dez minutos atrás, haviam dois carros de polícia estacionados em frente a casa de Wendy Hudson. Ela percebeu que o próximo passo deveria varrer a vizinhança, mandar oficiais de polícia de porta em porta, procurando pelo menor pedaço de informação.

Mas ela sabia que tais medidas normalmente eram mantidas como últimos recursos — uma busca desesperado por algo.

E se fosse aí que estivessem no caso atual, não poderia haver nada mais decepcionante à frente.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Mesmo depois de passar outra meia hora na cena do crime e olhando ao redor do corpo, Kate e DeMarco foram incapazes de encontrar qualquer coisa que fosse instantaneamente benéfica. Kate, contudo, estava mais convencida que nunca de que Taylor Woodward seria a chave para encontrar o assassino. O foco nas genitais era gritante. À primeira vista, Kate estava bem certa de que não houve atividade sexual envolvida no assassinato, mas é claro, o legista teria que confirmar.

Também havia o soco no rosto a ser considerado. Não era o estilo do assassino baseado no que ela havia visto nas outras duas cenas. Alguma coisa sobre Taylor Woodward aparentemente o incomodava muito mais do que Julie Hicks ou Lacy Thurmond.

Devido à hora atrasada, a abordagem de porta em porta foi encerrada rapidamente, apesar de alguns policiais terem sido enviados a casas vizinhas de pessoas que conheciam os Hicks, Thurmond e Woodward relativamente bem. Embora Budd tenha enviado alguns homens para cumprir essa tarefa, DeMarco conseguiu encontrar um dos colegas de trabalho de Daryl Woodward que foi capaz de encontrar-se com elas de última hora.

Kate estava dirigindo para o endereço do colega quando seu celular tocou. Havia tantas pontas soltas nesse caso que ela, honestamente, não fazia ideia de que esperar do outro lado da linha. A voz que ela ouviu era, admitidamente, de ninguém que ela esperasse ouvir. Era o Vice Diretor Duran.

“Agente Wise, qual a sua localização atual?” ele perguntou.

“Houve outra morte,” ela disse, sentindo-se culpada por não notificá-lo mais cedo. “DeMarco e eu estamos a caminho para visitar um colega do marido para certificar que a história dele é verdadeira.”

“Eu sei que houve outro assassinato,” ele disse. “quando eu dei a autoridade a você para trabalhar no caso, eu pedi ao Chefe Budd para me manter informado em qualquer novidade. A vítima é Taylor Woodward, certo? Trinta e um anos de idade, morta por múltiplas facadas no peito e abdome.”

“Correto.”

“Olha, Wise... eu não vou mentir sobre isso: alguns dos outros diretores estão pensando que cometemos um erro. Há um murmúrio sobre largar o

martelo nisso, em deixar você pegar esse caso. Então como seu diretor vigente, estou oficialmente te removendo.”

“Você está falando sério?”

“Sim. Embora nós certamente não a culpamos, essa terceira vítima faz desse caso uma prioridade muito maior. Gostaríamos de atribuir um outro agente para ele. Talvez alguns mais. E antes de você argumentar, você precisa pensar direito. No momento, os planos de trazê-la para auxiliar em casos frios ainda está de pé. Mas se você continuar nisso e os resultados não forem encontrados rapidamente, temo que a decisão de remover esse esforço também será tomada.”

“Você me deu três dias,” ela disse. “Menos de três dias, na verdade. E nesses três dias, minha filha entrou em trabalho de parto cinco semanas antes e eu me tornei avó. Tem sido um pouco corrido.”

“Você só está reforçando mais ainda o meu ponto.” Disse Duran. “Você tem uma vida fora do FBI agora. Você deveria vivê-la.”

Esse é a minha vida, ela quase disse. Mas só o pensamento por si soava triste e patético.

“Então, qual é o ponto disso tudo? Você acha que eu não consigo concluir solucionar esse caso?”

“Eu não disse isso. Mas a decisão foi tomada. Sinto muito, Kate.”

Ela não queria implorar (não que ela fosse) e ela não queria parecer desesperada ou em necessidade em frente de DeMarco. Então ela estava essencialmente empacada.

“A opção dos casos frios ainda está de pé se eu deixar isso para trás?”

“Estou bem certo de que sim. E como eu disse... não houve decisão oficial dos meus superiores sobre tirar você. Mas está vindo. Se eu puder reportar a eles que eu já o fiz, deixa as coisas mais suaves para a opção dos casos frios.”

“Bom. Então faça isso,” ela disse.

Era um sentimento estranho. Ela estava nervosa por ter sido dada a oportunidade apenas para tê-la arrancada alguns dias depois. Mas ao mesmo tempo, ela estava grata; ela sabia que era extremamente raro um agente aposentado receber tal oportunidade.

“Eu agradeço a compreensão, Wise,” disse Duran. “DeMarco vai continuar no caso. Eu vou ter assistência aqui para acompanhá-la até as oito da manhã de amanhã.”

“Vou informá-la,” disse Kate. E embora pudesse ter sido um pouco antiprofissional, Kate terminou a ligação sem se despedir apropriadamente.

“Não pareceu bom,” disse DeMarco.

“Não foi. Por causa da falta de resultados e um terceira vítima, eu fui removida do caso.”

“Que diabos?”

Kate deu de ombros. “Faz sentido. Eles já estavam correndo um risco em me deixar participar. O caso saiu do meu controle e eles não podem arcar com má RP. E também potencialmente resguarda uma outra oportunidade para mim. Mas você ainda está dentro. Ele está mandando um pessoal para auxiliá-la amanhã.”

“Mesmo assim... isso é uma merda.”

Kate deu de ombros. “É mesmo. Mas é o que é.”

“Eu mantereí você informada se você quiser.”

Kate considerou isso por um momento e balançou a cabeça. “Melhor não. Eu preciso me remover completamente. Mas eu vou colocar uma excelente recomendação para você. E quem sabe... talvez você e eu possamos trabalhar juntas no futuro.”

DeMarco não disse nada. Ela apenas olhou para fora da janela e assistiu a noite passar.

“Eu vou levá-la de volta ao motel,” disse Kate. “Você ainda deveria se encontrar com o colega do Daryl Woodward.”

“Parece bom,” disse DeMarco.

Mas DeMarco agora parecia tão derrotada quando o Chefe Budd esteve na cozinha dos Woodward. Kate tentou pensar em algo para dizer, algo inspirador e motivador, mas nada veio à mente.

Elas continuaram a dirigir de volta ao motel em silêncio e uma sensação de derrota enchia o carro como cheiro de um animal morto ao lado da estrada.

Pela segunda vez naquele dia, Kate se pegou pensando sobre o primeiro parceiro que ela teve enquanto agente. Seu nome era Jimmy Parker e ele rapidamente se tornou um tipo de mentor para Kate. Ela trabalhou com ele por oito anos antes que ele fosse promovido para a posição de diretor assistente em um escritório de campo em Atlanta. Ele eventualmente voltou

para DC para preencher a vaga de outro diretor que perdera o trabalho repentinamente. Jimmy permaneceu o resto dos seus anos nessa posição e se aposentou alguns anos depois. Kate tinha trinta e oito quando ele se aposentou.

Ela pensou naqueles anos passados, assustada ao ver que quase vinte anos se passaram desde quando ela tinha trinta e oito. Ela sabia que Jimmy ainda estava vivo e bem, ligando brevemente na semana em que ela aposentou no ano passado. Jimmy estava chegando aos oitenta anos de idade e embora ela não dissesse nada sobre isso durante aquela ligação um ano atrás, havia um rumor circulando que ele estava lutando contra algum tipo de câncer e não estava parecendo tão bem.

Quando Kate voltou para casa depois de deixar DeMarco no motel, seus pensamentos instantaneamente voltaram para Jimmy Parker. Talvez fosse sua habilidade de finalmente se simpatizar com ele — o mentor aposentado que sempre fazia questão de ligar para os chefes do FBI uma vez ao mês para ver como as coisas estavam — não porque ele realmente sentisse que pudesse contribuir mais, mas porque ele simplesmente nunca conseguiu largar essa vida.

Sem ninguém para conversar e bem ciente dos perigos de internalizar coisas como falha e confusão quando se tratava do trabalho no FBI, Kate se viu procurando o número de Jimmy em seu celular. Ela o encarou por um momento, incerta. Ele iria gostar da ligação ou quase se sentiria obrigado?

Antes que ela pudesse pensar demais nisso, Kate apertou LIGAR. Quando o telefone começou a tocar, ela percebeu que eram quase dez horas da noite. Era muito tarde para ligar para um homem que estava chegando vagarosamente aos oitenta anos de idade?

Aparentemente não. Ele respondeu no segundo toque e quando ele o fez, foi numa voz alegre e clara.

“Kate Wise,” ele disse como se estivesse anunciando sua presença em uma sala ampla. “Como diabos vai você?”

“Ainda aqui,” ela disse, não querendo jogar seus problemas nele de uma vez.

“A aposentadoria está te servindo?”

“Não, nunca serviu. Talvez seja por isso que eu acabei, de alguma forma, trabalhando em outro caso essa semana.”

“Oficialmente?” perguntou Jimmy.

“Mais ou menos. Mas teve vida curta.”

“Você vai ter que me contar como você abriu caminho para isso,” disse Jimmy. “Eu os importanei por anos sobre talvez voltar para um trabalho de meio período.”

“Eu duvido que eles achem uma importunação,” disse Kate. “Como vai você, Jimmy? Uma resposta sincera se você não se importar.”

“Estou ficando velho,” ele disse com uma risada alta. “Setenta e oito é uma vadia. Eu tenho artrite na mão direita. Tive um joelho trocado no ano passado. Minha bexiga está mais fraca que papel higiênico fino e estou tendo que ir ao médico pelo menos uma vez ao mês para conferir minha próstata e meu coração”

“Como você tem passados os dias?” ela perguntou, percebendo o quão rasa era pergunta no momento em que saiu da sua boca.

“Sentado. Assistio TV. Leio. Sou parte de um clube de xadrez, mas eu sou o membro mais velho e esses jovens estão me dando uma boa surra. Então se você tem histórias sobre como estar de volta ao trabalho depois da aposentadoria, eu adoraria ouvi-las.”

“Não é realmente muito animador,” disse Kate.

Mesmo assim, ela se viu contando a ele a série de eventos que ocuparam a semana passada na sua vida. Desde Debbie Meade a pedindo para investigar a morte da filha até Duran a liberando das suas incumbências temporárias do FBI. Ela até passou por detalhes mal contados do caso, notando a maneira que Jimmy dava uma série de uau e não diga em todas as oportunidades.

Quando ela chegou ao fim, ela percebeu que ela realmente havia sido privilegiado em receber a oportunidade. Ela só esperava que sua falta de habilidade para solucionar o caso não refletisse mal em DeMarco.

“Então, esse caso,” disse Jimmy. “Você acha que essa última vítima se destaca dentre as outras duas por causa de alguns dos detalhes na morte, certo?”

“Parece que sim,” disse Kate.

“Então isso poderia sugerir que o assassino tivesse algum tipo de rancor dela. E isso me levaria a acreditar que havia algum tipo de encontro pessoal entre os dois — direta ou indiretamente.”

“Essa é a suposição que estou trabalhando, sim. Mas não importa. Já não estou mais no caso. E a agente que está é altamente competente. Ela vai ser incrível dentro de alguns anos.”

“Você pode deixar um caso escapar assim?”

“Eu preciso,” ela disse. “Eu me tornei avó na outra noite. Estou brincando com a ideia de namorar de novo. Minha vida está meio que evoluindo ao redor. E talvez voltar para o trabalho em tal capacidade fosse um passo para trás. Talvez eu precise deixar o passado ir.”

“Essa é a merda mais fedida que eu já ouvi,” disse Jimmy.

“A fantasia de velho ranzinza realmente encaixa bem em você,” disse Kate.

“Ah, eu sei. E eu a vi com orgulho. Permite que eu chame atenção das pessoas quando elas estão falando bobagens. Como você está. Vá por mim: se você tiver a chance de pegar mais um ou dois casos — mesmo que se for para tarefas mundanas em casos frios — aproveite. Se não, você vai sempre imaginar se você perdeu o último tiro.”

Ela absorveu isso, sabendo que mesmo a possibilidade de permanecer no jogo naqueles arquivos de casos frios seria uma grande oportunidade. Era isso ou se resignar ao fato de que a vida de aposentada era tudo que ela tinha por vir. E embora houvesse uma nova neta no cenário, ela sabia que também precisava viver a própria vida. Cinquenta e cinco, afinal não era o fim do mundo.

“Então me conte sobre essa neta,” disse Jimmy.

E dessa forma, o homem com quem ela aprendera a maioria do básico do FBI havia a tirado de uma dolorosa auto reflexão em direção à alegria. Algumas coisas nunca mudam, ela pensou ao contá-lo sobre Michelle, Melissa e sobre a família crescendo.

Foi bom falar sobre essas coisas... renovador de certa forma. Isso a fez pensar sobre como poderia ser dar uma chance para Allen Goldman. Mesmo se não houvesse uma química perfeita entre eles, pelo menos ela tinha alguém interessado nela, que estaria ali para escutá-la se gabar sobre sua netinha bonita e as coisas que ela esperava fazer da vida agora que estava aposentada.

Ela continuou no telefone por mais meia hora com Jimmy Park. Era bom se reconectar com alguém que havia atuado em um papel tão fundamental no seu início de carreira. Isso a fez pensar em DeMarco novamente e como esses últimos dias não iria afetar seu futuro.

Ela saiu do telefone com Jimmy se sentindo mais leve, não tão atolada sabendo que Duran a havia colocado no banco. Ela encontrou paz nisso e foi capaz de focar sua mente novamente no futuro. Ela pensou em Melissa e

o bebê, de talvez dar uma ligada para Allen amanhã e aceitar o jantar na sexta.

Ainda assim, quando ela fechou os olhos procurando dormir, havia algo sinistro no cerne de todas essas coisas. Ela não podia deixar de ver o chão de um amplo banheiro na casa dos Woodward e todo aquele sangue se misturando com a água, como se o mundo em si estivesse tentando lavar a evidência.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Kate acordou com o alarme do celular. Ela não havia ativado o alarme, decidindo se deixar dormir tão tarde quanto podia. Mas quando ela pegou o celular, viu que as letras azuis marcavam 8:05.

Oito horas de sono, ela pensou consigo mesma. Quando foi a última vez que isso aconteceu?

Ela viu o nome de DeMarco na tela e ficou animada. Talvez algo grande tenha acontecido na noite passada, alguma novidade no caso talvez. Apenas da conversa tranquilizadora com Jimmy na noite passada, seu coração não podia deixar de pular com o prospecto de alguma notícia excitante envolvendo os eventos que vem ocorrendo em Amber Hills.

“Ei, DeMarco,” ela respondeu. “Já está sentindo minha falta?”

“Do jeito que esta manhã está indo, é... estou morrendo de saudades. Duran me ligou às sete para de dizer que dois agentes estão a caminho para trabalhar comigo. Um acabou de sair da academia.”

“Você vai dar um jeito.” Disse Kate. “Alguma coisa tem que aparecer eventualmente.”

“Bem, nós temos algumas atualizações. Primeiramente, o exame médico chegou cedo nessa manhã. Não havia absolutamente qualquer sinal de intercurso sexual. Então eu acho que o corte na genital foi simbólico.”

“Ou apenas o assassino tendo algum tipo de diversão mórbida,” Kate destacou.

“Nós também pegamos algo que parece ser uma digital. Estava bem ao longo da beirada da porta do chuveiro. Mas estava tão molhado que não achamos que vá acrescentar muito. Algum cabelo também foi retirado do ralo, mas estamos esperando que todos sejam dos Woodward.”

“Obrigada pelos *updates*,” disse Kate. “Mas você não precisa fazer isso. Eu estou fora, você não me deve atualizações.”

“Eu sei. Mas eu sei que deve te deixar irritada ser colocada em algo assim após um ano longe e depois ser tirada. Sinceramente, não é justo com você. Eu imagino se eu estou mais indignada com isso do que você.”

“Talvez esteja,” disse Kate, já pensando em visitar o hospital para ver Melissa e Michelle depois do almoço.

“Você quer que eu pare de te ligar?” perguntou DeMarco.

“Não, claro que não. Eu aprecio suas ligações. Eu só não quero que você me deva isso.”

“Olha, se não vamos ser parceiras, eu gostaria de considerá-la uma amiga,” disse DeMarco. “E isso é difícil de eu dizer. Então sim... como uma cortesia comum, eu vou manter você a par.”

“Neste caso, eu estou ansiosa pelas suas ligações. Boa sorte aí fora, Agente DeMarco.”

Kate terminou a ligação e preparou sua primeira xícara de café do dia. Ela tomou enquanto assistia às notícias, cogitando se ela faria o café da manhã ela mesma ou se pegaria algum no caminho para o hospital. Essas são o tipo de decisões importantes que eu tenho que fazer enquanto aposentada, ela pensou rançosa.

Era duro pensar em quão acelerado o dia de ontem havia sido. Comparado com o estado de monotonia dessa manhã, era quase surreal.

Quando seu telefone tocou de novo, ela estava esperando que fosse DeMarco. Talvez ela finalmente tenha encontrado os novos agentes e queria reclamar deles. Ou talvez a impressão digital da porta do box do banheiro havia voltado e —

Mas não havia nome na tela do celular, apenas um número que ela não reconhecia. Ela atendeu hesitantemente. Ela nunca confiava em ligações de números que não estivessem programados em seu telefone — uma lição que ela aprendera na vida fora e dentro do FBI.

“Alô?” ela perguntou.

“É a Agente Wise?” uma voz masculina perguntou.

Ela quase corrigiu o homem para informar que o “agente” na frente do seu nome não era mais acurado. Mas ela disse nada, curiosa para ver sobre o que se tratava a ligação.

“Sim, quem fala é a Agente Wise,” ela disse, não se importando com a pequena mentira.

“Aqui é Daryl Woodward,” ele disse. “O Chefe Budd me deu seu número na noite passada e eu me lembro de você me dizer para ligar se eu me lembrasse de mais alguma outra coisa.”

A coisa segura e sábia a se fazer teria sido pará-lo logo aí e encaminhá-lo para DeMarco. Mas então havia essa agente irresoluta que ainda residia nela, uma parte dela que não apenas não queria estender o processo mais nenhum pouco para Daryl Woodward, mas também queria ver se ela poderia fazer qualquer coisa com o caso que não iria fazê-la ser repreendida posteriormente.

“Você lembrou de algo?” ela perguntou.

“Talvez. Você perguntou se estavam todas envolvidas em algo juntas, como um clube ou grupo ou alguma coisa. Eu tenho quase certeza de que todas participavam dessa aula na academia. Para ter certeza, eu verifiquei a agenda de Taylor. Ela tinha essa aula toda segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira às quatro da tarde. Ela estaria voltando dela na noite passada. Eu... bem, um tempo atrás eu encontrei algumas mensagens de texto no celular dela entre ela e as amigas. Mensagens de grupo, sabe? Elas estavam falando sobre a aula. Julie e Wendy ficaram um pouco atíçadas com o instrutor.”

“Por atíçadas, você quer dizer sexualmente sugestivas?”

“Como Julie mencionou lambeu o suor do peito dele. Mas em algum lugar lá, Wendy também mencionou como o cara era meio que um babaca. Havia um monte de conversas sugestivas e eu pensei que Lacy talvez tivesse até dormido com ele. Eu não sei. Não tenho orgulho disso, mas eu tirei capturas de tela das conversas, caso Taylor as apagasse algum dia. Eu as queria como provas de que as amigas dela eram nada além de problema. Mas eu posso mandar a conversa, se você quiser.”

“Seria ótimo. E você por acaso sabe o nome da aula e do instrutor?”

“Está tudo na conversa,” disse Daryl. “Vou lhe enviar as imagens assim que eu sair daqui. A aula era na New You Fitness. Você sabe onde fica?”

“sei,” disse Kate. “obrigada por isso. Isso pode potencialmente trazer provas.”

Daryl ficou esperançoso quando terminou a ligação. Kate não tinha certeza se traria uma pista ou não, mas se as mensagens fossem sugestivas como ele estava dizendo, então poderia ser de grande ajuda.

Fiel a sua palavra, Daryl enviou a sequência de mensagens dentro de alguns minutos. Ele enviou em uma série de capturas de tela os quais Kate leu enquanto bebia o café. Ela leu todas, notando alguns dos comentários mais surpreendentes. Linha por linha, ela se tornava mais e mais certa de que ela de fato tinha uma pista na ponta dos dedos. As mensagens eram de duas semanas atrás, dando a impressão de que ela estava lendo os últimos pensamentos de fantasmas.

Alguém mais teve sonhos eróticos com Julio na noite passada? Julie perguntou no grupo.

Meu deus, disse Lacy. Eu mal podia esperar para dormir. Eu fui até o criado mudo e usei uns instrumentos enquanto Peter estava dormindo. Bons sonhos?

É, eu estava lambendo o suor do peito dele, disse Julie. Tinha gosto de vinho.

Esquisita, disse Wendy.

Aquele homem É gostoso, respondeu Taylor. Eu continuaria indo às aulas de spinning até que minhas juntas ficassem velhas e estourassem se ele continuasse dando aulas.

Falando de juntas, como ele tratou dos seus joelhos, Lacy? perguntou Wendy.

Ainda sinto pontadas, mas meu DEUS valeu a pena. Ele me mandou uma mensagem depois e disse que ele iria ficar com minha calcinha na bolsa de academia como recordação. Diz que o deixa excitado. Ele é bom em fingir que não aconteceu, mas o jeito que ele estava me olhando ontem...

Pare, disse Julie. Ou eu vou pegar MEU instrumento.

Aquele grandão? Perguntou Wendy. Eu posso escutar aquela merda daqui da minha casa.

As mensagens continuaram daí, mas era a sessão que Kate preferiu parar. Mas parecia sugerir que Lacy tinha, em algum ponto, dormido com o instrutor da aula de spinning.

Parece que Lacy estava vendo alguém em paralelo enquanto o marido tinha seu próprio negócio, afinal, pensou Kate.

E simples assim, ela tinha uma pista.

A única questão restante era se ela poderia ou não passá-la para DeMarco e continuar não envolvida.

A resposta, é claro, foi não. Ela sorriu enquanto ligava para DeMarco. A agente mais nova atendeu imediatamente. “Eu pensei que eu quem deveria ligar para você,” disse DeMarco.

“Bem, eu tenho algo. Quanto tempo até que aqueles outros agentes apareçam?”

“Mais ou menos uma hora, eu acho.”

“OK. Encontre-me no seu motel em vinte minutos. Eu posso ter algo.”

“Tipo o que?”

Já caminhando para a porta, Kate retransmitiu sua conversa com Daryl Woodward e as mensagens de texto que ela a havia enviado. Com uma repentina mudança na agenda da manhã, Parecia que ela iria pegar o café da manhã no caminho, afinal.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

A lotação de manhã cedo na New You Fitness estava escassa. Algumas pessoas estavam usando as esteiras e apenas uma meia dúzia de outras estavam espalhadas por vários equipamentos. Kate podia ver tudo isso da recepção, já que a área da academia era visível através de Plexiglass transparente à esquerda da mesa. O lutar era um pouco pequeno demais para ser considerada uma academia de verdade, mas também era muito mais limpo que uma academia comum.

Com DeMarco ao seu lado, Kate se aproximou da mesa. Uma jovem que provavelmente pegava meio período entre as classes da faculdade olhou para elas com um sorriso. “Como posso ajudar as moças nesta manhã?”

“Estamos procurando por um homem chamado Julio Almas,” disse DeMarco. “No site de vocês diz que ele é o instrutor das aulas de spinning e rotinas Keto.”

“ah, claro,” disse a jovem mulher. “ele deve estar lá trás na Sala Seis. Ele tem uma aula Keto começando em vinte minutos.”

As agentes assentiram a apreciação e deram a volta na mesa para um fino corredor contendo várias salas particulares. No caminho para o centro de ginástica, elas discutiram a melhor abordagem a se tomar. Foi concordado que DeMarco deveria tomar as rédeas, caso as coisas ficassem fora de controle. Quanto menos chances que Kate teve pare relevar que ela não era uma agente na ativa — ou de mentir sobre isso, no que diz respeito — melhor.

Elas foram até a Sala s6 e encontraram apenas um homem dentro. Ele estava colocando vários colchonetes no chão, preparando-se para próxima aula, aparentemente. DeMarco bateu na porta e entrou, não querendo que ele respondesse.

Ela se virou para olhar para elas e Kate viu logo e seguido porque Julio era tema das fantasias das mulheres carentes. Ele tinha altura mediana, mas tinha o porte de uma estátua grega. Seu peitoral e seu abdome eram quase visíveis pela camiseta que ele usava. Seu longo cabelo preto estava penteado para trás de maneira que os jovens hoje chamavam de “coque masculino.” Ele tinha olhos pretos que eram instantaneamente cativantes e cada parte do seu rosto parecia complementar tudo o mais. Dizer que o homem era bonito seria um eufemismo. Kate não poderia deixar de

imaginar se ele fora contratado para conseguir mais mulheres contratando aulas particulares.

Ela também pensou se, caso Lacy tenha dormido com ele — mesmo que apenas por uma vez — ele era o único.

“Precisam de ajuda?” perguntou Julio.

“Sim, para falar a verdade,” disse DeMarco sendo descolada. “Nós gostaríamos de falar com você sobre algumas participantes recentes em uma das suas aulas de spinning.” Ela mostrou sua ID e se apresentou. Kate o observou de perto e viu uma tremulação de medo nos olhos dele. Era a primeira vez desde que entraram na cena do crime na casa de Julie Hicks que ela pensou que pudessem ter algo ali.

“Você quer dizer Sra. Hicks e a Sra. Thurmond, certo?”

“E como você sabe disso, exatamente?” perguntou DeMarco.

“O boato se espalha. É terrível. Ambas foram assassinadas, certo?”

“Exatamente,” disse Kate. “Outro dos seus membros foi assassinado na noite passada também, Taylor Woodward.”

Ele pareceu legitimamente chocado, mas ainda parecia haver algo fora do lugar.

“Estamos aqui porque sua aula de spinning parece se a única coisa que as conecta, além do vinho casual e aproveitar a piscina. Você sabe se elas tinham algum relacionamento estabelecido com outro dos seus alunos?”

“Eu não posso dizer com certeza. Eu não sei. Eu realmente não as conhecia assim tão bem. Só o suficiente para dizer ou quando vinham na aula.”

“Tem certeza disso?” perguntou Kate. “Você não conhecia Lacy Thurmond um pouco melhor do que as outras alunas?”

A pergunta o abalou e se ele estivesse tentando esconder, estava falhando miseravelmente. “Eu... eu não entendo porque vocês estão aqui,” ele disse. Ele estava olhando ao redor da sala como um animal enjaulado procurando uma saída.

“Você teve algum tipo de relação física com Lacy, Taylor ou Julie?”

Ele assentiu nervosamente com a cabeça. “Sim. Tive. Eu dormi com Lacy. Mas foi apenas uma vez. Nós estávamos planejando uma segundo, mas então eu ouvi sobre o que aconteceu e...”

“O sexo foi consentido?” perguntou DeMarco.

“Sim.”

“Como aconteceu?” perguntou DeMarco.

“Não estou confortável com essa linha de questionamento,” disse Julio.

“OK, então,” demarco perguntou. “Foi na casa dela?”

“Não. Foi aqui na verdade. No vestiário depois de um dos meus turnos.”

“E você ficou com um souvenir?” perguntou Kate.

Estava claro que Julio estava verdadeiramente chocado agora. Ele balançou a cabeça violentamente enquanto seu lábio inferior começava a tremer.

“Por favor, só nos diga a verdade,” disse Kate. “Você não está com problemas por dormir com uma mulher casada. Apenas precisamos de uma ideia melhor de como ela passou os últimos dias antes de ser assassinada.”

“Eu... eu tenho a calcinha que ela usava. Está na minha bolsa da academia.”

“Isso é tudo?” perguntou Kate.

“Sim. Você tem minha palavra.”

“Onde está essa bolsa?” perguntou DeMarco. “Vamos dar uma olhada dentro e talvez possamos sair da sua cola antes que sua próxima aula comece.”

“Não, não... vocês precisam de um mandado, certo?”

“Se você preferir ir por esse caminho, sim,” disse Kate. “mas então nós podemos ir pegá-lo e nos certificar de chegar com ele aqui no meio de uma das suas aulas. Então, de verdade, é sua a escolha.”

Julio parecia nervoso agora, mas ele começou a andar em direção a porta, acenando para elas irem atrás dele. Ele as levou ao fim do corredor, para uma sala com um sinal que dizia APENAS FUNCIONÁRIOS. A sala era pequena, exibindo apenas uma única mesa, várias cadeiras e uma parede inteira de escaninhos. Ele foi até o que tinha seu nome marcado em uma fita adesiva e o abriu.

“Aqui,” ele disse, jogando uma bolsa de academia desgastada em cima da mesa. Ele estava claramente irritado, mas foi mais impulsionado pela necessidade de tirá-las de lá antes da sua próxima aula.

Kate parou de avançar, lembrando-se de que DeMarco deveria tomar a frente hoje. Ela poderia apenas imaginar a cara de Duran se ele soubesse que ela estava tomando parte nisso. Ela assentiu para DeMarco e a jovem agente abriu o zíper da bolsa. Ela vasculhou por alguns momentos e então, aparentemente por motivo nenhum, arrancou a mão de dentro.

Kate, DeMarco e Julio ficaram todos em silêncio. Kate travou o olhar para DeMarco, tentando descobrir o que havia de errado — o que aconteceu

para fazê-la tirar a mão tão rapidamente.

E então ela viu o sangue na lateral da mão de DeMarco.

“Que diabos?” disse Julio dando um passo cauteloso à frente.

A mão de Demarco foi para sua arma lateral enquanto ela dava o circundava. “Não se mova,” ela disse. “Fique onde está. Mais um passo à frente e eu vou retirar minha arma.”

Kate deu um passo a frente, mais próxima a bolsa. Ela espiou dentro, intrépida, enquanto DeMarco colocava a mão de volta. Dessa vez quando a mão de DeMarco saiu, ela trouxe uma calcinha branca com ela. A brancura do material fez o vermelho escuro do sangue se destacar.

O sangue não era novo, mas estava fresco o suficiente para colar na pele de Demarco. DeMarco olhou para dentro e de volta para Kate. “Dê uma olhada,” ela disse.

Kate olhou na bolsa. Ela os shorts de academia de Julio, a carteira dele e um par de luvas pretas. As luvas tinham mais sangue nelas, assim como o nylon no fundo da bolsa. Como o sangue nas calcinhas e a mão de DeMarco, ainda estava relativamente novo.

“Contra a parede,” disse DeMarco, olhando de volta na direção de Julio.

“Eu não entendo,” ele disse. “Que diabos está acontecendo?”

“Você está preso,” disse DeMarco. “Se essas são de fato a calcinha de Lacy Thurmond, você tem uma tonelada de coisas para explicar. E esse sangue está fresco... não de Lacy, mas talvez de alguém mais que você viu recentemente?”

“A calcinha é de Lacy, sim. Mas eu não faço ideia de onde veio o sangue!”

“Você pode recitar isso tudo na sala de interrogatório,” disse DeMarco enquanto tirava seu par de algemas e as aplicava nos pulsos de Julio.

“Que caralho?” gritou Julio.

Kate olhou de volta para a bolsa. O sangue não estava exatamente acumulado, mas havia o suficiente para estar brilhando. Ela procurou por sinais de uma arma, mas não encontrou.

Parece quase perfeito demais, ela pensou. É claro, se o último assassinato foi baseado em paixão e talvez ele tenha sentido um senso de finalidade ou de realização, talvez ele tenha ficado preguiçoso na limpeza.

Com Julio ainda virado para os armários e com os braços algemados atrás das costas, DeMarco olhou de volta para Kate. “E agora?” ela perguntou. Parecia como uma pergunta maliciosa, mas Kate sabia o que ela

queria dizer. Já que ela não deveria estar nesse caso, como deveriam proceder?

Mas havia o sangue e a calcinha... e um caso amoroso confessado para completar. Kate estava bem certa de que ela poderia fazer a ligação e ficar fora.

“Eu vou começar ligando para o Budd,” ela disse. “E então ligarei para Duran.”

“Tem certeza?” perguntou DeMarco.

A verdade era que ela não estava certa. Mas ela foi adiante e fez a primeira ligação para Budd antes que pudesse perder os nervos.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Uma hora quinze minutos depois, Kate estava esperando do lado de fora de uma sala de interrogatório na delegacia do Chefe Budd. A última hora foi particularmente ativa. Primeiramente, houve um pequeno alvoroço de policiais que foram até o New You Fitness para prender Julio. Por volta da mesma hora, os dois agentes chegaram de DC para auxiliar DeMarco. Eles ficaram compreensivelmente irritados ao ver que o caso já parecia ter terminado. Eles também esperavam do lado de fora da sala de interrogatório.

Não participar da sessão de perguntas estava matando Kate. Mas quando ela chamou Duran para repassar informações a ele, ele ficou irado. Kate esperava que ele estivesse um pouco nervoso, mas não tão bravo quanto ele parecia ao telefone. Como forma de punição, ele mandou DeMarco cuidar do interrogatório e que ela, Kate, sequer assistisse por qualquer tipo de vigilância ou monitor dentro da sala.

Ele tinha, contudo, terminado a chamada com um agradecimento por prender o homem que parecia ser o assassino. Mesmo depois de ter levado uma bronca, Kate não podia parar de sorrir. Foi um início agitado, mas o seu primeiro caso depois de ter voltado tinha sido concluído.

Tinha?

Ela continuava sentido que encontrar a calcinha e o sangue pareceu fácil demais. Julio até admitiu ter a calcinha na mochila de academia — mas o sangue pareceu derrubá-lo. Se ela estivesse na sala de interrogatório, ela achava que pudesse ser capaz de ler as expressões dele. Ela não tinha certeza se o olhar no rosto dele era um medo vindo de culpa ou de um choque genuíno ao ver o sangue.

Enquanto esperava fora da sala, o Chefe Budd veio andando em direção a ela em frente do edifício. Os dois novos agentes de DC estavam caminhando na outra direção, buscando investigar alguns dos colegas de Julio. Em relação a Budd, Kate estava bem certa de que ele esteve com o pessoal da RP, bolando um rascunho de uma nota de imprensa. Parecia que eles já estavam bem certos de que tinham o cara. E embora até mesmo Kate tivesse que admitir que certamente parecia que sim, alguma coisa estava incomodando-a.

Foi fácil demais, ela pensou.

Budd se aproximou dela com um sorriso fino e estendeu sua mão para um aperto. “Eu entendo que você esteja em banho-maria com o seu supervisor,” ele disse. “Não é da minha conta e, francamente, eu não me importo. Só gostaria de agradecer por resolver essa coisa. Um assassinato a mais naquela vizinhança e esse lugar iria virar um manicômio.”

Ela estava prestes a respondê-lo quando viu a porta da sala de interrogatório se abrir. DeMarco saiu, olhando principalmente satisfeita, mas um pouco atormentada. Kate olhou para o relógio e viu que DeMarco esteve na sala por vinte minutos.

“Qual sua reação inicial?” perguntou Kate.

“Tudo aponta para que seja ele,” ela disse. “Os horários batem. Tem a relação sexual a ser considerada. O sangue na bolsa...”

“E as luvas,” disse Kate. “Isso explicaria porque não fomos capazes de encontrar qualquer digital nas cenas dos crimes. Ele tem um álibi para os horários de seis e sete da noite de ontem?”

“Não. Ele disse que saiu do trabalho, parou em um WaWa para encher o tanque e pegar um lanche. Disse que o trânsito estava bem ruim, então ele demorou um pouco.”

“Então você acha que é ele?” perguntou Kate.

“Como eu disse... parece que sim. Mas o jeito que ele respondeu quando eu descrevi a cena do crime... ele parecia enojado.”

“Você tem que mandar testar aquele sangue o quanto antes,” disse Kate. “E ver se você consegue algum DNA das luvas. Devemos saber com certeza se ele é o assassino dentro de doze horas.”

“Parece muito trabalho para mim,” disse Budd. “Pelo que eu sei, esse caso está encerrado. Muito bom trabalho, moças.” E com isso, ela se curvou ligeiramente agradecendo-as e voltou para onde veio.

“Duran acha a mesma coisa,” disse DeMarco a Kate quando Budd saiu. “Ele me mandou uma mensagem enquanto eu estava lá. Ele me quer de volta a DC esta noite. Os dois novos agentes vão ficar aqui e finalizar as coisas.”

“Como você se sente sobre isso?” perguntou Kate.

“Estranha. Eu não sei... parece muito... muito...”

“Fácil?”

“Exatamente,” disse DeMarco.

Ambas olharam de volta para a sala de interrogatório fechada e não disseram uma palavra. O silêncio tenso entre eles, contudo, falava alto.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Kate sabia que era melhor não ir contra a vontade de Duran novamente. Mas ao mesmo tempo, ela não poderia simplesmente deixar o caso repousar se ela sentia que ainda estava ativo — especialmente quando a força policial local estava praticamente celebrando que ele estava praticamente fechado.

Então ela seguiu o caminho do meio. Retornou para sua casa após DeMarco começar a preencher a papelada necessária na delegacia de polícia. Mas ela levou seus próprios arquivos do caso consigo. Ela estava imaginando se poderia encontrar algo que ligasse Julio agora que eles pelo menos tinham um perfil para se trabalhar.

Ela montou um sanduíche e comeu na mesa da cozinha com as notas abertas em frente a ela. Mas não importava para onde ela olhasse, ela não foi capaz de encontrar qualquer coisa que se encaixasse na personalidade que Julio exibiu. Ela supôs que talvez terminasse com a perícia — os movimentos de dilaceração das facadas em relação à força de Julio, preferência de mão e por aí. Isso, ou o sangue em sua bolsa iria de fato ser de Taylor Woodward e então seria isso. Ele precisaria de um milagre para não ser condenado por assassinato.

Kate se debruçou sobre os mesmos arquivos que já havia escrutinado várias vezes e não achou nada novo. Ela até puxou uma pequena pilha de arquivos médicos que os homens de Budd pegaram após o caso Thurmond. Antes de ser levada para os avós, a filha passou um tempo com o Departamento de Serviços Sociais. Pelo o que Kate podia dizer, eles haviam solicitado os registros médicos — uma prática padrão se não estivessem imediatamente certos de quanto tempo uma criança ficaria sob seus cuidados.

Kate escaneou os documentos, certa de que nada estaria ali. Ela viu onde Peter Thurmond havia ido ao médico há dois anos por prostatite. A filha, Olivia, foi há alguns meses por causa de uma garganta infeccionada. E estava lá que Kate viu algo que havia deixado passar antes. Era pequeno e insignificante, mas ainda era alguma coisa.

Deixe para lá, ela disse a si mesma. Duran não quer você nisso mais. Ele acha que vocês já pegaram o assassino. Pare de procurar pelo em ovo.

È claro, Kate raramente seguia seus próprios conselhos. Ela olhou para o pequeno detalhe que ela e DeMarco deixaram escapar. Abaixo de “Contatos

de Emergência” no formulário da Olivia, havia dois nomes e títulos. Um era Peter Thurmond — pai. No outro se lia Pamela Duncan — babá temporária.

Bem, isso é novo, pensou Kate. Ela olhou para o número ao lado do nome de Pamela Duncan e não perdeu tempo. Antes de pensar a fundo, ela discou.

Você está tentando se colocar em problema? Ela se perguntou.

Ela não teve tempo para surgir com uma resposta. O telefone foi atendido logo depois do primeiro toque.

“Alô?”

“Oi, Pamela Duncan?”

“Sim.”

“Oi, meu nome é Kate Wise. Sou uma consultora para o FBI.” Uma mentira, certamente... mas não tão ruim quanto dizer que ainda era uma agente na ativa. “Eu vi em alguma das nossas informações das pesquisas que você está listada nos registros médicos de Olivia Thurmond como um contato de emergência. Você era babá para a família Thurmond?”

“De vez em quando, sim. Você já encontrou quem é o assassino de Lacy?”

“No momento há um suspeito sob custódia, mas nada é definitivo ainda. Srta. Duncan, eu estava imaginando se você poderia lançar uma luz sobre como era a vida de Lacy. Talvez até a vida de algumas das amigas dela também.”

“Você já falou com elas? As amigas de Lacy?”

“Sim. Sua melhor amiga, pelo menos.”

Pamela hesitou por um momento antes de perguntar: “De onde você está ligando, Srta. Wise?”

“Estou em Richmond. Seu número de telefone indica que você também;”

“Você pode me encontrar em mais ou menos uma hora?” perguntou Pamela.

Kate achou o pedido um pouco estranho, mas não estava a fim de recusar a oportunidade. Aquele velho instinto de agente estava erguendo a cabeça e farejando o ar. Parecia que poderia haver algo aí.

“Só me diga o lugar,” disse Kate.

Pamela o fez e Kate estava fora de volta para fora da casa quinze minutos depois.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Elas se encontraram no ponto favorito de Kate em Carytown, um lugar chamado Galaxy Diner. Era o tipo de lugar em alta que servia tanto pickles fritos quanto opções sem glúten. Quando Palme Duncan tomou um lugar na mesa em frente a Kate, ela não parecia nervosa e reservada, como Kate esperava. Ao invés, ela parecia quase feliz em estar ali. Ela até sorriu calorosamente para Kate quando ela se sentou.

Após uma breve rodada de apresentações, Kate não perdeu tempo ao chegar ao centro do assunto.

“Há quanto tempo você trabalha para os Thurmond?”

“Por cerca de oito meses,” disse Pamela.

“E que tipo de trabalho você faz? Eu pergunto apenas porque eu acho estranho que uma mãe e esposa que ficava a maior parte do tempo precisar de uma babá.”

“Bem, a cerca de um ano atrás, pelo o que eu entendo, Lacy havia considerado fortemente voltar para a faculdade. Alguns cursos online, talvez algumas aulas na faculdade comunitária. Ela tinha tudo pronto para aí quando eu fui contratada. Eu entrei principalmente só para pegar Olivia da escola, limpar a casa e preparar o jantar. Esse tipo de coisa. Eu trabalhava apenas quinze horas por semana — vinte em semanas mais cheias. E mesmo quando o negócio da faculdade não foi para frente eles continuaram comigo por algumas semanas. Quando eles me dispensaram, foi amigável. Mas eles perguntaram se poderiam me manter nos contatos para me chamar de vez em quando e eu concordei.”

“Faz quanto tempo que eles te dispensaram?”

“Há cerca de cinco meses.”

“E eles te chamaram para trabalhar depois?”

“Algumas vezes. Lacy nunca se pronunciou para dizer, mas eu tive a impressão de que ela e o marido estavam passando por uma fase complicada. Eles planejaram uns finais de semana para tentar cuidar do casamento. Mas pelo que eu posso dizer, Peter a estava traindo. Ele não era muito bom em esconder também.”

“Eles aparentemente confiavam em você, certo?” perguntou Kate. “Você foi colocada nos registros médicos de Olivia como contato de emergência. Dado isso, por que você sentiu a necessidade de falar comigo em pessoa?”

“Porque as amigas mais próximas de Lacy... elas eram problemas, sabe? Elas pareciam tão doce e bonitas quando eu primeiro as vi. Eu via aqui e ali, vindo até a casa. Eu estive lá um dia quando todas elas estavam sentadas na sala de jantar, bebendo vinho. Eu não me lembro do nome de todas elas, mas havia uma que admitiu abertamente estar traindo o marido. E as outras pareciam encorajar. Não parecia certo, sabe?”

“Mas havia algo mais... uma coisa que nunca me caiu bem. E está me pesando por causa dos assassinatos.”

“O que é?” perguntou Kate. “Srta. Duncan, se você tiver algo que você ache que possa ser uma suposição, pode ajudar. Nós temos um suspeito sob custódia no momento, mas nada está gravado em pedra ainda.”

“Mulher que morreu ontem... o último nome dela era Woodward, certo?”

“Certo.”

“Bem, houve uma vez que o marido — Daryl, acho que é o nome dele — foi até a casa dos Thurmond. Ele estava procurando pela esposa, Taylor. Ele estava realmente preocupado com ela. Considerando aquele grupo de amigas, eu não o culpo. Ele disse que ele sabia que ela estava em apuros.”

“Lacy contou ao marido sobre o incidente alguma vez?”

“Não. Eu acho que ela também estava com medo de dizer. Qualquer que fosse o problema no qual a mulher Woodward estivesse, eu acho que todas as outras mulheres podem estar enroladas nele. O marido estava quase doente de preocupação.”

“Há quanto tempo foi isso?” perguntou Kate.

“Talvez dois anos. Lacy me ligou para pegar Olivia da escola e levá-la para o treino de líder de torcida. Foi bom que eu tenha passado na casa. Eu queria verificar como as coisas estavam indo com Lacy.”

Kate pensou sobre a noite anterior, de como Daryl estava afogando-se em sofrimento. Normalmente cônjuges se sentiam daquela maneira quando achavam que não havia feito o suficiente para parar o assassino.

Daryl deve ter suspeitado o tempo inteiro de que Julio fosse o assassino. E agora ele estava muito envergonhado para dizer, já que ele não agiu por instinto e preveniu a tempo.

“Daryl estava tão preocupado com ela, quase ao ponto de chorar na minha frente. E então, dois meses depois ela está morta,” ela acrescentou.

Kate finalmente sentiu certeza: Julio era, de fato, o assassino. E agora, tudo o que ela precisava era que Daryl confirmasse isso, que a contasse a

história inteira do tipo exato de homem que Julio era.

Ao longo da sua carreira, Kate passou a acreditar firmemente no velho ditado “Quando chove, chove a cântaros.” Seu primeiro chuvisco veio da conversa com Pamela Duncan.

Seu próximo veio quando o telefone tocou quando ela voltou em direção a Amber Hills. Ela atendeu imediatamente, nem se importando em olhar a tela. “Wise falando,” ela disse, cuidadosa para não usar o apelido de Agente.

“Agente Wise, aqui é Robert Smith do escritório do legista. Embora não tenhamos encontrado nada conclusivo no corpo de Taylor Woodward, havia um detalhe que eu acredito que você possa achar interessante.”

“Eu fico com tudo o que puder,” disse Kate.

Ela imaginou o porquê de ele estar ligando para ela, mas então assumiu que não havia como ele saber que ela fora removida do caso.

“O soco no rosto deixou um pequeno hematoma, me fazendo acreditar que foi mais um jab — quase de brincadeira — do que um murro com força com a intenção de machucar a vítima severamente. Partindo apenas do soco, há duas coisas que acredito que possamos determinar. Primeiramente, dado o local e o ângulo, eu acho que é seguro dizer que o assassino seja canhoto. É claro, qualquer número de elementos podem mostrar que estou errado, mas parece muito provável.”

“E a segunda coisa?” perguntou Kate.

“Não há digitais, indicando que o assassino usava luvas. Contudo, há uma pequena indentação ao longo do hematoma. É bem pouco visível a olho nu, mas sob a luz certa e aumento, está lá: uma forma que sugere que o assassino usava um anel na mão esquerda. Provavelmente no dedo anelar ou mindinho.”

“E se ele está dando um soco, o mindinho não deixaria muita marca, deixaria?”

“Provavelmente não.”

“Um anel no dedo anular esquerdo,” disse Kate. “Então o assassino era casado?”

“Eu diria que é uma aposta segura,” disse Smith.

Julie, ela sabia, usava um anel de noivado. E um anel no mindinho.

“Obrigada por isso,” disse Kate. Ela sentiu uma sensação de tremor caloroso nas entranhas e seu coração começou a bater um pouco mais rápido. Ela terminou a ligação e imediatamente puxou o número de DeMarco.

Ela respondeu após três toques. DeMarco aprecia irritada e um pouco cansada. “Ei, Wise,” ela disse. “Se você está ligando para atualizações, não há nenhuma. Duran e a DP local estão pendurados na suposição de que Julio Almas é o nosso cara.”

“Bem, eu acabei de receber uma ligação do legista com um relatório prévio do corpo de Taylor Woodward. Então me diga uma coisa... Julio é destro ou canhoto?”

“Eu não tenho certeza na verdade. Eu nunca me importei em olhar.”

“Você ainda está na DP?”

“Infelizmente.”

“Encontre algum formulário de mentira e leve para ele assinar. Diga que ele será liberado em breve. Preste atenção na mão que ele assinar.”

“OK...” disse DeMarco, uma pitada de intriga em sua voz. “Dê-me um segundo.”

“Ficarei na linha.”

Kate ouviu ao som de movimento de DeMarco. Ela ouviu as vozes enfraquecidas dos policiais ao fundo, o lugar ainda estava uma muvuca da agitação da manhã; Ela estava pronta para colocar suas dúvidas sobre Julie Almas para dormir.

Três minutos se passaram. Ela estava a dez minutos dos portões de Amber Hills quando DeMarco voltou ao telefone.

“Ele assinou,” disse DeMarco. “Ele é canhoto. Por quê? O que você sabe?”

Kate suspirou.

“Nada,” ela disse. “Apenas instintos ruins, eu acho. Ou desgastados. Talvez haja sabedoria em se aposentar aos 55. Você tem o cara. É o Julio.”

Ela desligou e suspirou. Talvez ela estivesse ficando muito velha para isso.

Era tempo de colocar isso para trás, de uma vez por todas. Encontrar a verdade toda sobre Julio. E Daryl, ela suspeitava, tinha a chave.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Kate imaginou se Daryl era capaz de voltar para casa depois do assassinato da sua esposa. Não havia prazo para o luto; alguns demorariam semanas antes de voltar para casa na qual um ente querido foi morto, enquanto outros não tinham problemas em retornar logo em seguida.

Quando ela parou o carro em frente a casa, ela viu a mãe de Daryl sentada em uma cadeira de balanço na varanda da frente. Ela deu uma olhada em Kate quando ela saiu do carro e subiu para a calçada.

“Olá de novo,” Kate disse o mais agradavelmente que podia. “Daryl está em casa?”

“Ele está,” disse a mãe. “Mas ele está muito cansado e compreensivelmente abalado.”

“Eu entendo,” disse Kate. Ela aproximou-se da varanda e subiu lentamente as escadas. Então ela falou em uma voz baixa de conspiração, esperando convencer a velha mulher. “Isso não é de conhecimento público ainda, mas temos um suspeito em potencial sob custódia,” ela disse. “Se eu puder falar com ele em particular por não mais que dez minutos, nos ajudaria a ter certeza de que temos o homem certo.”

A mãe de Daryl pareceu feliz com a notícia, assentindo sua apreciação. “OK,” ela disse. “Ele vai gostar disso, eu acho. Ele está desamparado agora. Talvez isso vai dá-lo um senso de propósito. Você poderia dizê-lo que eu vou até a farmácia pegar minha receita?”

“Sim, senhora.”

Kate entrou na casa na mesma hora que a mãe de Daryl andou até o carro na entrada da garagem. Quando a porta se fechou atrás de Kate, ela pode ouvir o carro da Sr. Woodward dando partida.

“Licença?” Kate chamou. “Sr. Woodward? É Kate Wise de novo. Sua mãe disse que tudo bem se eu entrasse.”

“Claro,” ele falou de outro lugar da casa. “Estou aqui na cozinha.”

Kate seguiu o som da voz dele pelo vestíbulo e por um pequeno corredor. A casa tinha um plano praticamente aberto, então ela conseguiu ver a cozinha imediatamente. Ela viu Daryl arrumando bagels e salgados no balcão. Eles ainda estavam nas caixas, alguns dos salgados ainda saindo vapor.

“Desculpe-me por incomodá-lo novamente,” ela disse. “Mas eu gostaria que você soubesse que demos uma olhada no instrutor de spinning.”

Encontramos evidência suficiente para prendê-lo.”

“Foi ele?” perguntou Daryl.

“Não sabemos com certeza, mas estamos dando uma olhada no momento. Parece que pode ser um possibilidade forte. Eu espera que você entendo que mesmo você sendo o marido de uma vitima recente, nós não podemos dá-lo detalhes minuciosos até que uma prisão oficial tenha sido feita.”

“Compreendo,” ele disse.

“Enquanto isso, eu estava esperando que você pudesse me ajudar. Disseram-nos que você estava muito preocupado com a sua esposa em uma época. Por quê?”

Ele franziu o cenho. Ela observou seus ombros se encolherem e ele cedeu lentamente.

Ele permaneceu em silêncio.

“Sr. Woodward,” ela pressionou, “eu sei como isso é difícil. Eu sei que você não quer implicar sua mulher em qualquer coisa que possa ter sido... indecorosa. Mas, contudo, mesmo sendo preocupante ou infame, eu preciso saber. Nós estamos com um homem preso no momento que pode ou não ser o suspeito correto. E eu suspeito que você sabe de alguma dificuldade na qual sua mulher estava, alguma dificuldade que possa nos ajudar a saber com certeza se temos o assassino.”

Ele olhou de volta para ela, seus olhos vagos e estólidos, e abriu a boca para falar várias vezes.

Mas a cada vez, ele permanecia em silêncio, como se não pudesse se fazer dizer.

Mas havia mais do que isso.

Ao vê-lo de perto, ela notou, apenas por uma fração de um instante, um tremor no olho dele. Era algo que não fazia sentido. Não era um de reconhecimento.

Era de ira.

Veio e saiu tão rápido quanto veio — tão ligeiro que ela não tinha sequer certeza de que tenha visto ou imaginado.

De repente, o coração dela começou a pulsar com força.

Não, ela pensou. Não pode ser ele.

Podia?

Ela pensou de repente no que Tate O'Brien havia dito sobre assassinatos cometidos por ira e amor.

Várias esposas foram mortas. Não apenas a dele. Se ele havia matado a própria mulher, isso significava... ele teria matado todas elas.

Mas por quê? Por que matar todas as mulheres se ele queria apenas a sua morta?

Não pode ser, ela pensou. Pode?

Todos aqueles assassinatos apenas para encobrir seus rastros? Para fazê-lo parecer um assassino em série? Para desviar a atenção da verdadeira esposa que ele queria morta? De ele ser um suspeito?

Para criar o assassinato perfeito?

“Você me ouviu, Agente Wise?”

Kate acordou repentinamente, de volta ao presente. Ela viu Daryl a encarando inquisitivamente. Sua mente girou e ela sentiu a cabeça leve, imaginando se poderia estar a poucos metros do assassino.

“Desculpe-me,” ela disse, sua voz tremendo, tentando se manter calma. “Eu não estava escutando.”

“Eu perguntei se você tem algo mais com o que eu possa te ajudar?” ele perguntou, sua voz tão calma que ela pensou se havia imaginado a coisa toda.

A mão dele, ela pensou rapidamente. Faça-o escrever alguma coisa. Veja se ele é canhoto.

Ela pigarreou e tentou manter a voz calma.

“Sim,” ela disse. “Apenas mais uma coisa. Você poderia me dar os nomes de algumas amigas com as quais Taylor andava?”

“OK,” ele disse franzindo a testa. “Você quer que eu mande por mensagem?”

“Sou das antigas,” ela disse tão gentilmente quanto possível. “Você poderia anotá-los?”

Ele olhou com suspeita para ela, parecendo hesitar.

Finalmente, ele se virou e andou para o lado esquerdo da cozinha e abriu uma gaveta. Ele tirou uma caneta e um Post-it.

Ele começou a escrever.

Com a mão esquerda.

Enquanto seu anel de casamento brilhava do seu dedo anular.

Fique calma, ela disse a si mesma. Isso ainda não prova nada. Você tem que provocá-lo. É agora ou nunca. Você não pode sair daqui sem ter certeza.

“Eu conversei com sua mãe lá fora,” disse Kate. “Ela me pediu para que eu lhe dissesse que ela iria dar uma ida à farmácia.” El pausou por uma

batida e então adicionou: “Você é próximo da sua mãe?”

Lá estava novamente. O tremor de ira nos olhos dele, dessa vez reconhecível e forte.

E foi quando Kate soube com certeza. Muitos assassinos com os quais ela lidou foram oprimidos pelas mãos de uma forma ou de outra, tantas vezes que foi o gatilho para dar vazão aos sentimentos.

Daryl pressionou a mandíbula e encarou de volta, a hostilidade jorrando do seu rosto.

“E como isso é da sua conta?” ele perguntou.

Ele sorria sorratamente para ela e então virou a cabeça. Ele andou até a cafeteira e começou a se servir uma xícara de café. Sua mãe estava visivelmente tremendo.

Ela não esperou por ele. Ela sabia que era agora ou nunca. Ela sabia que deveria sair da casa e chamar reforços.

Mas ela não pode se levar a isso.

Sua carreira inteira, ela não podia se parar. Ela sempre tinha que pressionar, um pouco demais. Sempre tinha que fazer isso apesar da voz da cautela.

“Sr. Woodward, o legista está completamente certo de que sua esposa foi atingido por um canhoto — um canhoto que usava um anel do dedo esquerdo,” ela disse. “Julio Almas é destro e não tem anéis,” ela mentiu. “Por que você acha que seja assim?”

Daryl Woodward parou por um momento, no meio de levar sua xícara à boca. Suas costas estavam quase todas viradas para ela, mas ela podia ver pela postura dos seus ombros que ele estava tomando uma posição defensiva.

“Você é canhoto, não é?” ela perguntou.

Ele se tencionou, com as costas ainda para ela.

“Você está insana,” ele balbuciou com a voz ficando mais obscura.

Agora, ela se disse. Pare agora e chame reforços.

Ela sabia que deveria. Mas ela não podia. Ela tinha que terminar isso. Por conta própria.

“Você odiava as outras mulheres, mas realmente não queria mata-las, queria? Você realmente queria apenas Taylor morta. Mas como você poderia mata-la e não fazer os policiais suspeitarem de você? Facilmente. Você mata algumas outras esposas e faz parecer um assassino em série. Dessa maneira, um marido solitário não seria um suspeito tão claro.”

“Mas você foi um pouco longe demais com a sua esposa, Daryl. Foi um assassinato passional. O único.”

Ele se virou e sorriu para ela, impressionado.

Então ele disparou.

Kate levantou os braços para se defender, preparada para pegar seu braço esquerdo — o qual estava à frente — e derrubá-lo no chão.

Mas ela não esperava o café quente jogado nela. Ele se esparramou em seu rosto, entrando em seus olhos. Estava muito quente, mas não fresco. Ainda assim, a pontada foi suficiente para pegá-la de surpresa.

Daryl jogou seu peso inteiro nela. Suas costas se chocaram contra a ilha na cozinha atrás dela enquanto ela se dobrava e caía no chão com as costas em espasmo, ela sentiu o baque da queda, abrindo seus lábios.

Sangue correu, instantaneamente enchendo o boca de Kate. Logo assim que ela sentiu o corpo, espesso e metálico na língua, ele plantou um joelho em seu estomago. O ar saiu voando para fora dela e pela primeira vez desde entrou no FBI, ela se permitiu pensar.

É isso. É assim que eu vou morrer.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Se o café estivesse recém passado e pelando de quente, Kate estaria em um estado muito pior. No estado atual, ela estava muito mais preocupada com suas costas. Ela acertou a quina da ilha com força e algo lá trás estava ficando dormente. Enquanto isso, Daryl a pregou no chão, com um joelho em seu estômago e ambas as mãos em seus ombros.

“Eu gostaria de ter a faca com a qual matei aquelas vagabundas,” disse Daryl. “Eu te cortaria aberta aqui e agora. E seria uma pena porque você não é como elas. Elas mereceram, sabe?”

Bom, ela pensou. Esse idiota vai se gabar. Ele é forte e me suplanta facilmente, mas quanto mais tempo ele me mantém aqui, nessa posição, melhor as chances que eu tenho de escapar.

“Não foi um erro começar com Julie. Ele é uma... bem, ela era uma provocação. Estávamos dormindo um com o outro. Pro meses. Taylor não sabia, contudo. Ela estava muito dedicada às suas próprias atividadezinhas. E sim, eu sabia tudo sobre o instrutor de spinning. Ele dormiu com metade da merda do bairro. Então sim... porque não indiciá-lo?”

Ele sorriu e uma risada escapou dos seus lábio. Foi essa pequena ação pretensiosa que deu a Kate a abertura que ela precisava. Quando a mão direita dele relaxou durante a risada, ela se impulsionou para frente, sentando-se e usando seu ombro direito para forçar o peso do movimento. Então ela jogou seu cotovelo acima e para fora, acertando-o no queixo. Ela ouviu o clique agudo dos seus dentes batendo.

Ele caiu para trás chocado e quase caiu de cima dela. Furioso, ele deu outro soco para baixo. Ela o pegou pelo pulso, girou com força para esquerda e o corpo todo dele seguiu. Se ele não tivesse atingido a lateral da ilha da cozinha, ela seria capaz de aplicar uma chave de braço, arrancando o cotovelo do encaixe e acabando a luta por aí.

Mas a ilha estava no caminho. Quando ela cambaleou para ficar de pé, Daryl abriu um armário próximo. Kate ficou tão confusa com o ato que ela não viu o rolo de massas até que fosse tarde demais. Ela esquivou para trás, mas a ponta acertou a lateral da sua cabeça. Ela girou enquanto pequenas estrelas pretas nadavam pelo seu campo de visão.

Ela foi para cima dela novamente com o rolo erguido como uma massa. *Não*, ela pensou com um pânico maníaco. *Não assim. Nem foden...*

Ele lançou o rolo novamente, diretamente dessa vez. Kate conseguiu bloquear com o antebraço. Uma onda de dor disparou pelo seu braço. Ela gritou, procurando ao redor por uma arma para usar. Até então, ela havia sido queimada com café e atingida com um rolo de massas. Ela estaria condenada caso fosse insultada um pouco mais.

Ela se escorou conta a piada cozinha e encontrou um garfo na beirada. Estava posicionado em um prato com o que parecia resto de ovos mexidos. Quando Daryl se lançou a frente mais uma vez, ela pegou o garfo e o esticou a frente em um movimento que a lembrava dos seus anos mais jovens. Ela se moveu com a velocidade de um boxeador experiente, e as hastes do garfos se enfiaram na bochecha esquerda de Daryl antes que ele o arrancasse.

Ele gritou , largando o rolo de massas e se dobrando para frente. “Filha da puta!” ele gritou, “Eu vou matar você também. Então Wendy Hudson, então eu terei acabado com todas elas!” Ele deixou sair um rugido de ira ao se chocar com ela. Ela enfiou o braço no seu ombro direto, as garras completamente enterradas. Ela o deixou ali. Ele uivou novamente, mas continuou. Ele a lançou com força contra a beirada da pia uma, duas... a dormência em suas costas se espalhando. Ela temia que pudesse fazê-la cair. E se ela atingisse o chão novamente...

“Todas elas me provocavam, até mesmo Julie,” ele continuou. “Mesmo durante o caso, ela ameaçou contar a Taylor se eu não fizesse certas coisas. Elas estão todas controlando... cada uma delas. Flertando. Mostrando a pele. Fazendo-me fraco... elas — “

Kate tirou vantagens do momento de fraqueza dele. Ela levantou o joelho na barriga dele. Ele dobrou-se para frente e quando ele o fez, Kate lançou sua mão direita para baixo. Ela conectou com o queixo dele e o mandou ao chão.

Na queda, ele agarrou a blusa dela. Se não fosse uma luta de vida ou morte, poderia parecer que ele estava tentando agarrar o seio dela. Ele puxou com força e ela lutou contra, lançando seu joelho esquerdo com força no peito dele. Eles caíram em um amontoado de pernas e braços, lutando por controle contra a lateral da pia.

“Parado!”

O grito veio do nada. Ambos Kate e Daryl se viraram em direção da voz. Com a visão embaçada, Kate viu DeMarco de pé n entrada da cozinha.

“Largue-a,” disse Demarco.

Daryl respondeu em seguida. Ele levantou as mãos e se afastou. Ele deu um passo cambaleante para o lado e se virou lentamente para DeMarco. O garfo ainda estava em seu ombro, firme como um tronco no chão.

“De joelhos, mãos na nuca,” ordenou DeMarco.

“Você não entende,” ele disse enquanto obedecia as ordens dela. “Elas era do mal. Estavam me usando. Infiéis. Dementes. Elas amavam ter homens olhando para elas... até na piscina, até aqueles adolescentes...”

“Você está bem, Wise?” DeMarco perguntou, ignorando-o.

Kate só assentiu. Suas costas eram um nó de nada, a dormência não mais se espalhando, mas parecendo se concentrar. As estrelas pretas ainda estavam na sua visão e ela estava bem certa que o lado da sua cabeça que havia recebido o rolo de massas estava inchada. Ela se encostou na pia, assistindo DeMarco enquanto esta se movia para trás de Daryl.

Ela viu Daryl se mover antes de DeMarco, que tinha atenção na parceira ferida.

Kate gritou um aviso e os próximos segundos pareceram explodir em movimento.

Daryl se moveu com a energia e desespero de um homem encurralado. Em um movimento que quase cômico de tão mórbido, ele arrancou o garfo do ombro e o enfiou na perna de DeMarco. Quando ela dobrou os joelhos e soltou um grito, Daryl foi imediatamente para mão direita dela. Ele enfiou os dentes no pulso dela e a puxou com força pelo braço.

Ela largou a arma de surpresa e no momento em que esta atingiu o chão, ele a procurou.

Kate correu para frente, esperando que suas costas dormentes iriam simplesmente lembrarem o que deveriam fazer. Ela notou que DeMarco estava de joelhos agora, apertando o pulso. Ela estava perdendo sangue para diabo.

Mas Kate tinha que olhar além disso. A mão de Daryl estava sobre a arma agora. Seus dedos se dobrando ao redor dela...

Kate levou seu joelho esquerdo acima, acetando o rosto dele em cheio. Ouve um barulho de esmagamento quando o nariz dele se quebrou em pedaços. Ele caiu para trás, tonto. Seus olhos vagaram e sangue veio jorrando do seu nariz. Kate recuperou a arma e a manteve apontada para ele. Seus braços estavam tremendo e ela estava fazendo tudo o que podia para não puxar o gatilho.

“DeMarco... como você está?”

“Sangrenta.”

Ainda assim, ela se levantou e foi a frente, ainda apertando o pulso mordido. Ela puxou um pano de prato da maçaneta da porta do forno e enrolou ao redor do pulso. Então, ela colocou algemas com experiência em um Daryl Woodward quase em comatose. Quando ela o manteve em segurança, ela o largou. Ele deu um único passo trôpego à frente e então caiu de cara no chão.

As duas mulheres olharam uma para outra em um silêncio atordoado. Late não podia se lembrar da última vez que ela havia tomado tamanha surra. Mas essa preocupação era secundária ao que ela via em DeMarco. A agente mais jovem estava cambaleando, tendo que se apoiar no balcão da cozinha para não cair. O pano de prato que ela enrolou no pulso estava quase todo encharcado com sangue. Daryl tinha mordido profundamente, aparentemente, rompendo uma artéria.

“Fique comigo, OK?” ela disse a DeMarco. Ela tirou o celular e discou 911.

“Sim,” disse DeMarco com um sorriso sonolento. “Não vou a lugar nenhum.”

Ela até deu uma risadinha nervosa antes que seus olhos se fechassem e ela caísse no chão logo ao lado de Daryl Woodward.

CAPÍTULO TRINTE E NOVE

Kate se viu sentada no escritório de Duran pela segunda vez em uma semana. Dessa vez, as coisas não estavam tão cordiais, no entanto. DeMarco estava sentada ao lado dele e estava aparente que ela não estava acostumada a ser repreendida. Também era aparente que ela não estava acostumada a se ferir. Ela recebeu duas injeções e vinte e seis pontos por causa da mordida de Daryl Woodward. Ela perdeu muito sangue, mas esteve estável o tempo inteiro, assim que a ambulância chegou.

Quanto a Kate, ela estava dolorida. A luta com Woodward tirou tudo dela. Era prova de quanto condicionamento lhe faltava. E era mais do que não treinar como ela costumava. Era a idade — algo que ela não comentava.

Duran havia acabado de reprimi-las extensivamente por entrar na casa de Daryl Woodward dois dias atrás. Ele estava amis agravado pela desobediência direta do que pelo fato de ambas ficaram machucadas e acabaram quase matando um homem.

A graça salvadora delas veio em uma série de gravações de áudio no telefone de Daryl. Ele mantinha um registro das movimentações diárias de Julie e Lacy. As gravações datavam de dois meses. Ele as insultava enquanto narrava seus horários. Uma gravação em particular ia em grande detalhe sobre um encontro com Julie. A descrição de uma tatuagem na parte interna da coxa dela basicamente selou o caso para elas.

“Então, aqui está meu enigma,” disse Duran. “Eu vou admitir pensar que o caso terminou quando você prendeu Julio Almas — outra parte do caso com a qual você nunca deveria estar envolvida, Wise. Mas você foi intuitiva o suficiente para ver através. Sim, você quase matou um homem antes que você estivesse absolutamente certa de que ele fosse o assassino, mas no fim parece que você pode ter salvado uma vida. Um dos registros dele deixava claro que Wendy Hudson era a próxima.”

“Eu tenho que me desculpar novamente,” disse Kate. “Eu tive o palpite, mas eu queria ter certeza antes de lhe informar. Mas como você sabe, eu nunca tive a chance.”

Duran acenou um “deixa disso”. “Você pegou um assassino, Wise. Eu não acompanho esse tipo de coisa, mas completa mais que cinquenta na sua carreira, certo?”

Ela deu de ombros. Honestamente, ela nunca havia acompanhado isso, nem quando os outros agentes sussurravam sobre os seus números e

elogiavam com admirada reverência.

“Esse caso prova uma coisa para mim, Wise. O fato de que você ainda consegue resultados — mesmo depois de todo mundo ao ser redor dizer que o caso está fechado — mostra que, cinquenta e cinco ou não, sua cabeça está aguçada como sempre.”

“Obrigada... eu acho.”

“Eu falei com os outros diretores,” disse Duran. “Nós queremos você de volta. Podemos contornar as regras, encontrar uma maneira de conseguir uma protelação para voltar por um ano. Então veja como você se sente. Sabemos que você está entediado com a aposentadoria. E precisamos de você. E claramente, você é tão capaz agora quanto era há um ano quando você saiu. O que você acha?”

Kate assentiu. Ela queria pular na oferta logo de cara. Mas no fundo da sua mente ela pensou em Melissa, em Michelle... e até mesmo em Allen Goldman.

Eu vou ligar para ele quando voltar para casa, ela pensou, a ideia aleatória e estranha no escritório de Duran. Vou ligar para ele e aceitar o jantar. E se ele tentar me beijar vou deixá-lo.

Ela pensou no porquê de o pensamento lhe ocorrer. E então percebeu que estava ansiando por vida. Por uma vida real, normal. Pelo fim da perseguição a assassinos.

E ainda assim, por mais que ela ansiasse, ela também queria estar de volta à ação.

Ela se sentia dividida.

Uma parte dela estava cansada. Mas a outra parte, a parte mais forte, precisava da ação.

“Posso pensar nisso?” ela perguntou.

“Sim. E se você pegar isso, eu gostaria que você fosse parceira de DeMarco indefinidamente. Ela precisa de você também.”

“Obrigada, senhor.”

DeMarco olhou para Kate com um sorriso sorrateiro — um olhar que dizia: A bola está com você...

Por um momento, Kate se viu pensando em Jimmy Parker Logan Nash — o primeiro parceiro com o qual ela trabalhou e o último antes da sua aposentadoria. Jimmy foi seu mentor e Logan a procurou por orientação em algumas áreas. Olhando para DeMarco, Kate imaginou se pudesse ser tempo para ela fechar o círculo — de ser uma mentora e professora para

DeMarco da mesma forma que Jimmy a havia ajudado durante os primeiro anos.

Não que DeMarco já não fosse uma agente excepcional. Mas ser acorrentada a Crimes Violentos por tanto tempo e então ser jogada livre no campo, ela seria uma parceira excitante para se trabalhar.

Ela pensou em Melissa mais uma vez, sua filha que estava buscando uma carreira no FBI serialmente, uma carreira que Kate moldou para a vida inteira de Melissa. O pensamento fez seu pensamento maternal entrar em ação. Mas sinceramente, também a animava um pouco.

Ela foi de saída por uma pequena área de espera em frente ao escritório de Duran. Antes de chegar ao corredor, DeMarco a alcançou.

“Você vai voltar, né?” ela perguntou.

Kate sorriu.

“Eu posso ser estúpida demais para deixar passar,” ela disse.

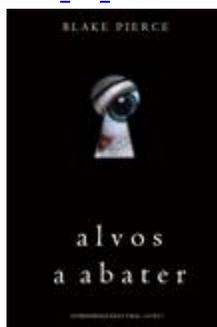
DeMarco riu. Era um som doce, vindo da garganta da mulher que salvou sua vida dois ias atrás. DeMarco escapou apenas com pontos no antebraço e Kate conseguiu escapar com nada além de um machucado grave nas costas. E aqui elas estavam agora, rindo sobre isso.

Se isso fosse um sinal das coisas que estavam por vir, Kate acreditava que seu ano de aposentada poderia não ser mais que uma decisão tola que se encolhia mais e mais no retrovisor da sua vida.

O futuro, de repente, florescia brilhantemente à frente no horizonte.

Livro # 2 em breve!

Você sabia que eu escrevi vários romances do gênero? Se você não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo para baixar o livro inicial de cada série!





SEM PISTAS
(um Mistério de Riley Paige –Livro 1)

Mulheres aparecem mortas nos arredores rurais de Virgínia , assassinadas de formas grotescas e, quando o FBI é chamado , eles ficam perplexos . Um assassino em série está à solta, seus atos são cada vez mais frequentes, e eles sabem que há apenas uma agente boa o suficiente para resolver este caso: a agente especial Riley Paige .

Riley encontra-se afastada do trabalho, recuperando-se de seu encontro com o último assassino em série. Frágil do jeito que está, o FBI se vê relutante em pedir ajuda à sua mente brilhante. No entanto, Riley, precisando lutar contra seus próprios demônios, entra no caso e sua investigação a leva à perturbadora subcultura de colecionadores de bonecas, a casas de famílias desfeitas e aos lugares mais sombrios da mente do assassino. À medida que Riley decifra os mistérios, ela percebe que está prestes a encontrar o assassino mais perverso que poderia ter imaginado. Em uma corrida frenética contra o tempo, Riley se vê pressionada ao limite; seu trabalho encontra-se em jogo; sua própria família, em perigo e sua frágil psique à beira de um colapso nervoso.

Mesmo assim, uma vez que Riley Paige assume um caso, ela não desiste. Ela fica obcecada pela investigação, levando-a para os cantos mais escuros de sua própria mente, a divisa entre caça e caçador se confundem. Após uma série de reviravoltas inesperadas, seus instintos a levam a um clímax chocante que nem mesmo ela poderia ter imaginado.

Um thriller psicológico sombrio e com suspense de tirar o fôlego, SEM PISTAS marca a estreia de uma fascinante nova série - e um novo personagem amado - que o deixará virando as páginas até tarde da noite.

O Livro 2 da série de Riley Paige logo estará disponível.



ANTES QUE ELE MATE
(Um Enigma Mackenzie White—Livro 1)

Do autor nº 1 autor em best-sellers, Blake Pierce, vem uma nova série de enigmas de acelerar o coração.

Nos milhares de Nebraska uma mulher é encontrada assassinada, pendurada em um poste de madeira, vítima de um assassino demente. Não é preciso muito tempo para que a polícia perceba que um serial killer está à solta—e que sua diversão está apenas no começo.

A Detetive Mackenzie White, jovem, durona, e mais inteligente do que os homens machistas e velhos da sua força local, é chamada a contragosto, para ajudar a resolver o caso. Por mais que os outros oficiais odeiem admitir isso, eles precisam de sua mente jovem, brilhante, que já ajudou a resolver casos arquivados que os deixaram perplexos. No entanto, mesmo para Mackenzie este novo caso parece um enigma impossível, algo que ela—e a força local— nunca viram em tempo algum.

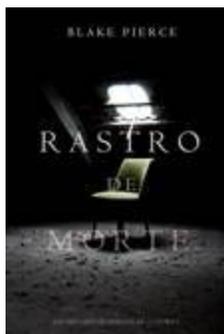
Com o FBI no caso, juntos, dá-se prosseguimento à uma caçada intensa. Mackenzie, sofrendo com seu passado triste, seus relacionamentos fracassados, e sua inegável atração pelo novo agente do FBI, encontra-se lutando contra os seus próprios demônios enquanto a caça ao assassino a leva para os lugares mais sombrios de sua mente. Quando ela investiga a mente do assassino, obcecada por sua psicologia distorcida, ela descobre

que o mal realmente existe. E apenas espera que não seja tarde demais para livrar-se dele, já que toda a sua vida está desmoronando ao seu redor.

À medida que mais corpos aparecem e começa uma corrida frenética contra o tempo, não há nenhuma opção a não ser encontrá-lo antes que ele mate novamente.

Um thriller psicológico sombrio com um nível de suspense que acelera o coração, ANTES QUE ELE MATE marca a estreia de uma nova série fascinante—e uma querida nova personagem—que farão você virar páginas até tarde da noite.

O Livro n º2 da série de Enigmas Mackenzie White estará disponível em breve.



RASTRO DE MORTE
(Um Mistério de Keri Locke--Livro 1)

"Um enredo dinâmico que nos prende do primeiro capítulo e não nos solta mais".

--Midwest Book Review, Diane Donovan (em relação a Sem Pistas)

O autor número um de livros de suspense, Blake Pierce, lança uma nova obra-prima do suspense psicológico.

Keri Locke, detetive do Departamento de Pessoas Desaparecidas na Divisão de Homicídios da LAPD, ainda é assombrada pelo rapto de sua própria filha, que foi levada alguns anos antes e nunca mais foi vista. Obcecada em encontrar sua filha, Keri tenta esquecer sua dor da única maneira que conhece: mergulhando nos casos de pessoas desaparecidas em Los Angeles.

Uma ligação rotineira de uma mãe preocupada com uma estudante do ensino médio, desaparecida há apenas duas horas, deveria ser ignorada. Mas algo na voz daquela mãe mexe com Keri, e ela decide investigar.

O que ela descobre é chocante. A filha desaparecida — de um proeminente senador — estava escondendo segredos de todos. Quando as evidências apontam para uma fuga, Keri é afastada do caso. Ainda assim, apesar da pressão de seus superiores, da mídia, apesar de todas as pistas serem frias, a brilhante e obcecada Keri se recusa a desistir. Ela sabe que só tem 48 horas se quiser trazer essa garota de volta com vida.

Um suspense psicológico sombrio com uma trama de tirar o fôlego, RASTRO DE MORTE marca o início de uma emocionante nova série — e de uma personagem muito querida — que lhe deixará com vontade de ler o livro de uma só vez.

"Uma obra-prima de suspense e mistério! O autor fez um trabalho magnífico desenvolvendo os personagens com um lado psicológico tão bem descrito que nos sentimos dentro de suas mentes, identificados com seus medos e torcendo pelo seu sucesso. A trama é muito inteligente e lhe manterá entretido por todo o livro. Cheio de reviravoltas, este suspense lhe deixará acordado até a última página".

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos (em relação a Sem Pistas)

O Livro 2 da série Keri Locke estará disponível em breve.



RAZÃO PARA MATAR **(Um mistério de Avery Black – Livro 1)**

“Uma história dinâmica que prende a atenção desde o primeiro capítulo e não te solta mais”

--Midwest Book Review, Diane Donovan (sobre Once Gone)

Do autor de suspenses número 1, Blake Pierce, a nova obra-prima do suspense psicológico.

A detetive de homicídios Avery Black passou por muitos problemas. Uma vez considerada uma advogada criminal das melhores, ela caiu em desgraça quando conseguiu libertar um brilhante professor de Harvard e o viu cometer outro assassinato em seguida. Black perdeu seu marido e sua filha, e viu sua vida desmoronar sob seus olhos.

Tentando se redimir, Avery passou para o outro lado da lei. Trabalhando duro, ela se tornou Detetive de Homicídios, para desgosto de seus colegas de trabalho, que ainda lembram do que ela fez e, por isso, sempre a odiarão.

Mesmo assim, eles não podem negar que Avery tem uma mente brilhante, e quando um serial killer perturbador começa a espalhar medo pelo coração de Boston, matando garotas dos colégios de elite, é com Black que eles contam. É a chance de Avery para provar sua redenção. No entanto, ela vai descobrir em breve que o assassino em seu caminho é tão brilhante e ousado quanto ela.

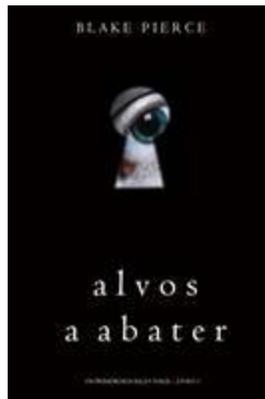
Nesse jogo psicológico de gato e rato, mulheres estão morrendo com pistas misteriosas, e os riscos não poderiam ser maiores. Uma corrida frenética contra o tempo leva Avery a uma série de reviravoltas chocantes e inesperadas, que culminam em um clímax que nem Black poderia imaginar.

Uma história psicológica obscura com um suspense perturbador, RAZÃO PARA MATAR marca a estreia de uma nova série fascinante e de uma nova personagem amada, que o farão ler páginas e páginas noite adentro.

O livro 2 da Série Avery Black estará disponível em breve.

“Uma obra-prima de suspense e mistério. Pierce fez um trabalho magnífico criando personagens com um lado psicológico tão bem descritos que nos fazem sentir dentro de suas mentes, acompanhando seus medos e celebrando seu sucesso. A história é muito interessante e vai lhe entreter durante todo o livro. Cheio de reviravoltas, este livro vai lhe manter acordado até que você chegue à última página.”

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos (sobre Once Gone)



ALVOS A ABATER
(Os Primórdios Riley Paige – Livro 1)

“Uma obra-prima de thriller e mistério! O autor fez um trabalho magnífico no desenvolvimento das personagens com um lado psicológico tão bem trabalhado que temos a sensação de estar dentro das suas mentes, sentindo os seus medos e aplaudindo os seus sucessos. A história é muito inteligente e mantém-nos interessados durante todo o livro. Pleno de reviravoltas, este livro obriga-nos a ficar acordados até à última página.”

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos (re Sem Pistas)

ALVOS A ABATER (Os Primórdios de Riley Paige – Livro Um) é o primeiro livro de uma nova série de thrillers psicológicos escrito pelo autor de sucesso Blake Pierce, cujo best-seller gratuito Sem Pistas (Livro #1) recebeu mais de 1,000 opiniões com cinco estrelas.

Riley Paige, uma especialista em psicologia de 22 anos – e aspirante a agente do FBI – luta pela vida quando os amigos mais próximos do campus são raptados e mortos por um assassino em série. Ela pressente que também é um alvo – e que, para sobreviver, tem que fazer uso da sua mente brilhante para parar o assassino.

Quando o FBI não consegue avançar no caso, ficam impressionados com a aguçada perceção que Riley demonstra para entrar na mente do assassino e permitem que ela os ajude. Contudo, a mente do assassino é um lugar

sombrio, perverso, demasiado diabólico para compreender, ameaçando abater Riley emocionalmente. Neste jogo mortífero do gato e do rato, conseguirá Riley sobreviver sem cicatrizes?

Um thriller pleno de ação com suspense de cortar a respiração, *ALVOS A ABATER* é o livro #1 de uma nova série alucinante que o obrigará a não largar o livro até o terminar. Os leitores vão recuar 20 anos até ao início da carreira de Riley – e é o complemento perfeito para a série *SEM PISTAS* (Um Mistério de Riley Paige) que já conta com 13 livros e continua.

O livro #2 da série *OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE* estará brevemente disponível.

Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho), da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas THE MAKING OF RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

[SEM PISTAS](#) (da série Riley Paige—Livro 1), [ANTES QUE ELE MATE](#) (da série Mackenzie White – Livro 1), e [RAZÃO PARA MATAR](#) (da série Avery Black – Livro 1) e [UM RASTRO DE MORTE](#) (Um Mistério de Keri Locke--Livro 1) estão disponíveis com o download grátis no Amazon!

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

LIVROS ESCRITOS POR BLAKE PIERCE

SÉRIE DE ENIGMAS KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro nº1)

SE ELA VISSE (Livro nº2)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

ESPERANDO (Livro #2)

SÉRIE DE MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

SÉRIE DE ENIGMAS MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro nº1)

ANTES QUE ELE VEJA (Livro nº2)

ANTES QUE COBICE (Livro nº3)

ANTES QUE ELE LEVE (Livro nº4)

ANTES QUE ELE PRECISE (Livro nº5)

ANTES QUE ELE SINTA (Livro nº6)

ANTES QUE ELE PEQUE (Livro nº7)

ANTES QUE ELE CAÇA (Livro nº8)

ANTES QUE ELE ATAQUE (Livro nº9)

SÉRIE DE ENIGMAS AVERY BLACK

MOTIVO PARA MATAR (Livro nº1)

MOTIVO PARA CORRER (Livro nº2)

MOTIVO PARA SE ESCONDER (Livro nº3)

MOTIVO PARA TEMER (Livro nº4)

MOTIVO PARA SALVAR (Livro nº5)

MOTIVO PARA SE APAVORAR (Livro nº6)

SÉRIE DE ENIGMAS KERI LOCKE

UM RASTRO DE MORTE (Livro nº1)

UM RASTRO DE HOMICÍDIO (Livro nº2)

UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro n°3)
UM RASTRO DE CRIME (Livro n°4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro n°5)